

[ENSAIOS
CRÍTICOS]

PERI PHYSEOS

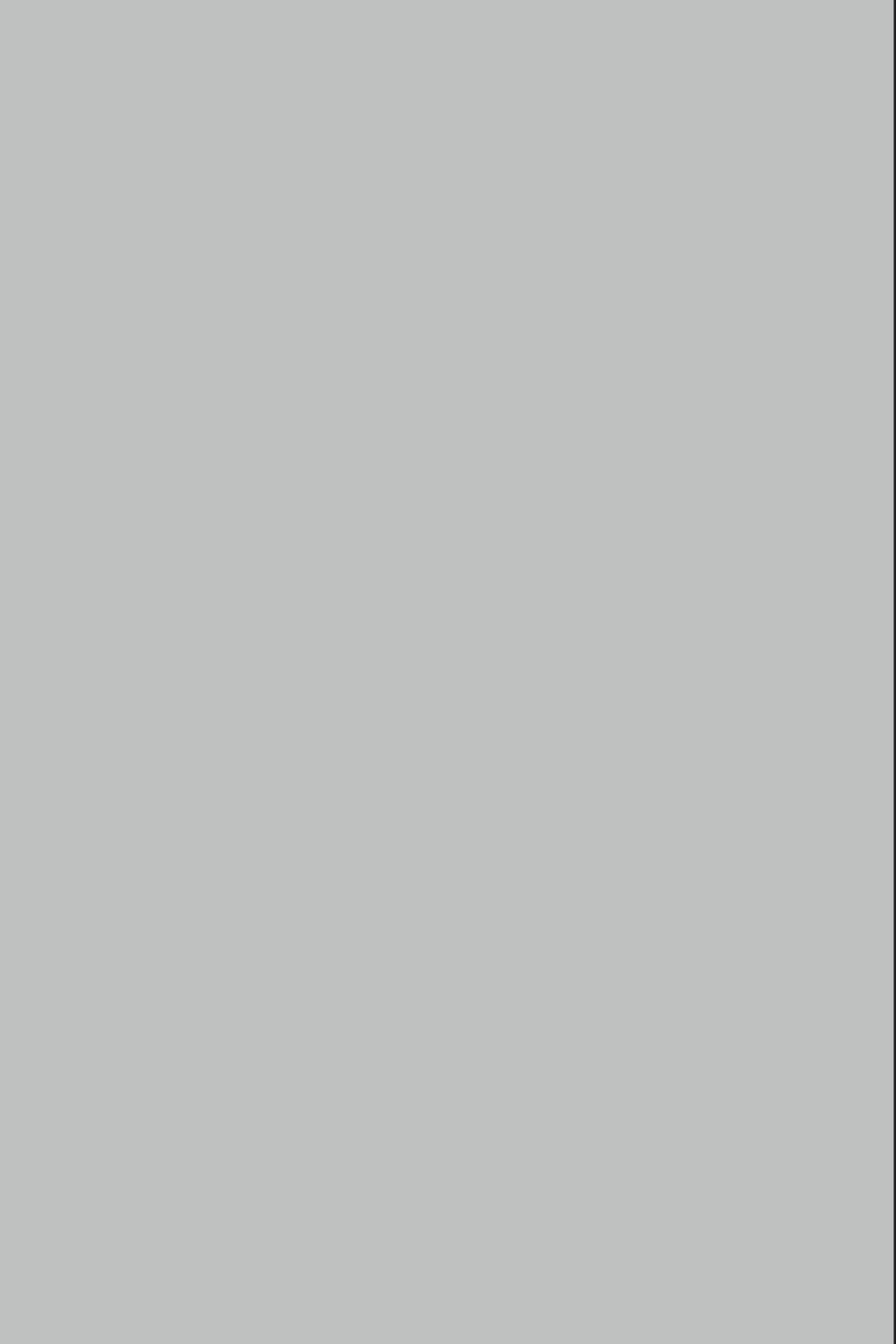
Experimentalismo
semiótico sob o céu
de Curitiba

Adriano Felix Castro Junior

[] [] []
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca
Parana **B**





ADRIANO FELIX CASTRO JUNIOR

**PERI PHYSEOS:
EXPERIMENTALISMO SEMIÓTICO
SOB O CÉU DE CURITIBA**



FAZENDA RIO GRANDE - 2025



COPYRIGHT © 2025 BY ADRIANO FELIX CASTRO JUNIOR

Título: **PERI PHYSEOS**

Subtítulo: **EXPERIMENTALISMO SEMIÓTICO SOB O CÉU DE CURITIBA**

Linha literária: **COLETÂNEA DE ENSAIOS CRÍTICOS**

Rodrigo Guedes

Design de capa

Tâni Falabello e Paula Vendramini

Revisão

Lhaisa Andria

Diagramação

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Castro Junior, Adriano Félix

Peri Physeos : experimentalismo semiótico sob
o céu de Curitiba / Adriano Félix Castro Junior. --
Fazenda Rio Grande, PR : Lumus Editora, 2025.

ISBN 978-65-85802-24-6

1. Ensaios brasileiros 2. Existência (Filosofia)
3. Filosofia 4. Semiótica I. Título.

25-254202

CDD-080

Índices para catálogo sistemático:

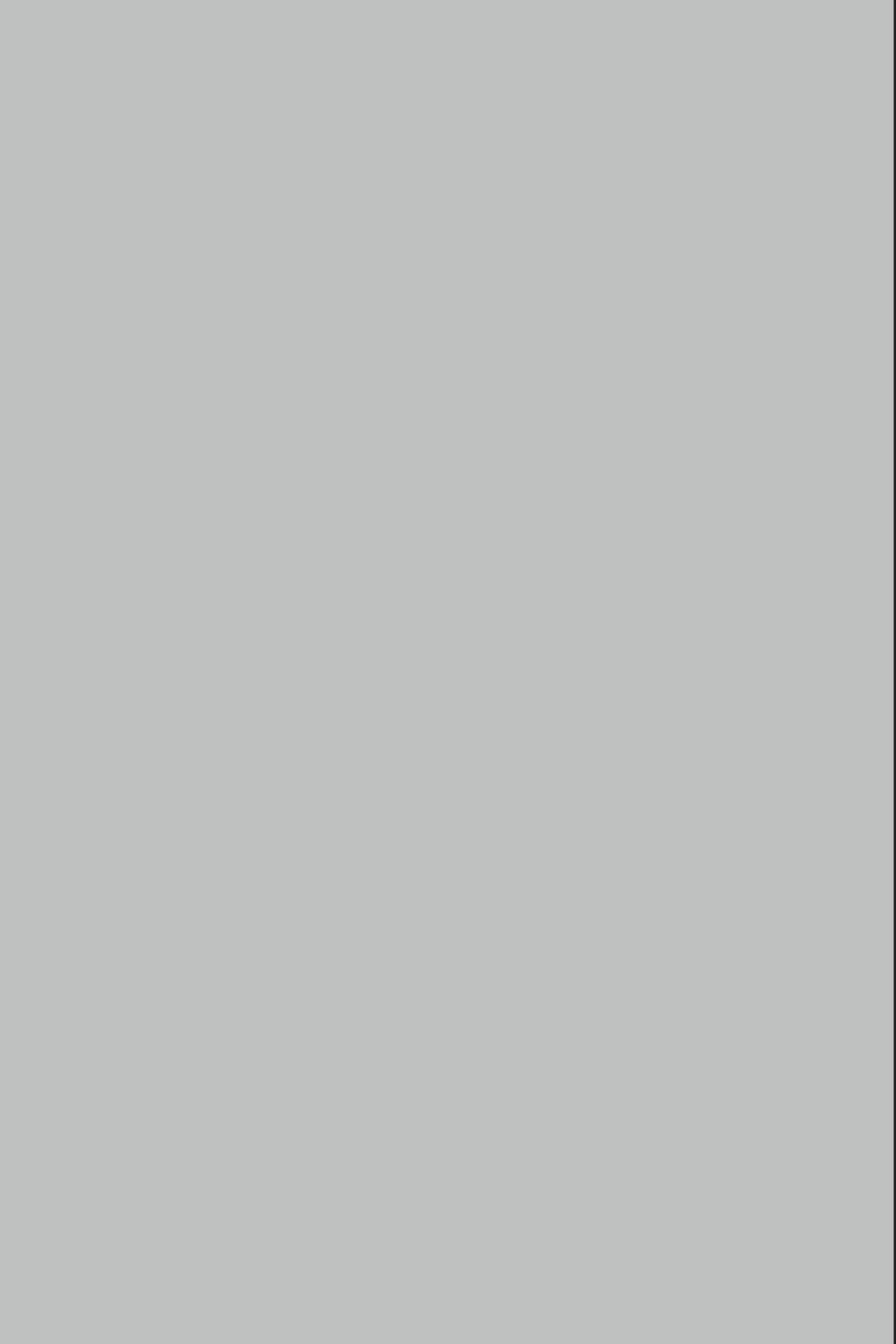
1. Ensaios : Coletâneas : Literatura 080

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



www.lumuseditora.com.br





SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO - Quem é o signatário? 9

LIVRO I - O OLHO AZUL: O Filósofo como Multiplicidade

I REALIDADE EM DEVIR: pensando em coisas que não são 15

II OS PRIMEIROS FILÓSOFOS: a gênese da filosofia 19

II.I TALES DE MILETO: realidade como uma 23

II.II ANAXIMANDRO DE MILETO: existir como penitência ... 27

II.III HERÁCLITO DE ÉFESO: multiplicidade e harmonia 31

III O FILÓSOFO MÚLTIPLO: a hipótese de Nietzsche 39

IV O FILÓSOFO-ARTISTA: filosofar como posicionamento 51

REFERÊNCIAS 56

LIVRO II - O OLHO CASTANHO: Sob o Céu de Curitiba
(sem interesse em ajudar a encontrar as páginas)

CONTOS E ANEDOTAS DE PRIMAVERA, por Adriano

EXPERIMENTOS ESTÉTICOUTONOS: Céus de Curitiba, por
Felix

TEXTOS QUENTES PARA NOITES DE INVERNO, por Castro

POEMAS, ELES, VERÃO, por Junior

Quadros: Céus de Curitiba



QUEM É O SIGNATÁRIO?

A originalidade deste escrito está no esforço. Quer tanto ser que acontecer é inevitável. Se faz em páginas-camadas que, quando sobrepostas, escancaram um aspecto da condição humana, numa filosofia jovem, alegre, múltipla, um tanto difusa, mas que tem seu charme. Peça de porcelana pintada por uma criança, é o primeiro cintilar de uma estrela, inocente e universal.

É o pensar cotidiano de um filósofo-artista, testemunho sincero do autor, *Adriano Felix Castro Junior*, em seu processo de subjetivação, entre os 19 e 20 anos. Esse reivindica para si o título de filósofo, poeta, ensaísta, cronista e pintor. É Napoleão coroadando a si próprio; mas Napoleão já tinha renome por seus feitos, Felix só tem seus nomes.

Além dos nomes, carrega na carga genética uma anomalia, a síndrome de *Waardenburg*, que marca seu fenótipo com a heterocromia. O olho direito é azul, o esquerdo é castanho. Esse exemplar humano, cheio de dualidades, se formou na escola pública e, mais tarde pelo PROUNI, em Filosofia; por isso, com isso, floresce para sua sociedade, mostra os resultados dos primeiros anos de estudos sobre sublimes contradições.

E pelo apego ao que é sublime, a obra não se prende aos grandes paradigmas filosóficos ou literários. Nada supera a grandiosidade dos dias, anônimos dias, que se amontoam na história. Os dias norteiam a obra, para a diversão de leitores demorados.

Machado de Assis diz, em **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, que “o melhor prólogo é o que contém menos coisas, ou o que as diz de um jeito obscuro e truncado”¹. Se Machado e Martelo são as minhas ferramentas, essa abordagem, embora mais difícil, é sempre adotada.

¹ ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Porto Alegre: L & PM, 1997, p. 13;

De todos os conceitos investigados, até a primavera de 2020, o mais instigante, extraído das leituras sobre Heráclito, é a do sujeito heterônimo, um corpo unitário, regido por uma multidão de, assim chamado pelo pré-socrático, *daimons*. Pessoalmente, tomo essa como uma possibilidade para o *Übermensch*, que se apropria das características do *devoir*, para criar a realidade como um filósofo-artista. Esses *daimons* são impulsos de dominação, que precisam ser meditados e mediados, para produzir a harmonia com o *lógos*, isto é, homologar.

Estes *daimons* dominadores implicam em *ethos*, modos de ser e estar no mundo. Os primeiros filósofos são caracterizados seus *ethos*, reconhecidos em suas máximas.

Além disso, foi constatado com o maior rigor, a total inutilidade (se me é permitido *leminskar*) da filosofia e da arte para a vida. E que a vida só tem sentido pleno nas inutilidades.

Por ser inútil, o livro se desenrola em elucubrações sem fim, é um pensar de invenção sem finalidade, e aí reside seu experimentalismo comunicativo, que por falar dos bastidores de um emissor fragmentado, em busca de um hipotético destinatário de sua possível criação, explora meios metalinguísticos e poéticos para compor a reflexão; portanto, é um enrosco semiótico.

Não é fácil falar de coisas difíceis, principalmente de si mesmo. Com as limitações da linguagem, o livro é dividido em duas partes. A primeira é o Livro do Olho Azul, um estudo histórico dos filósofos fiscalistas: Tales, Anaximandro e Heráclito, a partir de Nietzsche. O *ethos* de Tales aparece como científico, enquanto de Anaximandro, moralista. O primeiro intui a *arché*, o segundo reconhece o *devoir*. Heráclito, por um *daimon* estético, expressa um *daimon* que não compara nem moraliza, puramente flui.

Friedrich, o garotão de Sorrento, aparece, principalmente, em duas obras, **A Vontade de Poder** (referenciada como 2008) e **A Filosofia na Época Trágica dos Gregos**, (referenciada como 2008b). A primeira é a espinha dorsal de todo o livro,

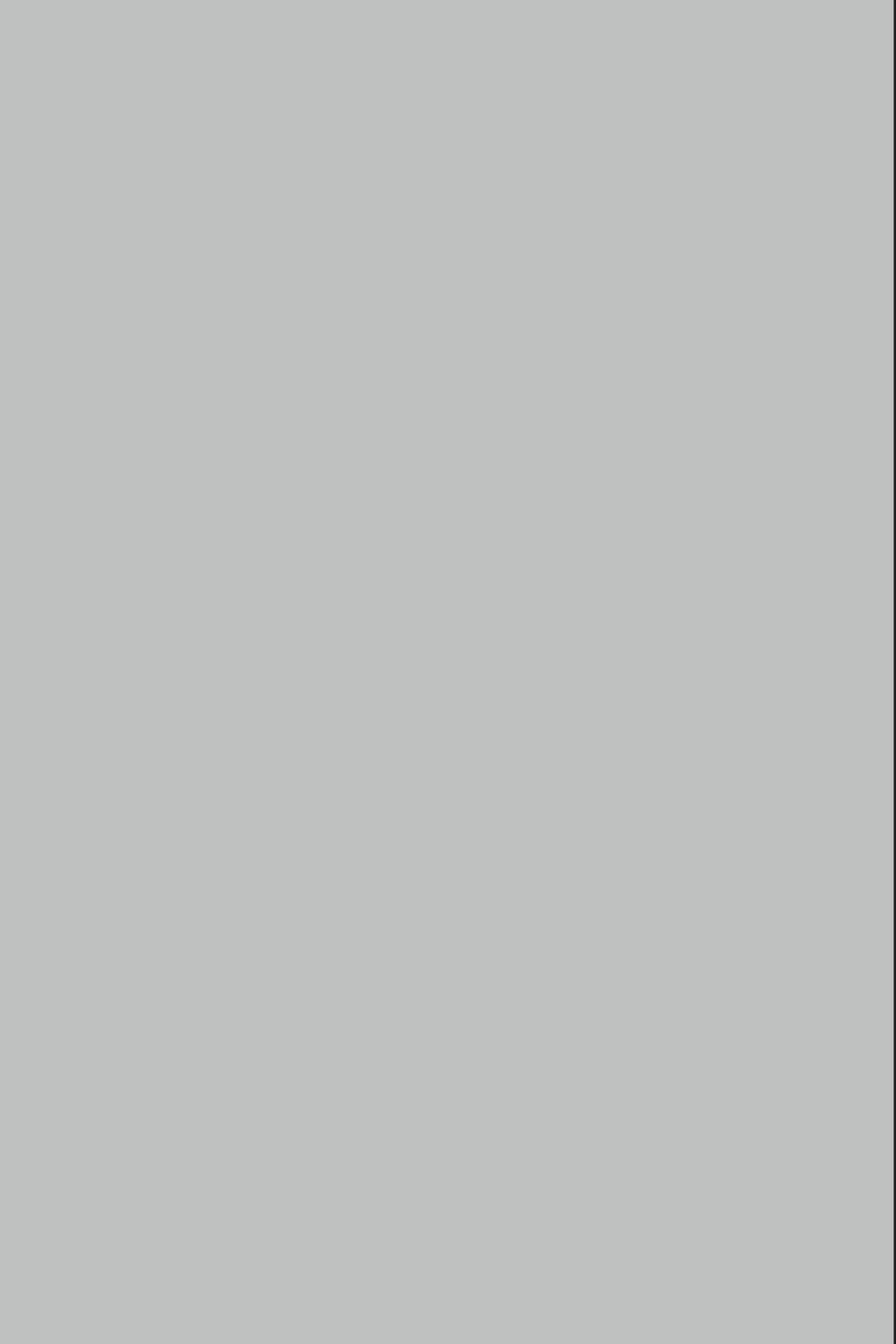
fonte de referências e estímulo estilístico; a segunda investiga os antigos helênicos, e nos pormenores desses, em seus *daimons* fundamentais, disserta sobre o indivíduo, o ser, o não-ser e a *physis*.

O Livro do Olho Castanho, segunda parte, é a performática dos *daimons* presentes no autor, meus heterônimos. Essa parte se ramifica em outras quatro, cada uma com estilo próprio, desenvolvido no contato do *daimon*-escritor com o mundo da vida. O primeiro livro é formal, acadêmico, e ousado em sua gaia-revisitação logocêntrica. O segundo tem assinatura livre, é da cidade; armazena ensimesmamentos que exaltam o céu, os amigos, os problemas, os ônibus, as crises, a vida e justamente por isso se integra a cultura, em especial, a paranaense (afinal, Leminski foi citado há pouco).

Para nomear os heterônimos que compõem o *corpus*: o primeiro é **Adriano**, um impulso científico que analisa atentamente os dados da realidade; tem porte oxfordiano, é metódico e palestrinha de termos grego e latinos, o que o torna um bom narrador; adora usar terno, porque sabe que as pessoas creditam quem usa terno. **Felix**, o impulso mais forte no autor, é filosófico, transpõe o verificável para universalizar a existência e conversar com todo o tipo de gente. Todo o conhecimento é acessível, pelo amor às pessoas. **Castro** é misterioso, místico, quase mago. Calado e introspectivo que sofre de erupções mentais que resultam em argumentações exageradamente dramatizadas, que exigem muito gestual. Ser de revolta e rebeldia, é político como Péricles, ao mesmo tempo que a Clara Crocodilo do cotidiano. **Junior**, Juca para os mais íntimos, é o impulso de erótico, artista que se encanta com tudo, que ri e chora; ora a criança que brinca com a vida, ora o galanteador que quer seduzir. Poeta apegado às sensações, às experiências, aos amores, às dores, é um sofredor nato.

Eis o corpo mental do autor.

A filosofia é o princípio do prazer no uso do pensamento. A obra convida o leitor a gozar com inutilidades prazerosas.

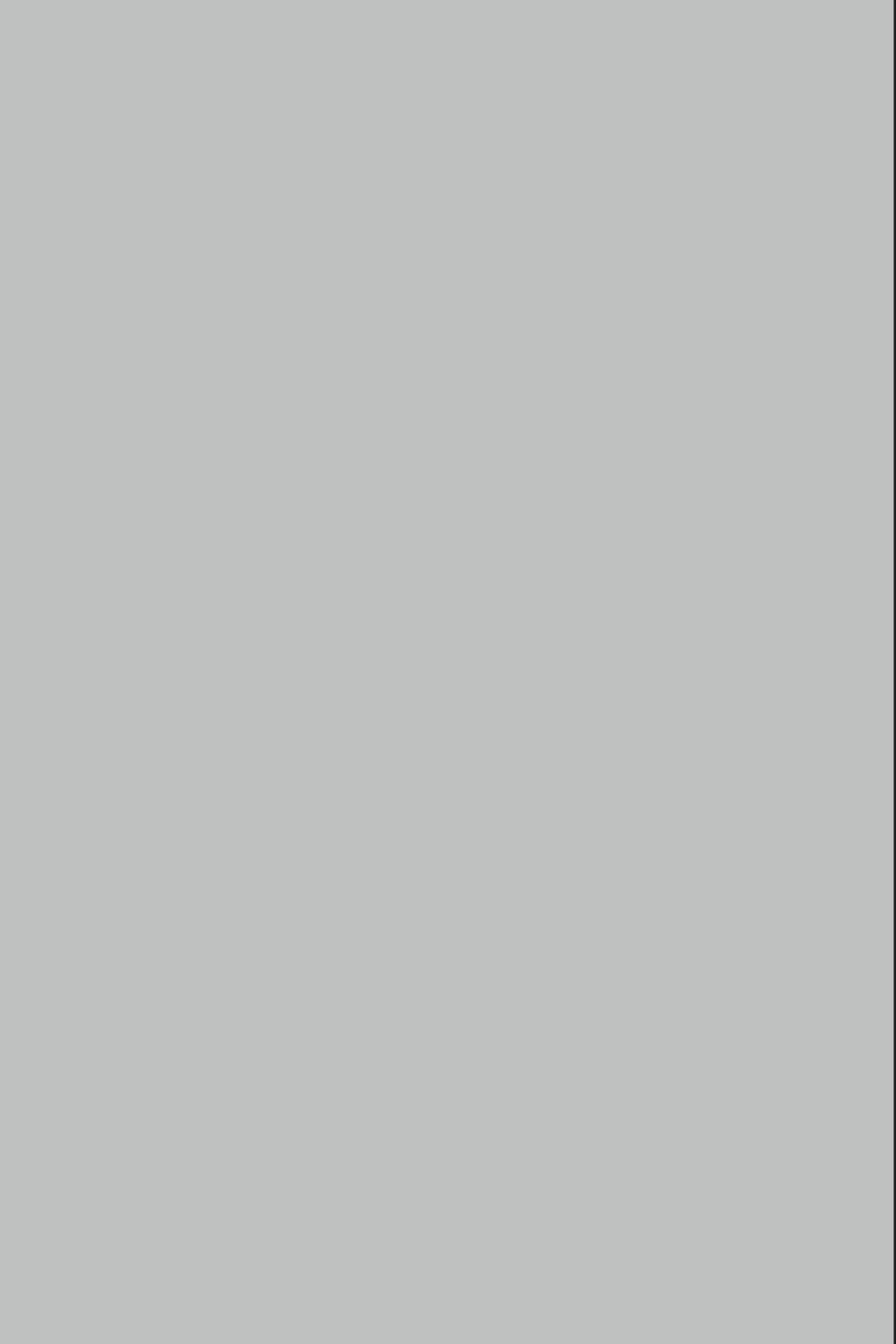


PARTE I

O LIVRO DO OLHO AZUL: FILÓSOFO COMO MULTIPLICIDADE

O que vimos e pegamos é o que largamos, e o que não vimos nem pegamos é o que trazemos conosco².

² HERÁCLITO, *apud* COSTA, 2012, p. 149;



I. UMA REALIDADE EM DEVIR: PENSANDO EM COISAS QUE NÃO SÃO

A Verdade não existe e a realidade é inacessível ao entendimento, sempre limitado. Um ceticismo tão drástico coloca em xeque todo o conhecimento filosófico desenvolvido e acumulado pela humanidade, já que não apenas dúvida de nossa capacidade de captar o real, mas dos sistemas até então elaborados para explicar a realidade.

O real, em sua totalidade, continua impossível de ser apreendido, porque nossa mente não acessa a universalidade, de tudo o que acontece no tempo presente; para não mencionar alguns, como John McTaggart, que acreditam que pelo caráter virtual das posições temporais (presente - passado - futuro, anterior - atual - posterior) nem mesmo seria possível a confirmação do próprio tempo, como defende em seu artigo **A Irrealidade do Tempo**, de 1908.

Para pensar um mundo irreal, em *devir*³, que sempre está sendo, e que nunca é propriamente, precisamos refletir com um "ceticismo absoluto contra os conceitos herdados"⁴, porque a tradição filosófica nos ensina justamente o contrário. No entanto, o ceticismo absoluto não constroi conhecimento, são precisas premissas.

As mentes não podem acontecer no caos informe, por isso inserem sentido às coisas e aos acontecimentos; interpretações que partem e se integram ao mundo, servem de bússola para a vida, conectam os valores mais genéricos aos mais específicos, em sistemas harmônicos e convergentes, plenificados nos indivíduos, um *lógos* manifesto, investigador de máximas que norteiam o agir.

³ *Devir*, do latim *devenire*, chegar, é um conceito que indica as mudanças pelas quais passam as coisas. Movimento permanente que atua como regra, sendo capaz de criar, transformar e modificar tudo o que existe;

⁴ NIETZSCHE, 2008, p. 218;

Aristóteles afirma, no primeiro capítulo de **Tópicos**: o pensar filosófico é, por excelência, o estudo de conhecimentos “verdadeiros e primeiros”, para a partir desses, deduzir outros conhecimentos, igualmente verdadeiros⁵. Portanto, é função da filosofia contemplar e extrair o universal integrador dos particulares.

Por outro lado, a tese da permanente mudança do real implica na impossibilidade de um mundo conhecível; em razão disso, Heráclito, precursor da ideia do *devenir*, ganhou alcunhas como “o filósofo que chora”⁶ ou “o Obscuro”⁷, porque a partir de sua filosofia não é possível chegar a um conhecimento final, já que é inconstante.

É necessário que a realidade seja estável para que possamos considerar algo como verdadeiro, “um mundo em *devenir* não poderia, no sentido rigoroso, ser ‘concebido’⁸. O *devenir* contradiz o Princípio da Não-Contradição, que nega, a partir da experiência subjetiva, a possibilidade do que é, abrigar em si o seu contrário. O ser não pode dar origem ao não-ser, da mesma forma que o ser não pode surgir do nada. É preciso a permanência dos conceitos, e aquele que vai contra tal lei é um réu julgado e condenado por Aristóteles, no tribunal da razão. Desse ponto partem os imbróglis metafísicos.

Na perspectiva de Heráclito, os nexos estabelecidos por nossa mente não são, de maneira alguma, critérios para a verdadeira realidade, apenas uma representação particular. Como diz Hegel sobre ele, “reconheceu como a essência existe para a consciência”⁹, em uma criação que, por não corresponder ao real, é produção estética. É a gênese do perspectivismo, que parte da ideia de que “(...) não há fatos, só interpretações [*interpretationen*]” e que “não podemos verificar nenhum fato ‘em si’ (...)”¹⁰, o que nos faz relatar, apenas, uma realidade

⁵ ARISTÓTELES, 1973, p. 11;

⁶ NIETZSCHE, 2008, p. 273;

⁷ Representado nas pinturas do século XVII de Paulus Moreelse (1635), Paul Rubens (1603) e Abraham Janssens (1609), como melancólico e choroso;

⁸ NIETZSCHE, 2008, p. 273;

⁹ HEGEL, 1973, p. 101;

¹⁰ NIETZSCHE, 2008, p. 260;

particular observada. Sobre as interpretações de nossa consciência Nietzsche comenta:

tudo o que nos torna conscientes é, completamente, primeiro preparado, simplificado, esquematizado, interpretado – o processo real [*wirklich*] da “percepção” interna, a unidade causal entre pensamentos, sentimentos, desejos, como aquela entre sujeito e objeto, é completamente oculta para nós¹¹.

Mesmo a crença mais segura sobre o real, que aparece “tão firme e tão segura” na mente de René Descartes, “que todas as extravagantes suposições dos cétricos não foram capazes de abalar”¹², o: “penso, logo existo”, predica no pensamento uma realidade em si, derivada de um postulado lógico-gramatical, que põe para um fazer (o pensar) um agente (o pensador), o que impõe a separação do sujeito com o objeto, e não constata nada, a não ser “uma crença muito forte”¹³ que constitui o esquema cartesiano de pensamento. Isso significa que, deixar essa esquema de lado implica “não-mais-poder-pensar”¹⁴. Da crença no sujeito pensante, portador de um *cogito* imutável e indestrutível, decorre a crença na identidade eterna e na pressuposição lógica de casos iguais, que podem ser equalizados.

Descartes sabia que podemos conhecer apenas o mundo que sabemos, por isso declara no **Discurso Sobre o Método**, de 1637, que “nada existe sob nosso poder se não nossos pensamentos”¹⁵, e daí decorre a beleza da atividade dos filósofos, “mais ricos e mais poderosos e mais felizes do que qualquer um dos outros homens”¹⁶, porque pela filosofia dominam seus pensamentos e, em última instância, sua realidade.

¹¹ NIETZSCHE, 2008, p. 257;

¹² DESCARTES, 2018, p. 36;

¹³ NIETZSCHE, 2008, p. 261;

¹⁴ NIETZSCHE, 2008, p. 262;

¹⁵ DESCARTES, 2018, p. 29;

¹⁶ DESCARTES, 2018, p. 30;

O filósofo é um obstinado, que aproveita cada momento de sua vida para conhecer, mesmo quando não é possível. Guiado pela doutrina de Heráclito, Friedrich Nietzsche, afirma que “há apenas um mundo, e este é falso, cruel, contraditório, sedutor e sem sentido”¹⁷, o único por detrás de todas as ideologias, morais, escolas científicas, doutrinas religiosas, vertentes filosóficas, econômicas e jurídicas. A própria multiplicidade de crenças condiciona o conhecer como algo diverso.

Nietzsche, o filósofo que matou deus, diz que crer é prerrogativa para a vida¹⁸. A busca pela sabedoria é guiada pela vontade de preservar e perpetuar a vida, já que conhecimentos seguros e universais a fortalecem, maior de todos os valores. A humanidade precisa da verdade porque “verdade é o tipo de erro sem o qual uma espécie de seres vivos não poderia viver”¹⁹.

Inventamos diariamente nosso Paraíso ou Purgatório. Nossos laços com o mundo e com as pessoas são construídos pelo hábito e têm seu valor (positivo ou negativo) atribuído por nós. Levar uma vida alegre é acreditar, inocente, na alegria. Essa crença pouco aparece na consciência, pois é o impulso mental mais primitivo. Essa discussão fica ainda mais interessante quando compreendemos que “uma crença pode ser condição de vida e, apesar disso, ser falsa”²⁰. É uma boa chave para entender a época da pós-verdade, do pós-sujeito.

Essa crença, por sua vez, só é autêntica quando cria sobre o dado da experiência, não avaliados como verdadeiros ou falsos, mas em graus de aparência e afetação. É uma (con)fa-

¹⁷ NIETZSCHE, 2008, p. 426;

¹⁸ A crença é o início primordial já em cada impressão dos sentidos: uma espécie de dizer sim é a primeira atividade intelectual! (...) a apreciação “eu acredito em algo ou aquilo é assim” como essência da “verdade”. Nas apreciações exprimem-se *condições* e *crescimento*. Todos os nossos órgãos e *sentidos de conhecimento* só se desenvolvem com referência às condições de conservação e crescimento. A *confiança* na razão e em suas categorias, na dialética, e assim o *apreço pela lógica* só provam, conforme a experiência, que elas são úteis para a vida: não sua “verdade”. Que uma porção de crenças tenha que existir; que se possa *julgar* que *falte* a dúvida em relação a todos os valores essenciais – isso é pressuposição de todo vivente e sua vida. Portanto, que algo *tenha* de ser considerado verdadeiro, isso é necessário – não que algo *seja* verdadeiro. NIETZSCHE, 2008, p. 268;

¹⁹ NIETZSCHE, 2008, p. 265;

²⁰ NIETZSCHE, 2008, p. 260;

bulação que mitifica a vida. Por consequência, essa construção mental está para além de qualquer conotação pecaminosa ou suspeita moral e se difere da alienação de manchetes patrocinadas ou do *marketing* perverso das *fake news*; não quer convencer nem enganar, mas fortalecer a relação do indivíduo com o mundo. É a inocência mais inocente, quando se personifica a criança criadora.

Da atividade do filósofo em relação ao real nasce a seguinte problemática: *como o filósofo se posiciona diante de uma realidade que sempre muda, visto que o conhecimento de verdades fundamentais é seu objetivo?* A perigosa pergunta nos impõe a reflexão sobre aquele que assume o papel de filosofante. E isso implica um passo para trás, compreendendo o que é filosofia, e outro passo adiante, compreendendo o produto daquele que filosofa.

II. OS PRIMEIROS FILÓSOFOS: A GÊNESE DA FILOSOFIA

Não existe Filosofia. Mesmo a disciplina acadêmica não consegue ensinar a sublime atividade descrita por filósofos em diferentes contextos históricos, unidos pelo fio do diálogo. A filosofia floresce na intimidade da solidão. Não pode ser simplesmente ensinada, mas propriamente experienciada em seus desafios. Logo, existe a disciplina de filosofia e a prática filosófica, restrita aos filósofos e filósofas (esses, frequentemente, assumem a carreira de professores da disciplina). O próprio imaginário ocidental tem seu marco inicial nesta prática; e a filosofia nasce, não por acaso, com os gregos.

A região da Ásia Menor, no final do século VI a. C., era movimentada pelo comércio. Na Era de Ouro, muitos povos conversaram pacificamente pela primeira vez, preocupados com a troca de bens materiais e culturais. Os últimos moradores da região, os helênicos situados no Peloponeso, conside-

ravam, em todo seu orgulho e competitividade, os melhores dentre todos os povos. E para comprovar seu direito senhorial, aprenderam com os hindus, egípcios, fenícios, persas, chineses, judeus e, a todo momento, tentaram superá-los, porque pelo diferente reconheciam suas próprias disposições. Não tardou para os gregos perceberem que não bastava o acúmulo de conhecimentos, era preciso sintetizar e sistematizar a multiplicidade do saber; foi quando começaram a filosofar.

Os primeiros gregos se pouparam de inventar a filosofia, mas logo partiram para sua prática. Por isso, ser grego é um *modo* de ser e conhecer as coisas, não significa, como bem nota Heidegger²¹, “uma propriedade étnica, nacional, cultural ou antropológica”, mas a concordância com objetivos intelectuais e meios civilizacionais, que tem seu curso histórico na auto regulação ontológica.

Nesse sentido, os gregos são aqueles que têm necessidade de colocar em prática tudo o que aprendem, suas vidas são pautadas na *práxis* de si; absorvem todo o diferente, objetivam o fortalecimento para possíveis confrontos; por isso se encontram na *ágora*²² e nas Olimpíadas, para apreciar as belezas do esporte e disputar pelo *agon*²³; . Um olímpico tinha seu corpo coberto por óleo, numa época em que só eram honrados os que se banhavam com sangue. Foi uma quebra de paradigmas, que brincou com coisas sérias.

Esses primeiros filósofos se guiavam com firmeza, sem jamais cogitar a oposição entre uma vida voltada aos prazeres e uma vida voltada ao conhecimento. Eram saudáveis, e um povo saudável faz filosofia em grande estilo, diferente de um povo doente, que tem tudo, menos bons filósofos.

A prática filosófica é produto de como o humano encara

²¹ HEIDEGGER, 1973, p. 33;

²² Praça pública onde se realizavam as assembleias políticas, servia também como templo religioso, decorada com pórticos, estátuas, colunas e pilares. Local em que, nas antigas cidades-estados, se situavam os mercados;

²³ Convenção formal para debates. O nome deriva do *daimon* que personificava os concursos, desafios e disputas solenes, presente nos Jogos Olímpicos, nas peças teatrais e também nos debates e discussões filosóficas;

sua realidade. No trecho a seguir, do discurso de Péricles (495/492 a. C. - 429 a. C.), *estratega* de Atenas durante a guerra do Peloponeso, é possível captar um aspecto íntimo do gênio antigo, segundo um político helênico:

Instituímos muitos entretenimentos para o alívio da mente fatigada; temos concursos, temos festas religiosas regulares ao longo de todo o ano, e nossas casas são arranjadas com bom gosto e elegância, e o deleite que isto nos traz todos os dias afasta de nós a tristeza. Nossa cidade é tão importante que os produtos de todas as terras fluem para nós, e ainda temos a sorte de colher os bons frutos de nossa própria terra com certeza de prazer não menor que o sentido em relação aos produtos de outras. Somos também superiores aos nossos adversários [os lacedemônios] em nosso sistema de preparação para a guerra nos seguintes aspectos: em primeiro lugar, mantemos nossa cidade aberta a todo o mundo e nunca, por atos discriminatórios, impedimos alguém de conhecer e ver qualquer coisa que, não estando oculta, possa ser vista por um inimigo e ser-lhe útil. Nossa confiança se baseia menos em preparativos e estratégias que em nossa bravura no momento de agir. Na educação, ao contrário de outros que impõem desde a adolescência exercícios penosos para estimular a coragem, nós, com nossa maneira liberal de viver, enfrentamos pelo menos tão bem quanto esses perigos comparáveis (...) Somos amantes da beleza sem extravagâncias e amantes da filosofia sem indolência. Usamos a riqueza mais como uma oportunidade para agir do que como um motivo de vanglória; entre nós não há vergonha na pobreza, mas a maior vergonha é não fazer o possível para evitá-la²⁴.

²⁴ Esse discurso, muito famoso, reúne em torno de si diversas ressalvas. Alguns dizem que não foi escrito, nem dito por Péricles; mesmo que seja invenção de Tucídides, indica uma série de pensamentos pertinentes a um político ateniense do período mencionado. TUCÍDIDES, 2001, p. 108

Péricles, grande cabeça da Era de Ouro, fez o projeto helênico ganhar forma. Chegado dos filósofos, em especial de Anaxágoras, quis construir uma sociedade civil livre, cheia de cores, com diferentes povos, para apreciar diferentes sabores. Nesse tipo de homem encontramos a imagem do homem-grego, a universal do filósofo-grego e da civilização filosófica autêntica.

O espírito desse povo aguerrido é eclético, especialmente em Anaximandro e Heráclito, que tomam os antitéticos como princípios do devir. Naquela nação o pensar e o viver são unificados e por isso, apenas no mundo grego a filosofia teve sua total potência, só nele se revela porque o filósofo não é um mero fenômeno ocasional.

Para conhecer os filósofos antigos, não basta saber sobre suas rápidas (e pouco documentadas) passagens pela Terra. Só se conhece alguém depois de saber o que se passa na intimidade de seus pensamentos. Como lembra Nietzsche “toda grande filosofia até agora tem sido: – a saber, a confissão de seu criador”²⁵; portanto, diferente de outros trabalhos, que querem expor uma determinada teoria para entender a realidade, este estudo quer investigar a teoria para encontrar os traços pessoais de seus autores, os filósofos helênicos.

Os primeiros filósofos revelam o que é filosofia e o produto do filosofar porque aparecem com formas originais historicamente datadas, e estabelecem paradigmas estilísticos ainda não superados²⁶.

Eram filósofos “puros” porque, ironicamente, naquele princípio de pensamento laico, não existiam outros filósofos; ou seja, não foram atormentados pela “extrema irritabilidade, na qual se comunica, por contágio, um modelo”²⁷, influenciados apenas por si e pela realidade diante de seus atentos sentidos.

²⁵ NIETZSCHE, 2015, p. 19;

²⁶ Nos alimentamos hoje de todas aquelas formas fundamentais de interpretação de mundo que o espírito grego inventou em Anaximandro, Heráclito, Parmênides, Empédocles, Demócrito e Anaxágoras. NIETZSCHE, 2008, p. 222;

²⁷ NIETZSCHE, 2008, p. 406;

Cada um deles pode se desenvolver plenamente, dar forma a seu ser, misturar sem a inconveniência e intromissões institucionais. Em contrapartida à época grega, a experiência filosófica do homem moderno pertence a uma cultura dissolvida. É, segundo o cara do bigode grosso (na revolta de sua juventude sem-bigode), restringida a: “uma aparência de erudição, de uma maneira política e policial que constitui o caso dos governos, das Igrejas, das Universidades, dos costumes, das modas e da covardia dos homens”²⁸.

Por questão de tempo e linhas, não poderemos ter acesso ao esplendor total do mundo antigo, delimitamos a investigação aos, como chamou Nietzsche, “ainda inteiramente helênicos”²⁹, os jônios: Tales de Mileto, Anaximandro de Mileto e Heráclito de Éfeso. Com eles a *pólis* ainda crê na “singularidade de sua cultura, no seu direito senhorial sobre toda outra *pólis*”. Eles, como nós, também buscavam, a partir de poucas pistas, a resposta para uma grande pergunta: *como o cosmos se mantém ativo?*³⁰ Eles, diferentes de nós, não precisavam de nada que não estivesse ali, diante deles (e mesmo assim não deixaram de transpassar os limites da verificação), como visto adiante, com o precursor do fazer filosófico, Tales de Mileto.

II.I TALES DE MILETO:

A REALIDADE É UMA E SEGUE SUA LÓGICA

A regra é clara: se tem água, tem vida. Essa substância química, composta por dois átomos de hidrogênio e um de oxigênio, é como as poções dos contos de fadas: rejuvenesce na medida em que hidrata. Ponce de Leon, personagem de histórias expedicionárias, representa o papel da busca pela sabedoria e imortalidade que só a água (ou um grego) oferece. Água é vida. Tales de Mileto (624 - 546 a. C.), um dos Sete Sábios da

²⁸ NIETZSCHE, 2008b, p. 28;

²⁹ NIETZSCHE, 2008, p. 228;

³⁰ NIETZSCHE, 2008, p. 228;

Grécia, identificou o papel fundamental da água para todos os processos em que está inserida, e a caracterizou como uma materialização da forma universal.

O ser humano, assim como o planeta Terra, tem em média 70% de seu corpo composto por água (os outros 30% são todo o resto); a simples exposição desse elemento líquido a um raio e ao calor, fez a atmosfera terrestre (um dia rica em hidrogênio, amônia, metano) cozinhar numa sopa *primordial*, que resultou em abiogênese, isto é, quando matéria inorgânica torna-se viva. Tudo isso sem mencionar o melão... com níveis de água que chegam aos 90%! Tales, no observar a constante presença da água, em diferentes estados, encontrou a fonte da imortalidade, e afirmou: “tudo é água”.³¹

Os primeiros filósofos, em especial Tales, acreditavam que o princípio cósmico tinha uma forma física determinada, a *arché*, que estava inserida no processo de desenvolvimento de todas as coisas; por isso são chamados de fisicalistas. Contudo, é importante ressaltar: o pai do pensar filosófico não estava preocupado, essencialmente, com a porcentagem de água presente em um melão (embora seja impressionante), isso aparece em seu olhar científico, mas é superado pelo seu ser de filósofo.

Segundo Nietzsche, a máxima “tudo é água”, revela porque Tales funda o filosofar por três razões: **A)** a frase “trata de alguma maneira da origem das coisas”³², e até aí Tales está muito próximo dos de sua época, místicos, mônades, bacantes, peregrinos homéricos, oráculos órficos, que criavam explicações para o início da existência; mas se distingue porque, **B)** partia do pressuposto que a chave para decifrar a realidade não estava contida apenas no observador, mas na natureza, a *physis*³³, neste caso, a água. Tales, “como matemático e astrônomo havia se detido em tudo o que é místico ou alegórico”³⁴, o que

³¹ NIETZSCHE, 2008b, p. 33;

³² NIETZSCHE, 2008b, p. 31;

³³ *Physis* é a substância física da qual todas as coisas eram feitas. É o aspecto material da Natureza;

³⁴ NIETZSCHE, 2008b, p. 34;

fez com que Simplício o identificasse como “o que parece ter sido ateu”³⁵. Entretanto, a afirmação não pretende ser uma hipótese científica, porque, **C)** Tales se diferencia ao transpassar os limites de verificação, transcendendo as barreiras sensoriais da experiência particular observável e criar um método próprio, expressando uma resposta universal:

um postulado metafísico, uma crença que tem sua origem em uma intuição mística e que encontramos em todos os filósofos, ao lado dos esforços sempre renovados para exprimi-la melhor: é esse postulado que “tudo é um”³⁶.

As três palavras que nos chegam de Tales são suficiente para captar “precisamente um traço característico do espírito filosófico”³⁷, que une a contemplação do artista, a compaixividade do místico e a busca de finalidade e causalidade do cientista, para dar luz a um pensar dialético, que num processo lógico, “salta de possibilidade em possibilidade”³⁸; alça grandes alturas pelo que já foi construído, por indução. Unifica o saber pelo instinto de dominar a realidade em sua universalidade e com isso:

o homem estremece e se ergue do tatear e ras-tejar próprios das ciências isoladas, pressente a solução última das coisas e ultrapassa, por esse pressentimento, o acanhamento vulgar dos níveis inferiores do conhecimento. O filósofo procura fazer ressoar em si mesmo a harmonia do universo e exteriorizá-lo em conceitos³⁹.

A argumentação de Tales unifica, com o filosofar dialético, os saberes sobre a existência. Nas palavras de Nietzsche:

³⁵ SIMPLÍCIO, 1973, p. 13;

³⁶ NIETZSCHE, 2008b, p. 32;

³⁷ NIETZSCHE, 2008b, p. 25;

³⁸ NIETZSCHE, 2008b, p. 32;

³⁹ NIETZSCHE, 2008b, p. 35;

“o que é o verso para o poeta, aqui, é para o filósofo o pensar dialético”. Mas o que distingue o poeta do filósofo? O que diferencia a filosofia das abstrações egípcias? O que coloca o filósofo em igualdade com o cientista? A corrente apolínea, prerrogativa epistêmica do filosofar: o procedimento lógico.

Segundo Schopenhauer, na antiguidade “lógica e dialética já eram utilizados como sinônimos”⁴⁰, e pontua que existem grandes diferenças entre o saber calculador e o dialógico.

A lógica é composta por princípios que se excluem ou se combinam um nos outros, equalizam e constituem a realidade por comparação, para prever variações. Essa faculdade representativa nasce da “crença em uma substância, como crença na única realidade”⁴¹, e com esse conhecimento, advindo da experiência subjetiva, atribui identidade, “casos iguais (...) para fins de entendimento e domínio”; portanto a “lógica está atada à condição de que haja casos idênticos”⁴², para substituir semelhanças por igualdades e contingências por causalidades. Para a lógica, o ente tem uma identidade definida e definitiva, portanto, não pode se auto negar; eis o princípio tido por Aristóteles como “o mais certo, o último, o mais original, ao qual remontam todas as demonstrações”⁴³, o da Não-Contradição.

A excêntrica característica do entendimento calculador humano (e por extensão, filosófico) se deu como processo evolutivo, advindo de uma “necessidade de restringir o reino da pluralidade e reduzi-lo a um puro e simples desdobramento ou a um disfarce da única qualidade existente”⁴⁴, mas é ele mesmo um impulso instintivo.

Essa habilidade de nossa espécie foi decisiva no *daimon* observador de Tales, que indica uma necessidade de postular um esquema-de-ser para o mundo, em que a consciência percebe a realidade como “uma porção calculável e invariável suficiente

⁴⁰ SCHOPENHAUER, 2017, p. 51;

⁴¹ NIETZSCHE, 2008b, p. 32;

⁴² NIETZSCHE, 2008, p. 269;

⁴³ NIETZSCHE, 2008, p. 270;

⁴⁴ NIETZSCHE, 2008b, p. 41;

para que, sobre ela, possa ser construído um esquema de proceder⁴⁵; ou seja, a suposição lógica de verdade-em-si, que nasce na hipótese da água e se prolonga até o *cogito* cartesiano.

O método lógico-dialético de Tales é ainda mais claro em Anaximandro de Mileto, seu discípulo, que cunhou o estilo de como escreverá o filósofo, enquanto “imperativos externos não o tiverem privado da imparcialidade e da simplificação⁴⁶. Este homem sublime, solene, quase sacerdotal, inicia os dualismos que persistem por toda a história da filosofia.

II.II ANAXIMANDRO DE MILETO:

A REALIDADE, ASSIM COMO NÓS, ESTÁ QUEBRADA

Somos a expressão de nosso mundo. Quando um poeta, em sua luminosidade diz ouvir estrelas, não faz mais do que revelar sua construção pessoal do céu noturno. O interlocutor, que vê a vida diferente, pode perguntar ao poeta: “tresloucado amigo! Que conversas com elas? Que sentido têm o que dizem, quando estão contigo?”. Então, possivelmente, o primeiro responderá “Amai para entendê-las! Pois só quem ama pode ter ouvido capaz de ouvir e de entender estrelas⁴⁷, expressando assim a diferença de realidades.

O mesmo fez Tales quando falou da água. O mesmo fez Anaximandro (610 - 547 a.C.), o primeiro filósofo pessimista, quando afirmou que existir é perecer, sofrer. Sua sentença, que segundo Heidegger “é a mais antiga entre as que nos foram transmitidas⁴⁸, diz claramente:

De onde as coisas provêm, é para lá também que devem alcançar seu fim, segundo a necessidade;

⁴⁵ NIETZSCHE, 2008, p. 259;

⁴⁶ NIETZSCHE, 2008b, p. 37;

⁴⁷ BILAC, 2002, p. 43;

⁴⁸ HEIDEGGER, 1973, p. 27;

pois, devem expiar e ser julgadas por suas faltas, conforme a ordem do tempo⁴⁹.

Anaximandro, pessimista que era, ao contemplar o mundo viu um processo de degenerescência cronológica do ser que nasce, sofre e morre, em expiação a todas as agressões, intencionais ou não, que cometeu. Chorou pela morte de estrelas, soluçou pelo universo se deteriorando, e pela vida se afundando em seu próprio abismo, condenada a sucumbir pelo não-ser, a maior de todas as dores.

Depois de olhar a vida em sua pluralidade obscura, que sempre faz uma coisa se tornar outra, Anaximandro se depa-rou, como seu antecessor, com o problema da *arché*.

Na abstração pela busca da causa-primeira, segundo Simplício, Anaximandro não estava convencido da hipótese da água, nem de que a *arché* era um elemento sensível; percebia que a água é, ela mesma, formada por compostos anteriores, no caso: o quente e o úmido; “não atribui então a geração ao elemento em mudança, mas a separação dos contrários por causa do eterno movimento”⁵⁰. Considerou que todo início acontece com polos que lutam e, dessa luta, geram outros elementos, que também lutam, incessantemente.

O eterno fluxo e refluxo do ser tem seu início quando esses elementos passam pela destilação primordial com o *ápeiron*, o ser originário que está fora do vir-a-ser e que, justamente por isso, garante e eterniza as constantes transformações; após isso, em seu caráter contraditório, consome e nega a si em um ciclo que se concretiza com tudo o que é determinado perecendo, ou falecendo tranquilo ao dormir, no melhor

⁴⁹ NIETZSCHE, 2008b, p. 37;

⁵⁰ SIMPLÍCIO, 1973, p. 21;

⁵¹ Todo *devir* nasce do conflito dos contrários. As qualidades definidas que nos parecem duradouras só exprimem a supremacia momentânea de um dos lutadores, mas a luta não deixa de continuar, o combate prossegue eternamente. Tudo acontece em função dessa luta (...). NIETZSCHE, 2008b, p. 47;

⁵² *Ápeiron* é a realidade infinita, ilimitada, invisível e indeterminada que é a essência de todas as formas do universo, sendo concebida como o elemento primordial a partir do qual todos os seres foram gerados e para o qual retornam após a sua dissolução;

dos casos. O *ápeiron* como *arché* não entra na multiplicidade da mudança, por ser eterno e externo a temporalidade e as propriedades determinadas⁵³.

Para ter clareza na forma que o *ápeiron* se dá, tomemos como exemplo Felix, autor deste estudo. Não apenas Felix, mas Felix situado num contexto: fazendo uma atividade que não domina, dançar. Vamos imaginar que Felix, um ente determinado por sua altura, peso, gostos pessoais, cor de cabelo, pele e livros que leu, em sua casa, coloca uma música e começa instintivamente a se mover com o som. Ele balança vagarosamente, mas com o decorrer da música ganha velocidade, se torna o Felix-dançarino. Avança em passos curtos, dá giros descoordenados, deixa que as notas guiem seus pés.

Há possibilidades infinitas de combinações de passos que ele pode fazer (pular, rodar, abaixar, ir para a direita e depois para a esquerda), cada passo ainda não-dado faz parte do Indeterminado, este, se forma a partir das coisas já determinadas, o Felix ocasionalmente ter uma caixa de som, uma *playlist* dançante e dele próprio, durante sua vida, ter desenvolvido gosto pela dança, mesmo que amadora. É a chance de futuro fundada no presente.

O *ápeiron* é a primeira solução virtualista, que está além do sujeito e da ordem do tempo, para ser sempre uno. É a bifurcação do mundo físico, sua pedra de milha, a partir dele temos o edifício metafísico sustentado pela abstração lógica, que tenta determinar eventos futuros, a partir de modelos, produtos de observações passadas.

No limiar do acontecer entre o que é, o que há um momento foi e o logo mais será, emerge o *eterno retorno*, "a mais científica de todas as hipóteses possíveis"⁵⁴. Felix, indivíduo produto de determinações, ao dançar embalado pelo ritmo e

⁵³ Nunca, portanto, um ser que possui propriedades definidas e é constituído por elas pode, portanto, ser origem e princípio das coisas. O verdadeiro ser, conclui Anaximandro, não pode possuir nenhuma qualidade definida, senão teria algo gerado e seria condenado a perecer como todas as outras coisas. Para que o *devenir* não cesse, o ser original só pode ser indefinido. NIETZSCHE, 2008b, p. 38;

⁵⁴ NIETZSCHE, 2008, p. 53;

pela espontaneidade de movimentos, deixa vaziar através de seu ser-dançante a relação entre os passos ainda não-determinados, que em atividade se determinam num ciclo infundável. Deixa de ser a medida que é, e só continua sendo pelo *ápeiron*, que continua atuando sobre as possibilidades.

O mundo de Anaximandro era sombrio, coberto de nuvens tenebrosas, cheio de dor e vazio de dança. Sua melancólica contemplação viu a “expressão de contração dolorosa que a natureza traz em seu semblante”⁵⁵, porque se aproxima constantemente da morte, da não-vida, do não-ser. Para ele, a existência está cansada, não quer mais lutar. Há uma angústia profunda, atormentada pela corrupção do confronto, que nos deixa todos machucados. Para uma mente lógica, onde o ser é caracterizado pelo princípio da Identidade e da Não-Contradição, o não-ser, que contradiz o ser com as mudanças, só pode ser penitência. A situação levou Anaximandro a pergunta fatal: como algo que em algum momento é, pode deixar de sê-lo? Deixo a resposta por conta de Nietzsche, mascarado de Sileno:

Por que me obrigas a dizer-te o que seria para ti mais salutar não ouvir? O melhor de tudo é para ti inteiramente inatingível: não ter nascido, não ser, nada ser. Depois disso, porém, o melhor para ti é logo morrer⁵⁶.

Com Anaximandro, o ser não deveria existir; por isso não se legitima, antes “expia sua existência por todo tipo de sofrimento e pela morte”⁵⁷, a existência é interpretada por um *daimon* cheio de preocupações morais, por isso é organizada num “infundável lamento fúnebre”⁵⁸. Com essa conclusão o conhecimento dialético chega na beira, no último ponto onde o pé toca o chão; depois do *ápeiron*, tudo é especulação *improvável*.

Para sorte da humanidade, a filosofia se “define em opo-

⁵⁵ NIETZSCHE, 2008b, p. 40;

⁵⁶ NIETZSCHE, 1992, p. 36;

⁵⁷ NIETZSCHE, 2008b, p. 38;

⁵⁸ NIETZSCHE, 2008b, p. 40;

sição à ciência” justamente porque quer conhecer o improvável, “o extraordinário, o divino”, mas acima de tudo, inútil⁵⁹. Porque mentes filosóficas obstinadas, como a de Heráclito, têm um gosto por coisas tão importantes que não podem ser mensuradas por qualquer medida de valor. O pensador de Éfeso, não satisfeito com os resultados dualistas de Anaximandro, ultrapassou-o, bem no estilo filosófico; porque, para Anaximandro, toda dança chega ao fim (segundo ele, Felix-dançarino ficará exausto e parará com seus movimentos desajeitados, repousará em algum lugar, será apenas Felix, até que ele mesmo morra, e seja nada), enquanto que para Heráclito, sempre que uma música acaba, outra nova começa, em uma *playlist* interminável. A harmonia geral do concerto nunca termina: o *devoir* é, mais do que tudo, morte, porque é, antes de tudo, vida.

II.III HERACLITO DE ÉFESO: A REALIDADE É MULTIPLICIDADE E HARMONIA

Da tenebrosa noite deixada por Anaximandro surgiu, brilhante “como um raio de luz divino”⁶⁰, o maior dentre todos os dançarinos, Heráclito de Éfeso (544 - 474 a. C.). Dos três filósofos foi o que mais deixou escritos, um total de 126 fragmentos, encontrados em citações curtas, dispersas em obras clássicas da filosofia.

Somos a expressão de nosso mundo e Heráclito era orgulhoso⁶¹, a ponto de ser considerado arrogante, porque chamou Pitágoras de burro⁶². Guiado por um “olhar alegre de espectador”⁶³, Heráclito era capaz de ter impressões sobre a realidade para além dos princípios lógicos, como o Princípio da

⁵⁹ NIETZSCHE, 2008b, p. 35;

⁶⁰ NIETZSCHE, 2008b, p. 43;

⁶¹ Quando se trata de orgulho num filósofo, trata-se de um grande orgulho. NIETZSCHE, 2008b, p. 59;

⁶² Diz em seu fragmento LXXX: “muito aprendizado não ensina saber, pois teria ensinado a Hesíodo e a Pitágoras, também a Xenófanes e a Hecateu” (COSTA, 2012, p. 151). Heráclito explica a diferença entre erudição e sabedoria; sendo a segunda o verdadeiro objetivo filosófico;

⁶³ NIETZSCHE, 2008b, p. 49;

Não-Contradição. Por conta desse gênio, seu mundo não poderia ser melancólico, como o das esquematizações pessimistas. Recusava as implicações do pensamento anaximândrico: não considera plausível um ser Indeterminado, que não estivesse sujeito ao *devir*; o dualismo perturbava aquela inquietamente, que considerava as mudanças aparentes fascinantes demais para algo ser externo a elas. Heráclito concordava com o processo, mas discorda da conclusão; o princípio é o confronto do *devir*, mas o final não poderia ser penitência⁶⁴.

A filosofia é cheia de refinadas ironias e, justamente o filósofo que chora é o único dentre os antigos que faz a dionisíaca recomendação de “comédias, tragédias e ritos sagrados” como remédios para o espírito⁶⁵, transparece assim um traço helênico, da cultura de Péricles; uma pessoa como Heráclito procura “interpretar, a partir de suas experiências dionisíacas, os últimos mistérios ‘do destino da alma’”⁶⁶. Por isso sua visão do *devir* não remete a expiação ou sofrimento, mas antes:

Processos regulamentados, certezas infalíveis, vias sempre idênticas da justiça, o juízo das Erínias por trás de cada infração às leis, o mundo inteiro como um espetáculo de uma justiça soberana e de forças naturais presentes em todos os lugares dos demônios de que dispõem. Não foi a punição do que entrou no *devir*, mas a justificação (...) ⁶⁷.

Para Heráclito, o existir era, como ele, magnífico. Sua conclusão filosófica fundamental para a pergunta de caráter universal traz a brisa de Éfeso, que causa mudanças meteorológicas irreversíveis, ao dispersar as pesadas nuvens que pairavam sobre a Jônia.

⁶⁴ em Anaximandro, o su-cumbir de todas as coisas como castigo por sua emancipação do puro ser; em Heráclito, a regularidade dos fenômenos como testemunho a favor do caráter moral-jurídico do conjunto do *devir*. NIETZSCHE, 2008, p. 219;

⁶⁵ HERÁCLITO *apud* COSTA, 2012, p. 167;

⁶⁶ NIETZSCHE, 2008, p. 504;

⁶⁷ NIETZSCHE, 2008b, p. 43. Nesse trecho Nietzsche performa a própria voz de Heráclito;

Tem um pressentimento sublime que não acredita no ser e funda uma nova forma de pensar, segundo Hegel, “é a partir dele que se deve datar o começo da existência da Filosofia”⁶⁸, como via de oposição e harmonia. Em resposta ao dualista Heráclito escreveu 13 palavras, citadas por Hipólito de Roma: “ouvindo não a mim, mas ao *lógos*, é sábio concordar, ser tudo um”⁶⁹.

A afirmação pode ser dividida em seis grupos, a partir da análise proposta por Alexandre Costa, em sua tese de doutorado, sendo: **A)** “ouvindo” **B)** “não a mim” **C)** “mas ao *lógos*” **D)** “é sábio” **E)** “concordar” **F)** “ser tudo um”. Primeiro, mostra a escuta como atividade que determina, essencial e circunstancialmente, o que o cada um é, e “cada homem é aquilo que é em função do ‘como’ do seu escutar”⁷⁰. Lembra a analogia com o Olavo Bilac? Somos a expressão daquilo que escutamos⁷¹; se ouvimos o errado, expressamos o erro; em seguida **B)** o *que* e *como* escutar, em uma referência negativa, ou seja, o que não deve ser levado em consideração: “ouvir a idiosincrasia do ‘mim’”⁷²; o grupo **C)** completa o anterior, pois calado o “eu”, surge a referência positiva, o *lógos*, “a palavra das palavras em Heráclito”⁷³, o que realmente deve ser apreendido.

Lógos é um termo que dificilmente pode ser traduzido, sem tolher de alguma forma a abrangência de seu significado. Preferimos referenciar a partir do primeiro resultado do Google (apoiado no dicionário de definições de Oxford Languages, com acesso em 20/11/2020):

para Heráclito de Éfeso, *lógos* é o conjunto harmônico de leis que conectam o universo, formando uma inteligência cósmica onipresente que se plenifica no pensamento humano.

⁶⁸ HEGEL, 1973, p. 105;

⁶⁹ COSTA, 2012, p. 127;

⁷⁰ COSTA, 2012, p. 168;

⁷¹ É interessante ressaltar que na tradução de Emmanuel Leão e Sérgio Wrublewski, eles empregam o termo “ausculta”, que se refere do ouvido a partir de dentro. LEÃO; WRUBLEWSKI, 2017, p. 83;

⁷² COSTA, 2012, p. 168;

⁷³ COSTA, 2012, p. 168;

Essa fonte foi escolhida por ser, além de incrivelmente sucinta e esclarecedora, a de mais fácil acesso, em uma das ferramentas de pesquisas mais usadas do mundo. A doutrina de Heráclito é considerada obscura, às vezes oculta, pode até se confundir com certas doutrinas místicas, mas integra o patrimônio imaterial (e de acesso comum) de toda a humanidade.

Escutar o *lógos* é, como diz no grupo **D**) o que leva a sabedoria; que por sua vez, só é sábia quando ouve e concorda com o que o *lógos* expressa, implicando a diferenciação entre um *lógos* particular e um *lógos* universal, que se confundem. No grupo **E**) é utilizado, em grego, o verbo *homologeín* "concordar é ter o mesmo *lógos*, é *homologar*"⁷⁴, para concluir, finalmente: ser tudo um. O Dr. Alexandre explica a forma do argumento:

vê-se então que o fragmento perfaz um movimento crescente: primeiro é preciso aprender a ouvir o que se deve ouvir; depois, ouve-se; e então, tendo efetivamente ouvido, encontra-se o homem nos braços da sabedoria e concordância que lhe revelarão que o *lógos* é: tudo-um⁷⁵.

Heráclito arranca sua raiz filosófica do solo lógico-dialético cultivado desde Tales; se transfere para um campo diferente, com outros nutrientes. Em sua visão, a contradição adjacente ao *deír* não teria aspectos negativos; a oposição bélica entre os polos, identificada por Anaximandro, seria a própria harmonia; ela é a característica comum a todos os seres, pendulando "segundo discórdia e necessidade"⁷⁶ para integrar outros seres, para desintegrar logo depois, unindo e pondo os "polos frente a frente em combate, em comunicação"⁷⁷, que em relação fazem a manutenção das divergências, impulsionada pelo instinto de dominação e resistência que "se esforça para manter a identidade de cada coisa: a justiça"⁷⁸.

⁷⁴ COSTA, 2012, p. 169;

⁷⁵ COSTA, 2012, p. 169;

⁷⁶ HERÁCLITO *apud* COSTA, 2012, p. 133;

⁷⁷ COSTA, 2012, p. 177;

⁷⁸ COSTA, 2012, p. 177;

A unidade não está na causalidade entre A e B, mas na relação em *devoir* que eles estabelecem: “A, B e A-B; multiplicidade, unidade e relação; tudo, um, tudo-um”⁷⁹. *Lógos*, seria, nesse sentido, o nexos do processo que abarca e equilibra os três momentos:

é tanto a união quanto a separação; é ainda a própria relação entre esses dois momentos, o comum, o todo, o todo-um (...) todas as coisas não têm como deixar de manifestar a tensão do uno-múltiplo, a composição unívoca das antíteses, indicando assim perenemente sua procedência, origem e manutenção: o *lógos*⁸⁰.

A exaltação ao conflito, que não predispõe predação ou subserviência, é o auge do gênio helênico; não devemos esquecer que o mito fundador dos helênicos foi um combate, foi o primeiro empreendimento em conjunto daqueles povos, mais especificamente, a *Ilíada*⁸¹.

Heráclito diz: “de todos a guerra é pai (...)”⁸². Aquela cultura tão atenta a *physis* percebeu toda relação como conflituosa, e que as oposições geram harmonia, entendida como “contrários necessariamente interdependentes”⁸³, que em sua mútua necessidade ora divergem, ora concordam. As sensações, *aisthesis*, (seja a sensibilidade, a visão e, em nível mais refinado, a escuta) são produtos de batalhas profundas, que percebemos apenas o resultado final, como elas aparecem. Os primeiros gregos adoravam essa aparência, e nela viviam, por isso eram artistas; toda vivência era estética.

A mudança existe, e por causa dela, nada mais pode existir. Filha da unidade, mãe da realidade, só se pode sentir a mudança no presente, no aqui e no agora, que é e não-é, sendo a constante inconstância. Heráclito conhece os limites

⁷⁹ COSTA, 2012, p. 172;

⁸⁰ COSTA, 2012, p. 170;

⁸¹ TUCÍDIDES, 2001, p. 3;

⁸² HERÁCLITO *apud* COSTA, 2012, p. 133;

⁸³ COSTA, 2012, p. 172;

do saber sobre a realidade, e expõe em seu paradoxo não o que é, justamente por afirmar a impossibilidade de ser. Sua resposta aparece da não-resposta, que quer ser respondida, a partir das aparições no presente, que não correspondem, necessariamente, com o real.

A resposta se aceita como criação, que pode ser, a qualquer momento, recriada; o núcleo dessa filosofia é dilatável e flutuante. Isso implica que aquilo que deve ser afirmado não é “A verdade”, mas o presente aparente, em que ela é significada. A partir da *aparência* do momento se conhece o funcionamento do seu *lógos*, e concordar com ele é homologar.

Heráclito tinha “otimismo de artista”⁸⁴, que forneceu as bases para criação de novos conceitos, em uma filosofia que ouve o agora. Este *daimon* artístico é o responsável pela criativa metáfora de Heráclito, que unifica a realidade a partir do *lógos* na sua *arché*.

Diferente de Anaximandro, que postulou dois elementos opostos que se oprimem e subtraem (quente e úmido) e que tem sua continuidade pela destilação com o *ápeiron*, o filósofo de Éfeso unifica a existência a um único componente, símbolo para a constante transmutação da realidade, que em si não é um elemento, mas agente de mudança: o fogo.

Hegel explica o fogo como o tempo físico, “ele é esta inquietude, absoluta dissolução do que persiste – o desaparecer de outros, mas também de si mesmo”⁸⁵. Nada permanece igual depois de passar pelo fogo, e sendo ele a *arché*, reafirma a relação de unidade estabelecida entre seres múltiplos, que não podem conflitar com um ser absolutamente oposto. O fogo⁸⁶ é *devoir*, sendo:

processo pelo qual o fogo puro pode revestir formas tão impuras triunfa graças a uma sublime

⁸⁴ NIETZSCHE, 2008, p. 237;

⁸⁵ HEGEL, 1973, p. 102;

⁸⁶ Heráclito diz no fragmento XXVI: “Todas as coisas trocam-se a partir do fogo e o fogo a partir de todas as coisas, como o ouro as mercadorias e das mercadorias o ouro” (COSTA, 2012, p. 135);

analogia. Só neste mundo, o fogo do artista e da criança conhece o *devir* e uma morte, construindo e destruindo sem qualquer imputação moral, no seio de uma inocência eternamente intacta⁸⁷.

Não existe “luz” e sua negação, a “escuridão”, mas uma consciência que percebe as impressões de luminosidade; nisso reside a perspectiva de que o frio seria um estágio do calor. A ponte está sempre estendida, não há rupturas totais.

Para Heráclito “todas as coisas, em todos os tempos, têm em si os contrários”⁸⁸. Nas palavras do jovem Nietzsche: “o doce e o amargo estão juntos e ligados um ao outro como dois lutadores, dos quais ora um, ora outro cabe a supremacia”⁸⁹, ou, nas palavras do velho Nietzsche:

Saúde e doença não são essencialmente diferentes (...), entre ambas as espécies de existência há uma diferença de gradação: o exagero, a desproporção, a desarmonia dos fenômenos normais constituem o estado doentio (Claude Bernard)⁹⁰.

Com o *lógos* não existem pontos totalmente opostos, mas “graus do caráter de aparente, medidos pela força da participação”⁹¹. Esse pensamento fere o Princípio da Não-Contradição; esse princípio, por sua vez, traz consigo duas pressuposições: uma se refere a uma característica da coisa em-si-mesma, do ser; outra se refere a um critério lógico-gramatical de atribuição de predicados a algo. Não posso dizer que o ferro está quente-frio. Como não podemos acessar o ser-mesmo das coisas, não há como verificar a leitura feita pela lógica, nem mesmo falseá-la; sendo o ser concebido por ela “apenas aparência e então a lógica teria um mundo meramente aparente

⁸⁷ NIETZSCHE, 2008b, p. 53;

⁸⁸ NIETZSCHE, 2008b, p. 46;

⁸⁹ NIETZSCHE, 2008b, p. 46;

⁹⁰ NIETZSCHE, 2008, p. 47;

⁹¹ NIETZSCHE, 2008, p. 310;

como pressuposição⁹². O princípio se revela, somente, um “artigo de fé regulador”⁹³.

Segundo Heráclito, “a natureza ama ocultar-se”⁹⁴. O ocultamento é inerente ao funcionamento da *physis*, que se desdobra por mudanças cotidianas, que precisam ser refletidas e homologadas, a partir da escuta acurada.

A associação entre *lógos* e *physis* elimina por completo a possibilidade de interpretar o conceito heraclitiano como sendo algo além da natureza, “o *lógos* não é *methaphysico* mas ‘apenas *physico*’⁹⁵. Se o conhecimento mais universal e constante é a mudança e seu movimento, o *devir* é o processo da própria física.

Quando o sujeito não se volta para o *lógos* universal, “se prende a idiosincrasia do ‘mim’”⁹⁶, se torna ignorante; vira um dos que servem passivamente como “operários e cooperadores”⁹⁷. Esses ignorantes têm uma experiência inautêntica, por nunca se inserir na harmonia do todo. A forma de ouvir o *lógos* diferencia. Heráclito divide os homens em dois tipos, os acordados e os dormentes, que variam por suas perspectivas da realidade⁹⁸.

O dormente, ignorante, desatento é o gênio que não tem unidade de estilo, por estar voltado ao seu próprio cosmos. Fica ressentindo suas dores, vive na mesquinha, egocêntrica e *blasé*. Os de rebanho, que não têm intencionalidade do início ao fim, não contemplam o *lógos* universal, e por isso não homologam. Nesses há “falta de sentido histórico, conhecimento da fisiologia, e um alvo voltado para o futuro”⁹⁹, porque até presenciaram o *devir*, mas não participam, distraídos pelos próprios ruídos.

⁹² NIETZSCHE, 2008, p. 271;

⁹³ NIETZSCHE, 2008, p. 279;

⁹⁴ HERÁCLITO *apud* COSTA, 2012, p. 129;

⁹⁵ COSTA, 2012, p. 174;

⁹⁶ COSTA, 2012, p. 168;

⁹⁷ HERÁCLITO *apud* COSTA, 2012, p. 137;

⁹⁸ Heráclito diz ser o cosmos, para os acordados, uno e igual, enquanto, dos que estão deitados, cada qual se volta para seu cosmo partícula HERÁCLITO *apud* COSTA, 2012, p. 137;

⁹⁹ NIETZSCHE, 2008, p. 217;

III. O FILÓSOFO COMO MULTIPLICIDADE: A HIPÓTESE DE NIETZSCHE

O escritor deste estudo não existe. A entidade que segura a caneta, escreve e pensa o texto é um pulso vibrante de *devir*, que não pode ser medido ou conhecido. Cada pessoa é única, portanto, insólita.

Os estudos de Nietzsche, por certo tempo, consideraram que, por sua filosofia partir do eterno fluxo, nela não haveria espaço para o conceito de indivíduo. Segundo Paschoal¹⁰⁰, a unidade autônoma, capaz de conhecer a si, ao mundo, determinar suas ações e modificar o percurso das coisas, e outras determinações que compõem o conceito de *sujeito objetivo* é, para Nietzsche, uma impossibilidade. Mas os textos continuam sendo escritos, por quem?

seria talvez permitido supor uma multiplicidade de sujeitos, cujo jogo de conjunto e luta jaz como fundamento do nosso pensar e em geral de nossa consciência? (...) Minha hipótese: o sujeito como multiplicidade¹⁰¹.

O sujeito, para Nietzsche, é uma ficção¹⁰². Porém, pensar um sujeito nessa filosofia não implica uma contradição, porque, como já foi comentado, esse princípio aqui não se aplica. Nietzsche vai além do sujeito tradicional, portador de uma alma una, fala da "possibilidade de um sujeito plural"¹⁰³, que aparece em muitos níveis. Nietzsche dá indícios dessa caracterização do tipo múltiplo, no decorrer de toda sua vida-escrita, como podemos ver em **A Vontade de Poder**:

Não se deve em geral pressupor que muitos homens sejam "pessoas". Muitos são também muitas

¹⁰⁰ PASCHOAL, 2018, p. 97;

¹⁰¹ NIETZSCHE, 2008, p. 263;

¹⁰² NIETZSCHE, 2008, p. 261;

¹⁰³ PASCHOAL, 2018, p. 96;

pessoas, e a maioria não é nenhuma. Por toda parte onde preponderam as características medianas, em virtude das quais importa que um tipo persista, ser-pessoa seria um desperdício, um luxo, e não faria sentido algum reclamar por uma “pessoa”. Tais características são portadoras, instrumentos de transmissão¹⁰⁴.

Para pensar como é o sujeito que vive, e filosofa em *de-vir*, temos de nos deter sobre o filósofo que mais profundamente sentiu tal fluxo temporal, Heráclito de Éfeso. Esse homem helênico percebeu o mundo de maneira diferente, viveu num momento anterior à sobreposição da *episteme* sobre a *gnosis*¹⁰⁵. No mundo de Heráclito, os deuses se transformavam em homens e animais, forças sobrenaturais falavam, para enganar os mortais. Logo, a relação dele com o real¹⁰⁶ é outra, sem a delimitação de “o que é real é racional, e o que é racional é real”, em que a realidade das coisas foram medidas a partir da quantidade de pensamento que o ente gera, “quanto mais ‘ideia’, tanto mais ser”¹⁰⁷.

A mente de Heráclito tinha uma “capacidade extraordinária de representação intuitiva”¹⁰⁸, quer dizer, estabelecer um nexos de domínio por mediações, como é a lógica. Essa forma de representar traz consigo “o conceito mais elevado da arte”¹⁰⁹, o filósofo-artista, aquele que tomado por uma trágica embriaguez cotidiana, tem em seu pensar uma predileção por problemas, para neles encontrar sua redenção. Nessa autoconfrontação, o indivíduo, na problemática de seu interesse, descobre suas determinações, se subjetiva.

Para o indivíduo expressar a realidade como múltipla, ele precisa ter traços dessa multiplicidade em sua intimidade; como anunciado anteriormente, a investigação, após entender

¹⁰⁴ NIETZSCHE, 2008, p. 444;

¹⁰⁵ NIETZSCHE, 2008, p. 279;

¹⁰⁶ HERÁCLITO *apud* COSTA, 2012, p. 129;

¹⁰⁷ COSTA, 2012, p. 174;

¹⁰⁸ COSTA, 2012, p. 168;

¹⁰⁹ HERÁCLITO *apud* COSTA, 2012, p. 137;

a gênese da filosofia, objetiva o corpo filosofante. Heráclito, em sua visão do real em *devenir* dá um testemunho, involuntário, de uma nova forma de viver na lógica do todo: um indivíduo com as características do *devenir*, sem identidade essencial, mas plural. Para entender integralmente o gênio que guia a mente do helênico é essencial explicar, finalmente, o conceito “*daimon*”, citado por Heráclito nos fragmentos X e XI, na organização feita pelo dr. Alexandre Costa¹¹⁰:

X: Diante do *daimon*, o homem ouve, infantil, como, diante do homem, a criança.

XI: O *êthos* do homem: o *daimon*.

Devemos pensar nas proposições: a primeira disserta, novamente, sobre a condição de ouvir, mas agora não o *lógos*, mas o *daimon*, que trata o homem, como o homem trata a criança. Em Heráclito o que deve ser ouvido é o *lógos*, o sensorial. Por outro lado, há vários *daimons*, representações na mente; frutos de vontades, que aparecem como modos e crenças. São impressões imediatas do real, sentidas em uma realidade interior, no nexo que acontece na “voz da cabeça”, pulsões de dominância que almejam se apoderar do corpo. Segundo Alexandre Costa, *daimon* sempre esteve ligado, justamente, ao verbo “ouvir”:

o *daimon* podia ser pensado como a própria divindade, o destino, o nume, o gênio, o conselho dos anjos, a voz interior, o espírito, o demônio, o que fosse: isto variou. O que não alterou é que em cada momento, o que quer que fosse o *daimon*, ele esteve sempre associado à escuta¹¹¹.

O segundo fragmento é centrado em dois termos, *ethos*, que se refere à consciência ética de ação circunstancial, o que o Homem é em atividade; e *daimon*, que “se comporta dentro

¹¹⁰ HERÁCLITO apud COSTA, 2012, p. 129;

¹¹¹ COSTA, 2012, p. 175;

dos limites desse *ethos*¹¹². Os *daimons* constituem a tessitura do mundo, é um guia, por isso aparece como um *ethos* de e para ação; é o outro introjetado, o gênio maligno que provocou Descartes.

No mundo grego o *daimon* é associado a uma força mística, uma inteligência que permeia a matéria. É o pensamento que dialoga consigo, em uma dupla existência, que se estimulam mutuamente: as “imagens e representações de um é satisfatório para o outro como sugestão”¹¹³.

Com os romanos, o *daimon* torna-se *genius*, um deus personalizado, que acompanha a pessoa¹¹⁴. Este gênio proporciona *ingenius*, lampejos de engenhosidade que elevam a pessoa além de sua própria potência. A gnosiologia cristã interpreta o *daimon* como “a voz interior do homem”. Já na idade média o *daimon* começa a ser, junto de toda iconoclastia pagã, demonizado. A sabedoria não está mais na ausculta, mas na palavra sacerdotal.

Por seu caráter divinatório os *daimons* foram personificados em entidades como “forças naturais presentes em todos os lugares dos demônios de que dispõem”¹¹⁵. As impressões do mundo interior são muito vagas e difíceis de determinar, e chegam na “consciência só depois de terem achado uma linguagem de algo antigo, conhecido”¹¹⁶, assim surgem representações mitológicas dos *daimons*. Essas vozes são performáticas da consciência, atuam nos limites da interioridade.

O filósofo precisa dar um voto de confiança para sua própria impressão da realidade, ouvir de seus *daimons* as explicações, as impressões imediatas, e suspender a descrença, para depois confrontar um mundo que é inexplicável¹¹⁷.

¹¹² COSTA, 2012, p. 175;

¹¹³ NIETZSCHE, 2008, p. 399;

¹¹⁴ FILHO; FONSECA, 2016, p. 136;

¹¹⁵ NIETZSCHE, 2008b, p. 43;

¹¹⁶ NIETZSCHE, 2008, p. 399;

¹¹⁷ Nossas necessidades são quem interpreta o mundo; nossas pulsões e seus prós e contras. Cada pulsão é uma espécie de ambição despótica, cada um tem a sua perspectiva, perspectiva que a pulsão gostaria de impor como norma para todas as outras pulsões NIETZSCHE, 2008, p. 260;

Os *daimons* não devem ser vistos como, apenas, um alarme da consciência, porque também configuram situações, ambientes, personas, acontecimentos; são arquétipos, por serem *tipos* de formação da *arché*. Se no mundo helênico um sujeito estivesse boêmio, ébrio, cruel e obscuro, seria identificado como um entusiasmado pelo *daimon* dionisiaco.

Na busca por tentar dizer mais claramente, o *ethos* me parece um *modo* de ser, um comportamento pensado; este modal implica em diferenciação, a arquetipia do comportamento, isto é, o *daimon*. O *ethos* dos filósofos aparece em seus modos de comunicação; no caso de Tales, o de *cientista*; de Anaximandro de *moralista*; de Heráclito, o de *artista*.

O *ethos* filosófico dos dois primeiros filósofos, observadores naturalistas, implicou numa indução lógica, por elementos com identidade, que podem ser comparados entre si; ora a água, ora o quente e úmido. Conseguiram, especialmente Anaximandro, identificar um *devir* transformador, que dinamiza a relação entre os arquetípicos e transforma as impressões do real. Heráclito, por um *ethos* estético, não apreende o *devir* como oposição e exclusão, mas reforma contínua do ser, isto é, *fogo*.

No modo ser ser e pensar de Heráclito o *ethos* que predomina é “um, o único sábio, consente e não consente em ser chamado pelo nome de Zeus”¹¹⁸. Esse impulso conecta e limita as diferenças, “pois todas as coisas que são conduz o raio”¹¹⁹, o *lógos* que equilibra os conflitos internos dos que Nietzsche chamou de “trabalhadores inconscientes”¹²⁰. O filósofo passa a vida como Zeus, na distinção dos *daimons*¹²¹; preferindo os favoráveis, *eudaimonicos*, que homologam¹²².

¹¹⁸ HERÁCLITO apud COSTA, 2012, p. 153;

¹¹⁹ HERÁCLITO apud COSTA, 2012, p. 153;

¹²⁰ NIETZSCHE, 2008, p. 250;

¹²¹ Os demônios distinguem-se dos deuses, porque os deuses têm atributos, propriedades, princípios e funções fixas, territórios e códigos: eles têm a ver com os eixos, com os limites e com cadastros. É próprio do demônio saltar os intervalos, e de um intervalo a outro. DELEUZE; PARNET, 1998, p. 33;

¹²² o homem diviniza-se, desumanizando-se. Nenhum desses dois momentos, entretanto, concretiza-se de forma radical, simplesmente porque intransponível a barreira que separa homens e deuses (...) aproximam-se dos deuses mas continuam a ser homens, até porque a homologia é uma possibilidade eminentemente humana. COSTA, 2012, p. 187

Constantemente o termo “deus” é interpretado como sinônimo simbólico de *lógos*. O *lógos*, que sempre aparece relacionado com o agir, seria o funcionamento harmônico entre os *daimons*; solução das contradições internas, a grande voz que fala por cima de todas as outras, o controle final do corpo. A coesão que “reúne e separa, também ele atinge todas as coisas, bem como mantém coeso o jogo entre as antíteses¹²³”. E não se reivindica como verdade, por se envolver no processo de transformação e mediação. Nietzsche interpreta a metáfora da seguinte maneira:

O mundo é o jogo de Zeus ou, em termos físicos, o jogo do fogo consigo mesmo; é somente nesse sentido que o uno é simultaneamente múltiplo¹²⁴.

Essa manifestação *demoníaca* é uma aparição múltipla, que só homologa quando se alinha com o *lógos* universal, que exige a transformação. Quando ouvimos diretamente o *lógos*, na manutenção consciente dessas vozes, o núcleo varia, é unidade e multiplicidade, “conservando-as enquanto tais ao mesmo tempo que lhes impõe o mútuo contato”¹²⁵. Se a variação de *daimons* não é unificada em uma harmonia constante, um Zeus que lhe conduz, com intenção do início ao fim, sem uma “automediação constante”¹²⁶, se torna, apenas, barulho interior; então o *lógos* não é percebido, cai numa harmonia aparente, egóica, criada para se assenhorear de outros impulsos.

A mente humana tem suas próprias necessidades, que determinam sua forma de ver o mundo. O espírito que sopra no ouvido de Heraclito não tem nenhuma ligação com um ser divino, mas é o despertar daquilo que os humanos têm de apoteótico. Por esse caráter o *daimon* foi considerado como vindo de um plano metafísico.

¹²³ COSTA, 2012, p. 178;

¹²⁴ NIETZSCHE, 2008b, p. 50;

¹²⁵ COSTA, 2012, p. 170;

¹²⁶ NIETZSCHE, 2008, p. 304;

A ideia de assemelhação, mencionada por Nietzsche no aforismo 500 de **A Vontade de Poder**, possibilita pensar na assimilação das características dos instrumentos de transmissão, o que tira dos *daimons* a conotação de entidades metafísicas, mas apenas um gênio-outro absorvido pelo hábito, “incorporado do mundo exterior”¹²⁷. Todos esses processos são decorrentes do *devoir*, portanto estão inseridos na *physis* e resultam sempre, inevitavelmente, em um tipo de morte. No *devoir*, onde tudo nega seu diferente, viver é morrer.

Como diz Nietzsche, na citação a seguir, é um erro pensar o sujeito como linear, que tem uma identidade imutável, como seu CPF. Isso deriva da impossibilidade de distinção do sujeito desse sujeito-outro, que vive em discórdia e necessidade consigo mesmo.

É essencial que não nos enganemos a respeito do papel da consciência: ela é a nossa relação com o “mundo exterior”, que ela desenvolveu (...) aquilo que se torna consciente está sob relações causais que nos são inacessíveis – a sequência de pensamentos, sentimentos, ideias na consciência não exprime nada a respeito do fato de que essa sequência é uma sequência causal: mas aparentemente, em graus superlativo, é assim. Sobre essa aparência fundamos todas as nossas representações de espírito, razão, lógica, etc. (não há nada disso: são sínteses e unidades simuladas)... E estas, por sua vez, são projetadas nas coisas, por trás das coisas!¹²⁸

Heráclito representa um *daimon* orgulhoso e alegre, que exalta o que está na sua frente, e jamais se contenta, sempre quer um pouco mais. Quem investiga os *daimons* e os fenômenos da *physis*, a harmonia ainda não explicada, o *thauma*, espanto criador de reflexão. O espanto fica além de qualquer

¹²⁷ NIETZSCHE, 2008, p. 266;

¹²⁸ NIETZSCHE, 2008, p. 275;

formulação lógica, porque experimenta cada momento como único, e a partir dele forma um nexu inédito; a sistematização dessa impressão imediata acontece logo em seguida, quando se esmiúça em discurso com sentido, por determinada perspectiva. Os acontecimentos mais levianos são, numa embriaguez, glorificados; esse *modus operandi* condiciona o ser humano como artista que cria (não acessa) a verdade, para evoluir com segurança.

Tal filósofo, que também é artista, contempla, pensa e cria a plenitude de sua existência, ao ponto de fazer dela (como fez Protágoras), parâmetro para a própria realidade. O filósofo-artista, como Heráclito, reflete a mudança do próprio corpo, o interpreta e produz filosofia, que se torna a expressão de seu mundo; tal posicionamento perante a existência coloca diante da “força artística de toda a natureza, para a deliciosa satisfação do Uno-primordial”.¹²⁹

Sem a lógica, num terreno de representações estéticas, Heráclito ouviu o *lógos* do universo, sua própria unidade harmoniosa, que está em coesão com os nexos da multiplicidade da *physis*; não exclui nada de si, nem o não-ser, para ser, no sentido helênico, um amigo da sabedoria.

Os pensadores helênicos desenvolveram uma ausculta aguçada, do processo da realidade interna. Com isso perceberam que não havia centro em seu ser, nem uma essência una e imutável, isso fez seu agir seguir para a estética. Entendem a vida como “uma obra de arte que dá a luz a si mesma”¹³⁰. Para um grego, portanto, segundo Nietzsche:

verdade, não é algo que existisse e que se houvesse de encontrar, de descobrir – mas algo que se há de criar e que dá o nome a um processo, mais ainda: a uma vontade de dominação que não tem nenhum fim em si: estabelecer a verdade como um *processus in infinitum*, um determi-

¹²⁹ NIETZSCHE, 1992, p. 31;

¹³⁰ NIETZSCHE, 2008, p. 397;

nado ativo, não um tornar-se consciente de algo que fosse “em si” firme e determinado. Trata-se de uma palavra para a “vontade de poder”¹³¹.

Com base na citação acima, e nas discussões até então desenvolvidas é possível afirmar que o sujeito, que existe no *de- vir*, carrega nele traços desse fenômeno. Portanto, é um ser efêmero e constante em seu processo. Este indivíduo está inserido em representações dos *daimons*, que querem “um mundo no qual nossa existência se torne possível (...) um mundo que é computável, simplificado, inteligível”¹³², para se assenhorear da vida.

Essas representações do mundo interior podem iludir o indivíduo, por ser intenção do intelecto “iludir-se de maneira útil”¹³³. Daí acontece uma divisão de tipos de sujeitos, os dormentes e os acordados; sendo o primeiro um distraído com seus próprios ruídos, sem firmeza no estilo, nem confiança em si. Querem apaziguar seus conflitos subjugando o diferente, e sofrem por não aceitar o diferente de si próprios. Os segundos rompem a ordem superficial dos *daimons*, para ouvir diretamente o *lógos*, homologam.

O homologado, mais que tudo, vê o mundo como uno; e essa unidade só existe como “organização e combinação”¹³⁴ contempla o *de- vir* e tira impressões estéticas de seu funcionamento, por isso se consagra como filósofo-artista, que à medida que filosofa, cria. Tem rigor e confiança em si para fazer os *daimons* afirmarem o mesmo, em uníssono. Para Heráclito “um, dez mil, se for o melhor”¹³⁵.

É perceptível que a ausculta do *daimon* pode levar a uma dupla possibilidade: distração ou homologação; a variação de resultado acontece pela forma de escuta; afinal, “cada homem é aquilo que é em função do ‘como’ do seu escutar”¹³⁶.

¹³¹ NIETZSCHE, 2008, p. 288;

¹³² NIETZSCHE, 2008, p. 274;

¹³³ NIETZSCHE, 2008, p. 303;

¹³⁴ NIETZSCHE, 2008, p. 292;

¹³⁵ HERÁCLITO *apud* COSTA, 2012, p. 145;

¹³⁶ COSTA, 2012, p. 168;

No outro extremo da hipótese do sujeito como multiplicidade temos “seu par e seu contrário”¹³⁷: o sujeito átomo, uno, indivisível e imutável, fundamentado Parmênides de Eléia (530 a. C. - 460 a. C). Nietzsche divide o mundo helênico em dois períodos, o primeiro de Anaximandro, caracterizado pelas considerações sobre o *devir*; seguido pelo período de Parmênides, que como Heráclito não estava satisfeito com o dualismo do milesiano, mas que para solucionar a questão, negou o próprio *devir*.

Parmênides interpretou os polos em confronto como portadores de uma carga positiva ou negativa: luz e sombras, leve e pesado, bem e mal, certo e errado, ser e não-ser. O segundo sempre aparece como negação do primeiro, que é. A realidade seria imóvel, apenas existente em “um número limitado de movimentos temporais”¹³⁸, como num filme em *frames* consecutivamente percebidos, que geram a ilusão de movimento o *devir* não-é, porque a mudança é pura ilusão dos sentidos.

Para ir contra o *devir*, Parmênides teceu a primeira crítica sobre o aparelho cognitivo e sua insuficiência para abarcar toda a existência, o que resultou em “consequências fatais”¹³⁹, pois separa os sentidos da faculdade do pensar, o que serviu de base conceitual para Platão efetuar a “divisão totalmente errônea entre alma e corpo”¹⁴⁰.

Tal impulso para conhecer a realidade, e extrair dela alguma verdade, coloca de lado a intuição, se deriva de “um mundo extra-sensorial ao qual temos, por meio do pensamento, um acesso”¹⁴¹; essa unidade é o ser, caracterizado por Nietzsche, pela boca de Parmênides, da seguinte forma:

O princípio fundamental é o seguinte: tudo do que se pode dizer “foi” ou “será”, não é; mas do que é, nunca se pode dizer “não é”. O ser é indivisível,

¹³⁷ NIETZSCHE, 2008b, p. 63;

¹³⁸ NIETZSCHE, 2008b, p. 80;

¹³⁹ NIETZSCHE, 2008b, p. 73;

¹⁴⁰ NIETZSCHE, 2008b, p. 73;

¹⁴¹ NIETZSCHE, 2008b, p. 76;

pois, onde haveria outro poder para dividi-lo? É imóvel, pois, em que direção poderia se mover? Não pode ser nem infinitamente grande nem infinitamente pequeno, pois, é perfeito; e um infinito dado por acabado é uma contradição. Assim, permanece suspenso, limitado, perfeito, em toda parte em equilíbrio, igualmente acabado em todos os seus pontos como uma esfera, mas não encerrado num espaço, pois, caso contrário, esse espaço seria um segundo ser. Não pode haver vários seres, pois, para separá-los seria necessário algo que não fosse um ser, suposição que suprime a si mesma. Só há, portanto, a eterna unidade¹⁴².

Como já foi bem definido, uma filosofia é apenas reflexo do sujeito filosofante. Imaginar um espírito humano a partir do pensamento de Parmênides é cultivar uma alma nuclear, que sacrifica “o sangue da realidade empírica”¹⁴³. É o primeiro passo para um indivíduo essencial, que perdurou por mais de dois milênios: “mentes dotadas de um ser verdadeiro e que, portanto, devem existir desde a eternidade”¹⁴⁴, ideia que embasa a metafísica.

Todavia, como bem fala Nietzsche, “o fato é que precisamente não se pode negar a realidade da mudança. Juguem-na pela janela, voltará pelo buraco da fechadura”¹⁴⁵, e mesmo as representações da mente, “que aparecem como sucessivas”¹⁴⁶, têm uma duração específica, o que indica movimento, e consecutivamente, mudança.

¹⁴² NIETZSCHE, 2008b, p. 73. O fragmento 2 do poema de Parmênides: “ora, pois, te direi - e tu, que escutas, recebe meu relato - quais são os únicos caminhos e investigação que há para pensar. Um, por um lado, <para pensar> que ‘é’, e que não é possível não ser; é o caminho da persuasão, pois acompanha a verdade. Outro, por outro lado, <para pensar> que não ‘é’, e que é necessário não ser digo-te que esse caminho é completamente incognoscível, pois não conhecerás o que não é (pois é impossível) nem o enunciarás. CORDERO, 2012, p. 22;

¹⁴³ NIETZSCHE, 2008b, p. 74;

¹⁴⁴ NIETZSCHE, 2008b, p. 84;

¹⁴⁵ NIETZSCHE, 2008b, p. 95;

¹⁴⁶ NIETZSCHE, 2008b, p. 96;

IV. O FILÓSOFO-ARTISTA: CRIAR O FILOSOFAR PELO SUJEITO EM DEVIR

Após essa jornada pelo mundo antigo, onde encontramos três de seus filósofos por meio dos vestígios deixados em suas filosofias, narrados por suas *archés* à luz das interpretações de Nietzsche, podemos retomar nossa pergunta inicial: *como o filósofo se posiciona diante de uma realidade em constante mudança, sendo o conhecimento de verdades fundamentais o seu objetivo?*

Para traçar um processo de criação do sujeito, em nível filosófico, recorro à detecção de *daimons* que afloram em modos de discursar. Trata-se de algo que gravita entre a Filosofia da Mente e a Filosofia da Linguagem, numa confusa confissão que busca entender o sentido do sujeito. Este não é um texto histórico, mas filosófico, quase romântico; no entanto, pensável.

Como o estudo indicou, Tales de Mileto funda o filosofar embasado num *daimon* voltado à *physis*, buscando, a partir da indução lógica, uma resposta universal, a hipótese da água.

Anaximandro de Mileto, discípulo de Tales, filosofa a partir de um *daimon* moralista, que penaliza o existir, percebendo os processos do *devenir* de modo pessimista, como pólos em constante batalha, desde sua destilação primordial no *apeiron*.

Heráclito de Éfeso, por sua vez, difere dos outros dois ao pensar fora dos padrões da lógica, fundando um novo modo de filosofar, guiado por um *daimon* estético, que honra e celebra o *devenir* como uma experiência salutar.

Para Heráclito, o *ethos* guia as ações do homem, sem que ele entenda totalmente suas determinações ulteriores; há, na dinâmica entre os *daimons* determinada pela vontade de apoderar e manipular o corpo, expressão destas no mundo. Esses *daimons*, se empoderados, se isolam do fluxo de mudança, para superar o *devenir* e fugir da morte. Neste caso, se ligam a uma ordem pessoal, a idiosincrasia do "eu".

Quando se trata do *ethos* da filosofia essa relação parece conter em si uma contradição: um *daimon* deseja ser amigo do conhecimento, mas é privado do objeto conhecível. Assim, para Heráclito, é necessário assumir o papel de Zeus, medianando os impulsos dos *daimons* por meio do fogo que homologa, projeta o sujeito no mundo; quando essa projeção atinge maturidade, resulta em filosofia.

Quando tratamos da *arché*, a mais abrangente das respostas, que tenta explicar o funcionamento de tudo – das estrelas às interações sociais, dos órgãos aos pensamentos –, Heráclito chega à conclusão mais inusitada: fogo. Sabemos que a vida seria inviável nas chamas; ainda assim, ele, como filósofo-artista, configura um contexto de realidade que, conforme vimos, cria sentido.

Somente quem questiona encontra a resposta. Este estudo, que visa entender o sujeito pela manifestação de seus modos de pensar, é tecido juntamente com o autor, na medida em que este configura os significados do sujeito descrito. É uma experiência direta consigo mesmo, ou, como o Prof. Dr. Paschoal denominou, uma autogenealogia:

Tal reconhecimento se faz por meio de um levantamento genealógico desse sujeito, numa genealogia de si ou autogenealogia, que permite a ele apresentar seus traços próprios, isto é, seu modo de agir. (...) uma genealogia de certos pensamentos, escrúpulos e hipóteses, com a descrição do quando e como eles surgiram, por que surgiram se modificaram e como se apresentam¹⁴⁷.

Heráclito foi o primeiro, segundo Hegel, que “compreendeu a natureza como sendo infinita, isto é, sua essência como processo”¹⁴⁸. Nessa contemplação da integração e desintegração das partes entre si e com o todo, não encontramos

¹⁴⁷ PASCHOAL, 2018, p. 111;

¹⁴⁸ HEGEL, 1973, p. 105;

redenção, tampouco há desejo de redimir ou sustentar a existência em nome de um além-mundo.

Somos expressões de nosso mundo, e Heráclito foi suficientemente alegre para amar e odiar a realidade ao mesmo tempo, sem se contradizer. O ser humano é confuso e conflituoso, vive em oposição consigo mesmo. A harmonia nasce desse conflito, desde que o sujeito investigue e interpele os rastros deixados pelas suas impressões. A filosofia de Heráclito, centrada no *devoir*, estabelece um *lógos* universal que representa impressões imediatas, *daimons*. Filósofos que olham para as dinâmicas da existência de maneira tão abrangente “tratavam a si mesmos como uma consideração sobre-humana, com um temor quase religioso”¹⁴⁹.

O sujeito que penetra nas perspectivas de seus *daimons*, com coragem, responsabilidade, honestidade e aptidão dialética, pode observar as harmonias presentes no mundo e em si mesmo. A conexão entre o *lógos* particular e o *lógos* universal é possível para qualquer *daimon* que atinja maturidade. Como disse Nietzsche, em *Para Além do Bem e do Mal*:

os impulsos fundamentais do homem com a finalidade de determinar quão longe eles teriam atuado como gênios inspiradores (ou como demônios e duendes) descobrirá que todos praticaram a filosofia, em um ou outro momento, e que cada um deles ficaria bastante feliz somente em olhar para si mesmo como o fim supremo da existência e o senhor legítimo de todos os outros impulsos. Porque todo impulso é imperioso e, como tal, tenta filosofar¹⁵⁰.

O sujeito só homologa quando aceita a mudança e a transformação. A percepção do *devoir* é possível pela experiência sensorial, e assim toda a vida se torna uma expressão de arte, protagonizada por gente “sensual, em geral suscetível,

¹⁴⁹ NIETZSCHE, 2008b, p. 60;

¹⁵⁰ NIETZSCHE, 2015, p. 19;

acessível a todo sentido, ao estímulo, à sugestão do estímulo¹⁵¹. Esse é o gênio helênico que Heráclito tanto exalta. Ele celebra o conflito eclético, buscando sempre mais sensações, experiências e vida.

O *devoir* é a experiência máxima da percepção artística. O filósofo-artista aceita o *devoir* em todas as suas manifestações e assume um *daimon* trágico diante da vida. Sofre por nunca esclarecer tudo o que pensa, mas “representar as coisas temíveis e problemáticas já é um instinto de poder e uma magnificência no artista: ele não as teme”¹⁵². É sabido que a filosofia melhor germina em solo desconhecido, e, em mãos competentes, os *daimons* tornam-se heterônimos.

A criação de significado para a vida é uma dimensão artística: “temos a arte para não sucumbir junto à verdade”¹⁵³. Esse impulso estético é o que diferencia o *daimon* de Heráclito de seus antecessores; ele consegue ter impressões do *devoir* sem o esquema da lógica. Mesmo que qualquer unidade que nos venha à mente seja apenas “aparência de unidade”¹⁵⁴, Heráclito não se nega a reunificar a realidade no *lógos*, dividida por Anaximandro, por meio da ação reflexiva para a homologação.

O sujeito não se contenta; ele precisa criar. O niilismo é a floresta escura, sem caminhos abertos, que o peregrino precisa desbravar. Nietzsche afirma que “a realidade consiste exatamente nessa ação particular de cada indivíduo em relação ao todo”¹⁵⁵; é a responsabilidade de atribuir sentido à própria vida. Escolher. Dar um passo além da descrença: o sujeito deve sofisticar suas interpretações e crer nos resultados.

Sem a crença, não há confiança no agir, firmeza na vontade, nem autoafirmação na confrontação; em suma, não se é grego. Como vimos, tanto Anaximandro quanto Heráclito

¹⁵¹ NIETZSCHE, 2008, p. 408;

¹⁵² NIETZSCHE, 2008, p. 411;

¹⁵³ NIETZSCHE, 2008, p. 410;

¹⁵⁴ NIETZSCHE, 2008, p. 263;

¹⁵⁵ NIETZSCHE, 2008, p. 294;

reconheceram a realidade do *devoir*, sua eterna luta, pois eles eram isso. Dois milênios após os gregos, a obra de Nietzsche, com seu frescor helênico, retoma a exaltação ao conflito dos instintos e à vontade de poder, de maneira “útil, salutar e protetora”¹⁵⁶, ressoando no Ocidente um novo tipo de humano: o bom filósofo. Os trabalhos do alemão apresentam a multiplicidade demoníaca de formas e personas; seus *daimons* fluem pelo texto. Essa mente grega, imersa no *devoir*, acredita que “se há algo para ser adorado é a aparência (...) e não a verdade”¹⁵⁷.

Antes do mundo, é o indivíduo que precisa ser trabalhado. A escuta pode ser angustiante, sem conclusão, perdida nos conflitos do mundo interior; ou pode homologar e apresentar uma harmonia antitética eterna, envolvendo toda a humanidade. Para atingir essa sublimação, deve-se ser orgulhoso, como Heráclito, e, como diz Nietzsche, portar-se de uma nova forma, que:

não põe como meta do mundo a felicidade da calma, o “sabá” de todos os “sabás”, e honra, mesmo na paz, o meio para novas guerras, uma maneira de pensar que prescreve leis para o futuro, e que, por causa do futuro, trata dura e tiranicamente a si mesmo e a tudo o que é presente; uma maneira de pensar despreocupada, “imoral”, que quer cultivar para a grandeza, igualmente, as propriedades boas e más dos homens, pois se julga capaz da força que põe ambas as espécies de propriedades em seu devido lugar – no lugar que uma necessita da outra¹⁵⁸.

A busca por um conhecimento verdadeiro e fundamental, que deriva da condição para o crescimento e fortalecimento da vida, é o que dá origem à filosofia. Essa forma de ver o mundo tem seu princípio na contemplação, na percepção

¹⁵⁶ NIETZSCHE, 2008b, p. 17;

¹⁵⁷ NIETZSCHE, 2008, p. 488;

¹⁵⁸ NIETZSCHE, 2008, p. 250;

estética, e retorna à questão inicial: o gênio do filósofo. É ele quem conceitua o mundo.

Na doutrina do não-ser, todo sentido é volátil e não nuclear; foi, é e será processo. Esse pensamento implica na queda de uma finalidade filosófica, uma vez que se constroi a partir da não-resposta. O sujeito, que é *devoir*, é responsabilizado por significar, no estilo do *daimon* filósofo-artista: consciência criadora e reflexiva.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Tópicos. Os Pensadores**, ed. IV. 1 ed. Abril Cultural e Industrial, São Paulo, 1973.
- BILAC, Olavo. **Via-Láctea**. Antologia: Poesias. São Paulo: Martin Claret, p. 37-55, 2002.
- COSTA, Alexandre. **HERÁCLITO: Fragmentos contextualizados**. São Paulo, Editora Odysseus, 2012.
- CORDERO, N. **Sendo Se É: A Tese de Parmênides**. Odysseus: São Paulo - SP. 2012.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo: Escuta, 1998
- DESCARTES, R. **Discurso Sobre o Método**. Trad. Fábio Creder. Vozes, Petrópolis, 2018.
- FILHO, Carlos; FONSECA, Tania. **O daemon e a máquina universal: pensando mente e subjetividade para além da interioridade**. Mnemosine Vol.12, nº2, p. 132-160. 2016.
- GOOGLE, **Significado de Lógos**. Disponível em: <[google.com/search?q=1%C3%B3gos&oq=1%C3%B3gos+&aqs=chrome..69i57j0j46j0l5.1099j1j9&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com/search?q=1%C3%B3gos&oq=1%C3%B3gos+&aqs=chrome..69i57j0j46j0l5.1099j1j9&sourceid=chrome&ie=UTF-8)>. Acesso em: 07/11/2020
- GULLAR, Ferreira. **Poema Sujo**. Editora Records. 1976, p. 93
- HEGEL. Trad. Ernildo Stein p. 98-108. **Os pensadores 1**. Abril Cultural. São Paulo, 1973.
- HEGEL, Georg. **Princípios da Filosofia do Direito**. Trad. Orlando Vitorino. São Paulo. Martins Fontes. 1997.
- HEIDEGGER **A Sentença de Anaximandro**. Trad. Ernildo Stein. p. 25-53. Os pensadores 1. Abril Cultural. São Paulo, 1973.
- LEÃO, Emmanuel C. **Anaximandro, Parmênides, Heráclito: Os pensadores originários**. Trad. LEÃO, Emmanuel C; WURBLEWSKI, Sergio. Petrópolis, RJ. Vozes, 2017
- MCTAGGART, John. **A irrealidade do Tempo**. Trad: César Schirmer dos Santos. Disponível em: <scielo.br/scielo.

php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2014000200017>.

Acesso em: 20/10/2020

MULLER-LAUTER, Wolfgang. **A Doutrina Da Vontade De Poder**. 2 ed. Trad. Oswaldo Giacoia, São Paulo; Annablume, 1997.

NIETZSCHE, F. **A Vontade de Poder: tentativa de uma transvalorização de todos os valores**. Trad: Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro. CONTRAPONTO, 2008.

NIETZSCHE, F. **A Filosofia na Época Trágica dos Gregos**.

Trad. Antonio Carlos Braga. Editora Escala, São Paulo, 2008b

NIETZSCHE, F. **Além do Bem e do Mal**. Trad. Carlos Duarte e Anna Duarte. – 1 ed. São Paulo: Martin Claret, 2015.

NIETZSCHE, F. **Ecce Homo: como se chega a ser o que se é**.

Trad. Antonio Carlos Braga. Editora Escala. São Paulo, 2006.

NIETZSCHE, F. **O nascimento da tragédia, ou Helenismo e pessimismo**. Tradução, notas e posfácio: J Guinsburg. São Paulo. Companhia das Letras, 1992

PASCHOAL, Antonio. **Da Crítica de Nietzsche ao Sujeito ao Sujeito de Sua Crítica**. Cad. Nietzsche vol.39 no.1 São Paulo Jan./Apr. 2018.

SCHOPENHAUER, Arthur. **A Arte de Ter Razão: 38 estratégias**. Trad. Milton Camargo Mota. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017

SIMPLICIO. **Física**, 23,21. Trad. Wilson Regis. p. 13. Os pensadores 1. Abril Cultural. São Paulo, 1973. p. 13

TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**. Trad. Mário da Gama Kury. - 4ª. edição - Brasília: Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo, 2001

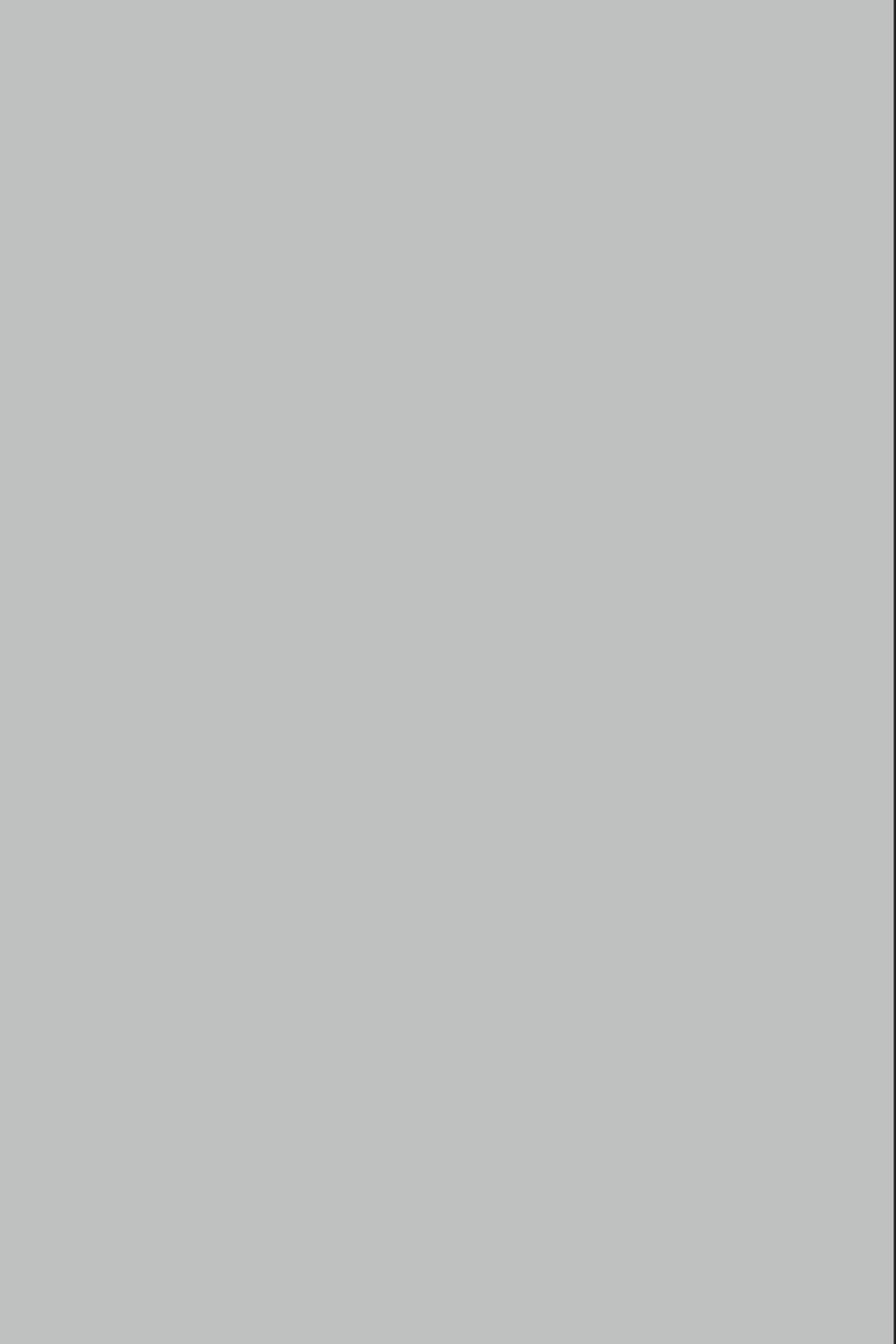


PARTE II

O LIVRO DO OLHO CASTANHO: SOB O CÉU DE CURITIBA

Sim, às vezes faço gelo
É útil para digerir!
Se tivesses muito que digerir,
Ah! como gostarias do meu gelo!¹⁵⁹

¹⁵⁹ NIETZSCHE, F. A Gaia Ciência. Trad. Antonio Carlos Braga. São Paulo, Lafonte, 2017. p. 26.



CONTOS E ANEDOTAS DE PRIMAVERA, POR ADRIANO¹⁶⁰

I - TUDO QUE ACONTECEU EM 25 DE SETEMBRO

I.I DE QUEM ESCREVE

...foi logo escrever. Escreveu aquilo que precisava ser dito e que, por algum descuido, falta de *timing* ou de coragem, ninguém falou. Na verdade, ele era eu. Eu, o escritor. Ó leitor, você precisa saber que o escritor é um solitário; não desabafa com qualquer um. O ombro amigo, que escuta suas confissões – é o seu ombro, amigo – são as folhas rabiscadas que se amontoam e que raramente são terminadas. Essas confissões são símbolo da renúncia à honra, pela glória. Eis outra característica do escritor: ele quer a glória.

Como escritor que é, entra na categoria de artista, e todo artista ambiciona contaminar o mundo com seu gênio. Uma outra característica, indispensável para conhecer o espírito do escritor, é o hábito de esmiuçar as questões em palavras. Se debruça por sobre elas até extrair uma vivência singular, legitimamente filosófica.

E assim os escritores, artistas e filósofos chegam em casa ansiosos, cheios de coisas em suas cabeças e corações; sentem os conceitos com tamanha clareza que não ter um papel e caneta nas proximidades é uma crise intelectual.

Sentado em minha poltrona, agitado, sou inundado por representações. Meu mundo interno, imaginário intempestivo

¹⁶⁰ O simbolismo transforma os fenômenos visíveis em uma ideia, e a ideia em imagem, mas de tal forma que a ideia continua a agir na imagem, e permanece, contudo, inacessível; e mesmo se for expressa em todas as línguas, ela permanece inexprimível. Já a alegoria, transforma os fenômenos visíveis em um conceito, o conceito em imagem, mas de tal maneira, que esse conceito continua sempre limitado pela imagem, capaz de ser inteiramente apreendido e possuído por ela, e inteiramente exprimido por essa imagem. Frase atribuída a Goethe, sem a referência original;

que funciona à própria maneira, reage às influências externas ou causa aquilo que deve, por outro mundo, ser reagido.

Essa experiência de consciência se intensifica quando o sujeito tem acesso, como tive, nesta espetacular noite de primavera, a determinadas substâncias psicoativas, como a *dietilamida do ácido lisérgico*. Experiências mentais são percebidas com maior sutileza; a mente se comporta como, me parece, aquilo que é descrito por Schopenhauer, no 34º parágrafo do segundo livro de **O Mundo como Vontade e Representação**¹⁶¹, quando trata da contemplação frutiva do sujeito puro do conhecimento. Minha memória está aguçada, é normal lembrar assim?

Nenhuma experiência se dá no vazio, e o agora acontece em Curitiba, capital do Paraná. A minha história, numa sexta-feira, que, mesmo no fim do mundo, merece ser relatada.

Nesta cidade um sujeito solitário, sem muitos amigos – é possível ser só com muitos amigos, basta não ser um ouriço –, era acompanhado por sua noiva, há 4 anos. Mas ela se foi. Ele ficou com a casa, ela só saiu com o resto de dignidade, que ainda tinha, mas disse que voltaria para buscar os gatos. Este solitário, nas horas vagas em solidão, lê **A Crítica da Razão Pura**; dialoga com São Tomás de Aquino e se perde nos detalhes das batalhas da antiguidade. Confessa predileção pela literatura austríaca, porque de filosofia só consome a do velho mundo. Ama o virtuosismo romântico, pelo ímpeto tempestuoso de dominação.

Filósofo, romântico e solitário, que em meio a tanta poesia, deixou ir embora sua única companhia. Mas este ainda não é o sujeito-escritor. Este é Claudio. O sujeito-escritor – eu –, me escondo num pequeno nó da complexa, e já encerrada,

¹⁶¹ (...) esquecendo nosso indivíduo, nossa vontade, continuando a subsistir somente como sujeito puro, límpido espelho do objeto; de tal modo que tudo se passasse, como se existisse unicamente o objeto, sem alguém que o percebesse, não se podendo mais distinguir portanto a intuição do seu sujeito, mas ambos se tornaram um, ao ser a consciência plenamente preenchida e ocupada por uma única imagem intuitiva. SCHOPENHAUER, Arthur. **O MUNDO COMO VONTADE E REPRESENTAÇÃO**. Livro III. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Abril Cultural, 1974. [Coleção Os Pensadores]. p. 18;

história de amor. Alguns diriam que o estúpido cupido, pois apresentei Claudio, o solitário, para aquela que, durante uma fase completa, o amou; essa, que por sua vez, é minha parente.

Esta não é uma história narrada pelo mocinho, pela donzela, pelo sábio do castelo ou algum trovador, mas pelo concunhado; que por um acaso do destino, também é um filósofo solitário.

Eu, o filósofo que sai da moita, senti o imperativo dever de ajudar o amigo a transpor o término de ciclo. Assim como estive com o outro lado do coração partido.

A mudança pode ser vivida de forma cotidiana: alterar o cabelo, variar o estilo de roupa, trocar de escritor preferido, se esquecer de si, fluir com o *devoir*. Mas pode acontecer de certos se apegarem demais à autoimagem, e por isso lutam para não mudar. Mas ninguém ganha num cabo-de-guerra contra o tempo... porque tudo muda, uma banana apodrece na mesa e essas pessoas apodrecem com seus *daimons*.

Claudio, um apodrecido, propôs, no dia 25 de Setembro, uma noite de pizzas com *video game* "para aliviar o momento". Na inocência de quem quer confraternizar o momento de solidão, aceitei o convite. Claudio resolveu chamar, de última hora, uma amiga do curso de Direito. A menina mostrou porque, no Brasil, com o judiciário ninguém brinca e colocou artigos mui fascinantes sobre a mesa, e entusiasmou o sujeito que relata.

A partir desse contexto decorre a noite narrada.

I.II CONFRONTO DE IMPERADORES

Sou, além de sujeito-escritor, filósofo e artista, um ser temporal. Sou e contemplo os fatos que acontecem e reincidem no tempo; à medida que, quando entrei no apartamento do ex-concunhado, lembrei da situação que deu origem ao namoro que ele e minha prima tiveram: em uma partida de RPG, que não aconteceu.

Na situação eu ia mestrar um RPG autoral, difícil de compreender por mentes quadradas; como não foi, pelo parente de Claudio, que também chama Cláudio. O anfitrião não aceitou as decisões tomadas por mim *in game* e fez o ultimato: “estamos em minha casa! Ou reveja as decisões ou vá embora!”. Eu fui embora. Isso aconteceu na noite de 23 de Setembro, em 2016. Nessa primavera passada, o primo do dono da casa e a prima do narrador ficaram sem jogo, e quando o narrador vai embora, os personagens são como querem.

O eterno-retorno, a mais científica de todas as hipóteses, é claro nas vivências: Claudio me expulsou, e esse fato vai sangrar na narrativa! Foi exatamente como da última vez, só que um tanto diferente: quando a bacante colocou três meia-doses sobre a mesa, apenas duas partes foram tomadas. Claudio preferiu ficar sóbrio “para cuidar”, ou vigiar, disciplinar, dominar.

O “cuidar” de Claudio se confunde com o “controlar”. Reclamou do cheiro de meu cigarro, que apaguei; criticou a forma que acariciei a barriga do gato. Disse, com um porte de imperador romano: “eu sei muito sobre gatos. Você está fazendo mal para os mamilos dele!”. Como sujeito-temporal, acredito que algumas pessoas podem se comportar como romanos, filhos de lobos.

Eu, Adriano, decidi ser grego, na mesma medida em que paranaense, e ficar próximo de meus iguais; como aconselhou o mestre Heráclito, “não é para falar e agir como os que dormem”¹⁶². Sou filósofo, contemplativo e autoafirmativo, não um soldado, violento e expansivo.

Ser grego significa, como disse Heidegger, mais que uma identidade étnica ou histórica, é ser; como disse Nietzsche, a flor da pele, superficial por profundidade. Portanto, não compactuo com o que tenta oprimir minhas vontades, e por extensão, meu próprio ser. Sou um artista e se meu público não gosta de como acaricio o mamilo do gato, me retiro! Mas que fique claro: como grego, sei bem acariciar um mamilo!

¹⁶² COSTA, Alexandre. Heráclito: fragmentos contextualizados. São Paulo. Odysseus. 2012. p. 137;

Foi um campo de batalha, um confronto entre cavalheiros que, mesmo na embriaguez, não perderam o porte. Entre o grego e o romano, a pobre coitada – que reitero, apresentou produtos magníficos aos lados; uma musa onírica que entorpece na medida que ilumina com grandes verdades, hidrata com o vinho bacante.

Mas o companheiro preferiu ficar, no palavreado corrente, mesmo só usando álcool, *espiado!* Falava que a ROTAM podia chegar e derrubar a porta, isso por causa de uma quantidade que, segundo as palavras iluminadas da bacante estudante de Direito era “legalmente argumentável”.

Claudio queria o luto, velar um cadáver que ele matou. Por isso censurava o volume da voz e os pés dançantes, então ofereci minha casa (onde o eu-temporal-de-agora está), lugar feito em honra a Dionísio, onde podemos berrar, se assim desejarmos. A oferta foi recusada porque minha casa, como todo bom templo, é um tanto longe. Lembrei da Praça da Espanha, um território neutro, a algumas quadras dali. Mas depois de certa relutância, a sugestão foi deixada de lado. Como grego que sou, sei quando um rolê não vai dar certo, e quando isso acontece, opto sair à francesa. Foi o que aconteceu.

Sai antes que fosse afetado pela compaixão que Claudio exigia. Prefiro pensar que ele está experimentando o fundo do poço, chafurdando no ressentimento, aproveitando o máximo que pode de seu estado degenerado, para mais a frente, dar um salto de saúde. Minha última palavra para aquele coração saturado foi, como recomendação: “melhoras!”; é a mesma palavra que dou para todo enfermo, que poderia aprender, sem passar por tanta dor...

Há quatro anos eu vi uma força de opressão agindo contra mim, diferente das opressões cotidianas, que venço pela cortesia, para maliciosamente atormentar o agressor, expondo sua face, essa força sabia meu nome e decidiu, mesmo assim, pela confrontação. Talvez expulsar de casa seja uma ação guiada por determinação genética, mas me parece que são,

apenas, motivações egóicas. Cláudio e Claudio são bem parecidos.

Só posso fazer uma resposta possível a família: tá aí, teu nome na história, otário! Não me submeto, diferente da musa que você não soube louvar. E o Sir Oscar Wilde manda um beijo pro seu São Tomás de Aquino.

I.III TEMPO ENTRE PRIMAVERAS

A menina que estava na minha frente, que insistia para eu ficar, apesar de ser uma enviada do Olimpo, não tinha as vivências necessárias para entender aquele confronto de masculinista. Minha força não entra em disputa por coisas pequenas, de homens doentes, que renunciam a autenticidade pela altivez e no momento fatal declaram: “eu sei que você pensa que eu não gosto de você. Mas eu acho que, na verdade, é você que não gosta de mim”. Uma proposição fraca, que forja uma verdade. Verdade construída para ocultar a claustrofobia de um ser apequenado.

A história de fim-de-amor – que é das mais comuns –, foi transpassada por um filósofo (que já interpretou o papel de Claudio), e por isso pode falar tão firmemente sobre o tema. Este filósofo é um solitário cercado de bons amigos, testado nas dores que, podem não fazer mais sábio, mas fazem mais profundo. Justamente por olhar diretamente para as dores, que são resultados da manutenção constante, da transformação que corrompe tudo o que é vivo. A importância dos confrontos, das perdas e dos ganhos, na descoberta das próprias determinações a partir da luta por um interesse comum é grande e as forças não podem, como já disse, serem gastas com homens limitados ao tiranismo.

Quando saí do tímido condomínio, que fica no metro quadrado mais caro da cidade, acendi o que tive de apagar. Andei para pensar.

A história não trata de nenhum dos personagens até então mencionados, exceto aquele que ainda acompanha o texto, o seu escritor. A história trata, finalmente, de minha volta para casa. Porque a narrativa do primo da ex-namorada de um sujeito solitário pode ficar interessante. Um cara desse tipo prefere olhar as coisas por um ângulo diferente, parte do pessimismo, passa no niilismo, ultrapassa o absurdo e destina na caminhada por um ônibus, o objetivo é não parar o queimar.

Ando. Tudo acontece muito rápido. As pessoas. As coisas. Existe uma diferença entre elas. Tudo queima. Muitas cores, fontes e luzes artificiais, sons de carros. Ando e queima. *Flash* fenomênicos. Um grupo de pessoas abafadas, máscaras, se intromete na minha frente. Obstáculo transposto. Pessoas em todos os lugares. Vida aflora. O verde é vivo e queima. A grama é verde. Até a grama queima. Mas as árvores da rua são rosas e amarelas... a primavera excitou os ipês.

Ando e sinto como ser não é fácil. Será que vale a pena em Curitiba ou em Atenas? Os diferentes cheiros dos restaurantes atordoam o eu-faminto, mas ando sem dinheiro e sinto. Ainda queima. Os curitibanos e os gregos são universais, que ressoam em si a pluralidade do humano. Não é fácil ser um universal. Afinal, de onde eu vim? Pra onde eu vou? Quem é tudo, também é nada. Curitiba é tão diferente, principalmente do seu interior. Semáforo fecha, mudo o passo para não parar.

No interior existem praças, e isso basta. Em Curitiba as praças intencionam, são etnias, obras de arte, símbolos coletivos para o bairro, isso quando não formam triangulações suspeitas. Ando por Curitiba, mas me perco em Cruzeiro do Oeste.

No interior do Paraná mora minha avó. Minha avó não é aguerrida... na verdade, depende do estado de humor dela. Ela muda muito, varia entre a avó daquele que lê, daquele que escreve e daquele que lembra. Qual delas é a avó? Não seria aquela que a essa hora dorme? Mas aquele corpo dormente é mais que uma avó. Dentro de minha avó estão as lendas sobre os grandes pterossauros?

Penso, logo ando. Concluo que meu ser foi definido pelos dias entre as primaveras, veias no corpo do tempo. Dias que desabrocham com poder de completar as lacunas, na estação do acontecer, e surpreende os desavisados, que não se atentam ao período das possibilidades, se metendo em confusões do inferno astral.

Entre as possibilidades, a imediata: em qual rua virar? Escolho, pelo prazer que a feiura pode dar, a alternativa que passa na frente do Bar Amarelinho. As pessoas vão pro Amarelinho para serem desconhecidas, apenas pessoas. Sem nome, sem identidade, compromissos, ser qualquer ser em encontro.

Apenas mais um, que escolherá sua humanidade por aquela noite. E se a condição humana é uma quarentona no balcão de fórmica vermelha, sozinha e calada; ou um homem que chupa desconhecidos nos finais de semana, que mal tem nisso? É num banheiro mal cheiroso o único momento de liberdade e subjetividade que esses indivíduos têm, em que eles podem se esquecer de si. Todo lugar tem um Amarelinho, feio e livre. Mas quem disse que a liberdade é bela?

I.IV O X DA QUESTÃO

Peguei o ônibus, que para próximo do bar. Reparei que, mesmo durante uma pandemia, o Amarelinho continua cheio. Hoje é sexta, mais um dia para a história, anônimos se encontram em banheiros e eu tenho que voltar para casa, para me preocupar com as coisas que só existem para preocupar: conta de água; vão cortar a luz (de novo) e tem aquele professor que me reprova (de novo).

Me preocupo com isso por não estar alheio ao mundo, preencho forçosa e lentamente meu espaço, nem que para isso tenha que vender minhas coisas na internet, mas não permito que interfira ou abale meu projeto de ser.

Sou um grego paranaense, *humanifesto* de liberdade.

Se essa liberdade é ameaçada, defendo. Entenda, leitor, liberdade é a abertura para possibilidades, isso significa: deixar que o universo exerça todas as suas combinações, até que por milagres inevitáveis, algo novo aconteça. Este acontecer indeterminado é o X da vida, pergunta da Esfinge.

O ônibus parte e me sinto montado num monstro barulhento e biarticulado. Me jogo no X da questão. Esse X pode ser enfrentado ou ignorado. Coragem ou má-fé. Fé exige coragem? É impressionante notar a importância de X em nosso mundo do pensar, ao ponto de que ele pode tentar, a todo custo, não ser percebido. Por que a Natureza ama ocultar-se?

A mente faz uso do não-saber para se poupar da dúvida. Uma mente que vive virando o rosto, nunca verá como as coisas são. E aí está o sentido da alegoria platônica, os prisioneiros da caverna que só enxergam as sombras distorcidas de uma realidade.

O ônibus entra na Av. Iguazu e segue reto, direção Caiuá, onde fica meu pequeno espaço de liberdade conquistada. Minha mente fervia no trajeto, embora minha face estivesse tranquila. No meu mundo interno contemplo as situações, passando diretamente pelas categorias, que derivam das relações estabelecidas entre os objetos, intuindo a ideia. O tempo passa sereno.

A diferença na percepção temporal acontece na realidade interna e externa. A primeira é fundamental para forjar conceitos, que se utilizam de vivências não esquecidas. No segundo caso, os sentidos captam movimentos sutis e logos preencham de sentido. Qualquer significado pode ser visitado por um filósofo da primavera, que não compactua com as regras dos pequenos homens inverniais.

Mas a dúvida que não cala: como lidar com a ação de Claudio?

Um conselho que havia recebido de Claudio: “às vezes, a melhor coisa a fazer, é não fazer nada”. Meu papel está cumprido: fui a consciência que viu a história do começo ao fim, o *show* se desdobra em pequenos acontecimentos espalhados

pelo tempo, que quando unificados, formam uma narrativa que se repete, e se repete, e se repete. Talvez a situação renda um texto, para examinar as repetições. Porque não é aprendido se ainda caímos no erro.

I.V SÍMBOLOS FAMILIARES

Chego no terminal. O ônibus que passa pela rua da minha casa está estacionado, me espera. Mas se vou escrever um texto, é uma boa variar os cenários, então escolho fazer o último trecho numa caminhada. Ando ansioso para chegar. São 12 minutos de passadas, perfeitos para quem decidiu escrever e precisa digerir os fatos para dar vasão a uma narrativa. Passo as horas na peneira, em busca das correspondências simbólicas.

Quando algo acontece, e este algo tem mais de uma incidência, há liberdade para suspender a descrença para pensar nas relações sem os limites da causalidade. Aplico a dúvida a tudo que aconteceu. Duvido da minha versão dos fatos, e re-descubro que amanhã, pela manhã, Claudio continuará sendo um otário. Quando entrei na casa do solitário, sem muitos amigos, notei que ele estava – dessa vez totalmente, sozinho. Também senti que o cheiro de liberdade emanava do lugar onde minha prima sentava. Sorri por ela, lamentei por ele.

Vai demorar algum tempo para Claudio entender tudo o que aconteceu nesses últimos anos. Mais tarde, na conversa com minha prima, que deixou de ser tutora de macho crescido, senti nela o aroma de espírito recém liberto. Era o mesmo perfume que a bacante onírica usava, em sua história individual, que fui impedido de explorar por um romano que “sabe sobre gatos” mais do que sobre si mesmo.

Passo por um campo, decido que o texto vai ser escrito pela temporalidade. Ele começará com a minha apresentação como indivíduo imerso no dinamismo do mundo, e que poderia ser qualquer um que o observasse. É preciso ter honestidade:

me assumir como embriagado, porém um embriagado que sabe falar, então é bom colocar umas citações no começo, para conquistar os impressionáveis. Alguns só acreditam se tiver referência a algum alemão.

Depois de apresentado o sujeito-escritor, apresentar os personagens, em um contraste entre os dois rapazes, que às vezes se confundem. O sujeito como multiplicidade é o centro, porque identidades fluidas dão margem para interpretações metafóricas, como a leitura de minha relação com Claudio a partir dos temas que pesquisamos (ele os romanos, eu os gregos). "Claudio", aliás, é um ótimo pseudônimo. Posso trazer a primavera como um temporal que reuniu todos os momentos da história. Nesse sentido, o sujeito-personagem virá a sujeito-narrador da própria primavera. A primavera é a jovialidade da dúvida. E a dúvida como atividade filosófica. Um texto precisa ser um tanto labiríntico, com fios espalhados.

A escrita deve ser sucinta, não posso cansar o leitor. Também preciso ser cirúrgico nas considerações sobre Claudio. Apesar de tudo, ainda sou nobre e cortês. Um riso maldoso aparece nos meus lábios quando imagino a reação de Claudio lendo sobre seu ego; se isso o fizer perceber minimamente sua apatia perante os mais próximos, seu elitismo, sua passividade diante da vida, cansaço diante da arte (porque reduzir o trabalho de Arrigo Barnabé a "uma voz comum" é coisa de quem teve preguiça de ouvir minhas recomendações ou foi burro o suficiente para não compreender) e sua incompreensão essencial as lições dos grandes mestres.

Pobre advogado, sem querer se tornou objeto de um filósofo. Foi transformado no arquétipo do jovem intelectualizado que acredita ter encontrado a resposta para a existência aos vinte e tantos anos, e por isso deixa de descobrir novidades.

O encerramento deixo para decidir na hora, com espontaneidade. Estou próximo do meu destino. Quando atravessar as próximas ruas, chegarei em casa, para me jogar na poltrona. E escreverei. Escreverei o que precisa ser dito; *timing* e coragem

não me faltam. Sou um sujeito-corajoso, imerso em sentimentos vagos e algumas leituras do tempo. E por isso que, quando chegar em casa, escreverei como homem, como filósofo, como artista e como personagem. Quando eu chegar em casa...

II - ALERTA LARANJA

Estava estressado, com problemas para dormir. Leu na internet que o som da chuva ajuda no sono. Desde então, toda noite colocava sua *playlist*. A *playlist*, bastante realista, incluía até sons de trovão e resolveu sua insônia.

Mas aí começou a temporada de chuvas, e o problema recomeçou. O ruído da chuva externa não deixava que ele ouvisse o barulho da chuva da *playlist*. O trovão lá fora abafava o trovão vindo da caixa de som.

Por isso, ele não conseguia mais descansar. Pobre estressado, com problemas para dormir, jamais ouviu o que sempre quis ouvir...

III - CONSELHOS DE MÃE

Estava angustiado, um tanto ansioso. Para aliviar, fez o que geralmente faz: caminhou. Entre uma passada e outra, percorreu 22 km, sem que houvesse um fim na necessidade de exercício ou um destino específico, mas pelas experiências sonoras e meditativas que os passos proporcionavam. Não o som que os pés fazem ao tocar o chão, embora constantes e às vezes curiosos, mas o som do mundo, ainda mais constante e infinitamente mais curioso. E, naquele dia, o som que chamou sua atenção vinha da boca de uma moça, bêbada demais para perceber que havia alguém ouvindo suas reflexões.

Era por volta das 22h quando passou por um casal embriagado. Os sons de bêbados se divertindo sempre chamaram

sua atenção. Ao ver aqueles jovens cambaleantes e risonhos, quis parar sua caminhada para ficar ali com eles, ouvindo tudo o que tinham a dizer. E, por um momento, diminuiu a velocidade dos passos para ouvir melhor.

A moça disse, com voz lenta e melindrosa: "A vida... a vida é... como é aquele negócio no carro que gira?". O rapaz respondeu, com a voz um pouco mais firme: "O volante?". A moça negou. "A maçaneta?" "Não". "Então é o para-brisa?" A voz da moça ganhou força: "Não, não! É a roda? Não é a roda! É a capota? Também não... é a engrenagem! A vida é como uma engrenagem: ela precisa das outras peças para funcionar. Minha mãe me disse isso um dia". Mal as palavras se dissolveram no ar, o casal virou à direita e se dissolveu na história.

E, depois de tudo, cresceu ainda mais sua curiosidade auditiva. Não pelo som dos pés, mas pelos conselhos dados por mães de jovens bêbadas, que, ao que parece, têm significados reais para os ansiosos e angustiados.

IV - LINHA 706

Ainda revivo nosso último encontro, naquele ônibus, três anos atrás. Lembro até da linha: 706, Caiuá/Centro, enquanto passava pelo Santa Quitéria. Eu estava de cabeça baixa, lendo não sei o quê. Senti uma mão no meu cabelo e pensei: "Droga, mais um tarado". Olhei para cima, você sorriu. Eu sorri. Conversamos por poucos minutos, e você desembarcou. Com o ônibus, segui para outra direção, porque é isso que os passageiros fazem. Desde então, nos vimos mais duas vezes, mas nunca foi como naquele último encontro; depois, mesmo que estivéssemos juntos, não estávamos. Porque é assim que os passageiros são: distraídos. Ontem te vi no terminal. Será que pegaremos mais ônibus juntos?

EXPERIMENTOS ESTÉTICOUTONOS: CÉUS DE CURITIBA, POR FELIX¹⁶³

Os ensaios a seguir tratam da experiência reflexiva com a pintura.

Cada título corresponde a um quadro, todos anexados no final do livro.

I - UM BRIGADEIRO - VERÃO DE 2020

O céu de Curitiba tem algo para dizer: ele está de brigadeiro.

Curitiba está tão movimentada quanto Atenas, durante a guerra do Peloponeso. Ano de disputa eleitoral; a peste se aproxima, acompanhada da crise econômica e do colapso de serviços públicos, que não chegam para muitas das favelas da frágil cidade modelo. Mas o manto azul celeste, que cobre Curitiba, continua digno, livre, pleno, cultural, reflexivo e amigável, como sempre foi.

Os íntimos já sabem de meu desejo em aprender a pintar; mais que isso, em descobrir, afinal, a graça do pincel. Para responder essa pergunta me elevo, busco uma resposta panorâmica.

Pintei despretenciosamente o céu, firmamento que reúne todas as cabeças, e que foi o primeiro elemento de divinação humana.

¹⁶³ Sua pintura seria um paradoxo: procurar a realidade sem abandonar as sensações, sem ter outro guia senão a natureza na impressão imediata, sem delimitar os contornos, sem enquadrar a cor pelo desenho, sem compor a perspectiva ou o quadro. (...) não acha que deve escolher entre a sensação e o pensamento, assim como entre o caos e a ordem. Não quer separar as coisas fixas que nos aparecem no olhar de sua maneira fugaz de aparecer, quer pintar a matéria ao tomar forma, a ordem nascendo por uma organização espontânea. Para ele, a linha divisória não está entre "os sentidos" e a "inteligência", mas entre a ordem espontânea das coisas percebidas e a ordem humana das ideias e das ciências. MERLEAU-PONTY, Maurice. **A DÚVIDA DE CÉZANNE**. In Os Pensadores, Husserl e Merleau-Ponty, Abril, SA, São Paulo, 1975. p. 306;



Durante a empreitada decidi prolongar a experiência por mais pinturas (todas sobre e sob o Céu de Curitiba) que se desenvolvem gradativamente, em suas composições. O primeiro produto da série é um céu de brigadeiro, por ser, no dia de hoje, o que está sobre mim. Considero importante o registro visual de minhas experiências sob este céu diário e tão diferente, que me chama tanto a atenção.

Os paranaenses têm um traço de provinciano, um apego pelo céu conhecido, a tradição corriqueira, ao vocábulo regional, preferem falar “vina” e “penal”. Por isso que Rocha Pombo, quando escreveu sua **História do Brasil**, não contou a grandiosa trajetória de nossa nação por seus grandes feitos passados, mas pelos costumes, opiniões, crenças, ideias, tendências e instituições da nossa gente.

E em meio a tantos conflitos étnicos, sociais, culturais, religiosos, linguísticos, os povos encontram sua síntese num dos Estados mais jovens. Entre maragatos e pica-paus, a arte paranaense desenvolveu um olhar de coesão simbólica e universalista a partir de suas experiências na cidade, uma semiótica das ruas. É olhar para o céu e ver araucárias, e olhar para as calçadas e ver araucárias.

Se um dia deixar a Curitiba, ficam os quadros e os textos, de um jovem curitibano que quis retratar a beleza de um céu claro, sem nuvens, bom para se voar. Sutil o bastante para mostrar o Paraná, para os que sabem ver. Mesmo que não seja o estilo preferido das elites, continua sendo legítimo, pois cresce sob o céu de Curitiba, no solo paranaense.

P.S: o solo ainda está fértil.

Assinado: um broto.

II - A INGENUIDADE DE HOMERO Verão de 2020

Sentado na varanda de minha casa vejo o céu, ele está cheio de nuvens; cada uma delas com uma forma única: um cachimbo, um coração, um pato, um cachimbo misturado com um pato, na sopa do inconsciente. Se esgarçam com o vento, são desfeitas para dar vazão a novas formas, ainda mais inesperadas. O dia está nublado, mas dá para ver o azul celeste de fundo.

A tarde está linda e eu estou de bom humor. Sinto como é bom estar vivo. Recordo um filósofo pessimista que diz que viver é sofrer; reflito ele e sua teoria da eterna penitência do ser, sua moralização da existência, seu *Indeterminado*, o ponto de interrogação que acompanha todos os movimentos do *de-vir*. Sou incapaz de aceitar suas considerações, por mais singulares que elas sejam. O Céu estava lindo demais para o sofrer ser conclusão do viver! Foi um momento lindo, tocava *Is This Love*.

Na situação contemplativa ecoa um texto que li há alguns anos e que, até então, não me era muito claro. O texto em questão, **O Nascimento da Tragédia no Espírito da Música**, de Nietzsche, trata dos impulsos estéticos dos gregos antigos; em determinado momento El Bigodon descreve Homero como

um artista ingênuo e que, por conta de sua ingenuidade, era um grande artista. Mas o que é ser ingênuo? Depois de anos não foram os especialistas no autor que me explicaram o conceito, mas as nuvens.

Para quem faltou nas aulas de Cultura Antiga, Homero era um cego viajante, peregrino pobre que recitava seus épicos em troca de donativos. A ele se credita as narrativas que fundam o helenismo, a Ilíada e a Odisseia (a primeira é a história da Guerra de Tróia; a segunda é um *spin-off* da primeira, em que Ulisses [o soldado que teve a ideia do cavalo] quer voltar para casa, depois da guerra), primeiras obras da literatura ocidental, repletas de deuses ressentidos, heróis orgulhosos que passam dos seus limites, crises e guerras cheias de sangue, suor e lágrimas.

Mas o que isso tem a ver com as nuvens que eu via? Para uma análise fria, daquelas que preferem a exatidão, não muita coisa; o dilatar da pupila do olho cósmico acontece não para o homem que quer entender as relações estabelecidas pela matéria, mas para o homem da arte, que aceita Homero como o tio meio maluco, que tem uma kombi e exagera nas medidas.



Pensemos mais sobre o poeta, um homem que vaga pelas estradas da Grécia. Ele ouve tudo, nenhum som passa despercebido. Imagine que, em uma dessas andanças, Homero ouve o estrondo de um trovão seguido de uma forte tempestade. Aquele som arrepia a espinha do ingênuo, e só pode representar uma coisa: a ira de Zeus. Mas o que teria deixado o deus irado? A resposta fica mais a frente, quando Homero se aproxima do mar e ouve ondas quebrando violentamente na praia, que, sem sombra de dúvidas, demonstram a revolta de Poseidon. A conclusão de Homero é silogística: Zeus e Poseidon estão em confronto.

Homero não poderia saber que o trovão que presenciou foi causado pelo aquecimento e expansão supersônica do ar atravessado por uma corrente elétrica, nem que as ondas acontecem pela pressão e fricção dos ventos sobre a água, sua leitura da realidade é, digamos, cegamente criativa. O ingênuo, quando contempla o mundo e seus fenômenos, encontra a harmonia ainda não explicada, o *thauma* que “aspira a superar o tempo no tempo e combinar ao ser absoluto o *devir*, a modificação à identidade”¹⁶⁴. O quebrar da onda e o explodir do trovão são transfigurados e glorificados, seu significado transcende sua compreensão física e passa para o ramo estético, torna-se arte. Que provavelmente vai ser manifesta nas festas de família, ou nas rodas entre amigos, que o tio meio maluco da kombi frequenta.

O mesmo acontece nas nuvens de minha varanda: quando olho o céu e, como uma criança (que em ingenuidade supera os adultos, doentes de ceticismo) vejo nuvens que deixam de ser nuvens para se transformarem num pato, num cachimbo, num rato, numa nave espacial, manifesto minha ingenuidade sobre o mundo. Dessa reflexão nasce o segundo quadro, que teve a participação de meu vizinho Breno Terezio (TRZ), que me fez companhia na solidão; até ousou pintar uma nuvem, o que rendeu um espaço para seu nome, no quadro que chamei: A Ingenuidade de Homero.

¹⁶⁴ MARÇAL, Jairo. **Antologia de Textos Filosóficos**. Curitiba: SEED - Pr., 2009. - In: SCHILLER, Friedrich. *Cartas Sobre a Educação*, carta XIV, p. 652;

III - O PODER CONTRADIZER-SE VERÃO DE 2020

Quem viu a Lua na semana passada notou algo de diferente: ela aparentava estar mais redonda, mais próxima da Terra. Tecnicamente falando, foi o primeiro fenômeno lunar de 2020, a Superlua de Neve. A Lua estava obscena de tão luminosa! O satélite, totalmente desinibido, me seduziu e me convenceu a pintá-lo. Mas o que a Lua expressava naquele flerte? A pergunta nasce da típica afetação do brilho lunar que, além de controlar as marés, dá origem aos lobisomens (força instintiva, animalésca e estética dos caçadores de Lua-cheia). Desafiei-me com a pergunta e fiz da resposta meu terceiro quadro (e texto), dedicado a Ferreira Gullar, fundamental para o amadurecimento da reflexão.

Em meu texto anterior, **A Ingenuidade de Homero**, escrevi o texto e pintei o quadro com uma inquietação profunda demais para ser, naquele momento, expressa: me parecia, no fundo da mente, que estava me contradizendo na argumentação; porque quando expliquei as nuvens como metáfora para a ingenuidade do artista que transfigura a realidade a partir do espanto, do inesperado corriqueiro, exclui da obra a característica central, sua ingenuidade. Isso porque assumi uma postura de tradutor no quadro, ou seja, busquei representar uma coisa (a reflexão sobre a ingenuidade) em outra (um céu com nuvens); não fiz pintura para pintura, aquela que retrata puramente as cenas que proporcionam uma festa aos olhos; não amei as nuvens, mas o que elas significavam para mim, naquele momento: conceitos.

Esse juízo coloca a ingenuidade em xeque, porque racionaliza – na medida que verbaliza – coisas novas com linguagem antiga. E ao procurar uma mensagem no flerte lunar para pintar me envolvo na mesma contradição: não apenas pintar, querer traduzir pensamentos em pintura, coisa de francês.

O ditado já é bem conhecido: *traduttore, traditore*, mas

PERI PHYSEOS:

Experimentalismo Semiótico sob o céu de Curitiba

o que uma pintura da Lua trai? Num primeiro momento, a Lua. *Ceci n'est pas une lune*: a Lua, como a vida, é inventada; os pensamentos que tenho sobre a Lua não tem necessária relação com a Lua de fato; assim como a poesia, a filosofia, a música, a experiência da pintura proporciona algo singular e que não pode ser vivenciado de outra forma que não seja aquela.



É o famoso: fulano só saberá como é pintar uma parede se, pura e simplesmente, sair do computador e pintar a parede. Dessa radicalização da contradição premeditada na tradução floresce a "Contração", palavra que estampa o quadro e resume o mundo, o substitui, sinaliza que se contradizer também pode ser divertido. Por isso também há contradição no quadro com ele mesmo, porque nele a diferenciação entre ingenuidade e tradução é radicalizada ao ponto de ganhar uma sentença, torna-se, além de pintura, um poema! E mesmo que eu concorde que este quadro se aproxima da poesia, não me nego o direito de discordar da mesma opinião. *Contração* é a expressão paradoxal, porque seres dúbios, como os humanos, encontram suas sínteses, inesperadamente, em paradoxos.

Todas as vivências se estimulam mutuamente, ao ponto de eu não ser capaz de filosofar neste texto se não fosse a *contradição* com o texto-quadro anterior. Porque fundamentalmente me comporto como filósofo, mesmo quando estou na pintura. A filosofia se contradiz, e por isso se justifica. É ingênua se contraduzindo. Daí vem meu terceiro empreendimento, a pintura poema: O Poder Contradizer-se.

IV - ENTRE COISAS DA NATUREZA E DO HOMEM OUTONO DE 2020

Para os amantes da numerologia: o três representa a harmonia absoluta, o positivo, o negativo e o neutro; mas além disso esse número está curiosamente ligado à filosofia. Por exemplo: toda a filosofia hegeliana; três é o número de princípios da Lógica e a composição de um silogismo tem três partes; a alma, para Platão, era dividida em três (racional, irascível e concupiscente); todas as coisas que existem, segundo Aristóteles, tem três características indissolúvel (unidade, beleza e verdade); talvez essa frequente aparição do número seja herança dos pitagóricos que resumiam o que aprendiam em três máximas.

Resolvi aplicar esta técnica de estudos, no mínimo criativa, a mim mesmo: se pudesse resumir os três pontos centrais do meu próprio pensamento, os mais básicos, quais seriam? É uma pergunta perigosa, porque a partir desses pontos todo o meu filosofar é construído, bases firmes são essenciais. Para chegar nessas três máximas é preciso, em primeiro lugar, renunciar a tudo o que sei (ou que acho que sei), o filtro cartesiano. Depois deveria buscar os conhecimentos que, na singularidade de minha existência, constatei como os mais seguros. Cheguei a dois muito rapidamente (ambos já notados ainda na infância): 1 - onde algo há, a mudança acontece, isto é, o *devenir* e 2 - a vida é sempre o resultado. Em outro momento falarei

PERI PHYSEOS:

Experimentalismo Semiótico sob o céu de Curitiba

mais sobre o segundo, visto que o primeiro já é tema do Livro do Olho Azul; hoje falo da terceira máxima, porque no processo tive sua confirmação.

Tenha em mente que o pensamento filosófico surge, não por acaso, da contemplação do mundo; quando o mundo se revela como inexplicável nasce a filosofia. Hoje acordei e, ainda na cama, pensei: “na Natureza não existem linhas retas” – então, de onde vieram essas linhas que vejo por todos os lados? A própria ideia de lados é um subproduto da ideia de linhas. Resposta: é coisa humana.



A humanidade faz linhas, a Natureza faz círculos. A conhecida sequência *Fibonacci*, espiral geometricamente perfeita, infinita e presente em toda a Natureza, só pode ser calculável se forem traçadas linhas, que antes não existiam e que indicam proporções áureas –, levantei, tomei café, me alonguei na varanda e tirei uma foto, que foi postada numa rede social. Vendo a foto lembro-me do pensamento que tive, ao acordar: era evidente naquele retrato que todos os elementos celestes tinham alguma curvatura inerente, e que só o que aparecia de produção humana estava reto. Era uma confirmação, mas ainda

não era o suficiente. Olhei para mim, no centro da foto, e não vi linhas. Eu mesmo não tenho linhas em meu corpo, apenas formas arredondadas.

Os humanos serem círculos e produzirem linhas é mais uma contradição, reafirma o ser humano como pertencente à Natureza e, ao mesmo tempo, o separa dela. O mesencéfalo altamente desenvolvido, as capacidades motoras específicas, os polegares opositores e a racionalidade são determinações que nos separam dos animais e que são simultaneamente aplicadas no traçar de uma linha reta.

Com efeito, a linha reta tem sua origem na capacidade humana de abstração, de sair do que é concreto; e como além da realidade não há nada, então a premissa da linha reta é falsa. Hoje vemos linhas retas porque de premissas falsas podemos chegar em respostas verdadeiras (verdadeiro como uma parede, um corrimão, um prédio, um chão, a sobreposição de linhas que é o número III).

O muito tempo permite um espaço para sublimação, minha quarta pintura feita durante a quarentena do COVID-19. Entre Coisas da Natureza e do Homem, produzida hoje, durante a tarde. É uma pintura mais composta, a primeira que retrata algo além de fenômenos do céu, foi feita com referência na foto que tirei pela manhã, mas que só me permiti olhar três vezes, de resto usei a memória. Ela me deu o momento de meditação para confirmar aquilo que suspeitava: o Homem fazer linha reta é a prova de que nossas abstrações podem mudar o mundo. Eis a terceira máxima: “da Natureza só os humanos traçam uma linha reta”. Isso nos lembra que uma coisa que não-é pode ser a partir de uma crença nessa coisa e portanto é a Mentira e não a Verdade nossa obra por excelência, a segunda sempre é a primeira disfarçada; essa é uma versão alternativa para o quadro de Jean-Léon Gérôme, **A Verdade Saindo do Poço.**

V - IMPRESSÃO, PÔR DO SOL OUTONO DE 2020

No céu curitibano, que dizem “já foi vanguarda”, passa algo diferente. A profusão de cores, o movimento das nuvens, a constante mudança de temperatura são fenômenos observáveis de sua confusa atmosfera que, segundo o que me disse um meteorologista, acontecem porque a cidade está localizada num lugar alto, latitudinal e muito próximo da escarpa da Serra do Mar. Se, ao visitar Curitiba, um hipotético turista conhecer o Museu Metropolitan de Arte, o MUMA, verá por volta das 18 horas o rubro-negro pôr do sol, num show de cores apetece os sentidos dos tropeiros e lavradores que passam por lá desde o século XVIII (sou um desses, me conecto com esses fantasmas através do Sol). Lá, junto de mim e desses fantasmas, está um centro comercial próspero que acompanha o pôr do sol atento, porque no fim do expediente, quando todos voltam para casa, ou vão para faculdade, é ele que estampa o céu. A pintura do entardecer do Portão, bairro preenchido por todas essas coisas, oferece a possibilidade de contemplar um céu inédito, que diferente de todos os outros, não é azul!

Sob o crepúsculo algumas empresas desse centro comercial buscam, pelas tendências de mercado, renovação. Instituições de todos os tipos aderem a roupagens modernas, neo-inovadoras, *makers, do it yourself*, 4.0, para alimentar e seguir com a insaciável locomotiva do progresso, que agora avança pelo século XXI. Esses multi-reformistas propõem a superação do tradicional para abrir espaço para o novo, o desenvolvido; o problema do argumento é que (fora ele ser um *ad novitatem*) o desenvolvimento esperado está enraizado em uma dialética dominada pelo discurso capitalista, transvestido de ciência. A quarta revolução precisa, para concretizar seus projetos e projetar-se para o futuro virtual, abandonar, de uma vez para sempre, os velhos hábitos analógicos. Para além da realidade virtual, Inteligência Artificial e da Internet das Coisas

(sem mencionar os processo com EEG, PET-SCAN, RSS, CRIS-PR e demais produtos da técnica que agora chegam a certa maturidade), somos cercados pela integração entre mundo real e virtual que nos guia em direção a uma outra onda dualista.

Ó, abre alas, para o vazio pós-moderno, espaço temporal preenchido por todas essas coisas e que oferece a possibilidade de contemplar um aspecto humano que, diferente de todos, sabe que é vazio de finalidade. O céu de Curitiba nunca foi tão revelador, nem tão niilista, mas este céu tão humano não poderia mais vir de outro modo.



O céu de Curitiba, que prefere as cores frias, anoiteceu. Ferveu no vermelho. O que será dele daqui pra frente? O anoitecer está aí, ele é inevitável. Nas expectativas pelo amanhecer (e pelos demais títulos de Stephenie Meyer) transparece a esperança na promessa de uma nova formatação das coisas humanas. Olhar para trás, para dizer o que virá, o nosso dia da marmota: as visões de um eterno pôr no sol, que sempre se repete e que ilumina um céu de significados novos e antigos, para relacionar – quem sabe decifrar – céus anteriores, que voltam na medida que foram, ganham efetividade quando afirmam, sem maiores pretensões, a vontade de sempre mais ver

PERI PHYSEOS:

Experimentalismo Semiótico sob o céu de Curitiba

o Sol; o astro rei, que tudo fez: planetas, cometas e asteroides, é, no seu declinar, o responsável por toda experiência de valores presos ao campo gravitacional da vida, neste instante, renovada.

No mais, mesmo vendo mais longe no horizonte,
"nunca conheci
quem tivesse
levado porrada!"¹⁶⁵

o que pode indicar que toda esta reflexão pode ser apenas produto de um milenismo tardio, de hipotéticos turistas fragmentados pelas primeiras décadas do século XXI. Turistas que cantam as histórias de terras que nunca veremos. A não ser quando olhamos para, por exemplo, o quinto quadro da minha coleção de céus, dedicado (não só pelo nome) a Claude Monet: Impressão, Pôr do Sol.

VI - O PIOR QUADRO DO MEU MUNDO

PRIMEIRO DIA DO INVERNO

O tempo em reclusão muda uma pessoa. Torna ela, se não mais chata, um tanto mais crítica. Não é só a barba que cresce, a gente continua no caminho da maturidade, da formação moral, mesmo trancado em casa. O levantamento de peso é feito na decisão de cada dia. E hoje acordei decidido, iria queimar minha última pintura.

Desde que finalizei a pintura, e isso faz algumas semanas, não me dispus a terminar o texto que a acompanharia. Não sentia segurança em sua plenitude enquanto obra, que não passou pelo meu crivo estético mais básico: não me fez esquecer a modéstia.

Na noite de ontem decidi que odiava o quadro, porque tive uma ideia melhor para ele. O mesmo conceito, mesmas

¹⁶⁵ Os versos acima, escritos com o heterônimo de Álvaro de Campos, foram extraídos do livro "**Fernando Pessoa - Obra Poética**", da Cia. José Aguilar Editora - Rio de Janeiro, 1972, pág. 418;

influências, as mesmas cores, só que organizados em formas diferentes. A morte de uma ideia é quando surge outra melhor, que ao meu ver, se alinha com a proposta que vem sendo desenvolvida, num tom geral das pinturas. Planejei o passo a passo do ritual de expurgo, em que a tela antiga seria jogada na churrasqueira, apagada da existência, para não machucar um observador descuidado.

Mas o gênio maligno me perguntou: “qual o tom geral da obra?”. O projeto trata da *minha experiência reflexiva* na pintura, registrada em textos e telas, sobre o Céu curitibano. Este é o sexto trabalho – que reitero, odiei. Odiei pela visão em primeira pessoa, que o quadro se esforça tanto para passar; a ponto que, propositalmente, ignora os elementos de margem, para focar no centro, em delimitações circulares do indivíduo formatador do real. De uma questão o gênio pula para outra: “desenho pode dar errado?” Penso que não existe erro na arte, mas ignorar técnicas afetam o resultado. Neste caso culpo o autor – nesse caso, eu mesmo –, que não teve *timing* para finalizar a pintura e a reflexão, feitas no decorrer de dois meses, o que deixou dispersa, e a mensagem “carregada demais, com elementos demais”, enjoa. Pois então é responsabilidade do autor limpar o erro com fogo. Abrir espaço para outro quadro, novo e melhor!



A autocrítica se converteu em autocontemplação, e não consegui queimar o quadro. O erro se fez acertado, visto por outra perspectiva. O projeto se refere a minha experiência na pintura, não o juízo que faço dela. A coleção, que é maior que o quadro – mas que depende dele –, teve empatia por sua feiura e confusão. Essa beleza desprezível foi agregada. Nesse conflito interno conclui, como Merleau-Ponty, “a impressão do que existe é uma tarefa infinita”¹⁶⁶, que nem Michelangelo é capaz de superar. Já que a batalha está perdida, que a pintura fique na parede de cabeça para baixo, para dar um último toque de descontentamento.

As influências cubistas de Robert Delaunay, o céu inspirado em álbuns da psicodelia francesa, o azul metálico e a integração do urbano com o natural até fazem a obra valer a pena.

Alguns encontram sua beleza por acaso, como este quadro que era para ser e não foi. Fica como a prova torta de que uma expressão jamais deve ser destruída, mesmo que seja uma porcaria! Porcaria toda minha, que nomeei em seis palavras: O Pior Quadro do Meu Mundo.

VII - O CÉU DE POMPEIA INVERNO DE 2020

Um pouco depois das dez da manhã, de 24 de Agosto de 79 d.C., o dia escureceu. O comércio estava aberto há pouco mais de duas horas, e a maioria das pessoas ainda estava em casa; porque na madrugada anterior ficaram pelas ruas, assistindo lutas e teatros, em honra ao deus do fogo, Vulcano.

Os moradores do lugar, situado aos pés de um monte de solo fértil, perceberam tarde demais que aquele monte era, na verdade, um grande vulcão. Antes do meio-dia a cidade, com oito séculos de história, foi apagada. Seus 20 mil habitantes

¹⁶⁶ MERLEAU-PONTY, Maurice. **A DÚVIDA DE CÉZANNE**. In Os Pensadores, Husserl e Merleau-Ponty, Abril, SA, São Paulo, 1975. p. 308;

inalaram uma mistura de dióxido de carbono quente, sulfato de hidrogênio, cloreto de hidrogênio e dióxido de enxofre, que queimou suas gargantas e, junto das fuligens, cimentou seus pulmões. Mas não morreram disso, tiveram o crânio explodido pelo sangue fervido no fluxo piroclástico; foram esmagados por pedras gigantes ou afogados no tsunami, com ondas de 8m.

Depois dessa manhã, algumas coisas que não deveriam ser esquecidas, se perderam. “A história se tornou lenda, a lenda se tornou mito e durante 1.600 anos o Anel”... digo, a cidade, ficou – como uma Atlântida – totalmente encoberta, mencionada, apenas, em alguns livros. Até que em 1748, foi redescoberta sob 25m de cinzas e pedra-pome, que preservaram os corpos e os objetos, permitindo a reprodução em gesso das situações no instante que sucedeu a erupção.

Longe dali, no tempo e no espaço, numa cidade sem montes suspeitos, uma menina de dez anos, Simone, soube da história de Pompeia, chocante como uma passagem bíblica, mortal como um ataque da Medusa. O espanto foi tamanho que presenteou seu irmão mais velho, Juca, com o desenho de um vulcão, no momento da explosão pliniana (destacada no vermelho). Mais que um gesto de carinho, a criança manifestou, no ato de desenhar, o novo conhecimento assimilado pelo espanto. A produção estética é resultado do processo de percepção dos dados; com uma postura crítica, interpretativa e imaginativa, Simone introduz a informação como peça complementar no quebra-cabeça de sua mente. Isso guiou minha mão na composição da nova pintura, chamada O Céu De Pompeia. Sendo assim, Simone é a autora, de forma que eu sou, apenas, o pintor.

Algumas mensagens são tão complexas que, ironicamente, só crianças são capazes de entender. Quando um vulcano entra em erupção, há uma conexão entre o magma mais profundo da Terra com o ambiente mais aberto e aparente, o céu. É o totalmente interno se arranjando com o absolutamente

PERI PHYSEOS:

Experimentalismo Semiótico sob o céu de Curitiba

externo, lido pelo ingênuo olhar infantil. Olhar que preferiu não focar nos sujeitos petrificados, mas na última visão que esses tiveram, antes do calor de 300 °C evaporar o sangue de suas veias.

Os adultos tendem a pensar as situações a partir do contexto geral, questionam, por exemplo, se realmente existem montanhas próximas ao Vesúvio, como mostra o quadro. Mas Simone assume a primeira pessoa, aquela que narra a erupção, em formas simples e universais. Sua leitura é tão única que em meio a fumaça (incapaz de bloquear o azul celeste), um ponto se separa, ganha independência, se confunde com uma nuvem.

Então, se o Vesúvio não é cercado por montanhas, tudo é permitido?



Esta pergunta norteia os Céus curitibanos e fundamenta o sétimo quadro, que investiga as brincadeiras infantis na criação da realidade. Simone nunca foi para Itália, nem pesquisou, segundo ela própria, por referências visuais do Vesúvio. Isso não significa que sua representação não é real. Se a realidade não possui verdade intrínseca certas impressões ficam a critério da abstração do observador, que cria com base nos dados; o estrutural pelo eventual. Por exemplo, um relato de desastre vulcânico para compreender colapsos civilizacionais por desastres climáticos.

Neste sentido, o pensamento não se volta para a realidade, mas sim pro conteúdo significativo disso que parece ser real, preenchido pela criança que desenha fogo no céu. As mentiras desonestas, as *fake news*, são paralogismos que falsificam o dado para molestar, induzir ao erro e manipular a opinião geral. A criação autenticamente ingênua não quer convencer, mas sempre mais criar modos singulares de comunicação, pois é nesse fazer linguístico que se determina os humanos na dimensão de atribuições de significados, às vezes em códigos que permitem sua historicidade. Por isso algumas pessoas gastam tempo contemplando livros e o nascer do Sol: é a tentativa de captura da universalidade em um acontecimento corriqueiro.

Entre o Vesúvio em erupção, os artistas infantis e a conjuntura do real, Simone e eu, pintando juntos, numa tarde muito agradável. Nenhum de nós sabe, verdadeiramente, o que se passou com os moradores da baía de Nápoles, naquele dia infernal; nenhum de nós se sente desconfortável, ou se intimida, em vagar pela vila dos mistérios, inventando o caminho; nessa vila, a fumaça de um vulcão pode virar nuvem, ser arrastada pelo vento, e se aventurar sem rumo pelo mundo. Todas as andanças sob o mesmo céu, sendo sempre o céu que já não é o mesmo céu que a gente conheceu.

Mas tudo isso é só especulação, Simone não quis assinar o quadro, mesmo tendo trabalhado com o pincel. Assinou apenas o próprio desenho. Isso prova que nem uma mente filosófica obstinada é capaz de superar o rigor ético da criança de dez anos. Salve Princesa Filósofa.

VIII - CÉU DA JANELA PRIMAVERA DE 2020

Um quarto vermelho de 6.40m x 3.30m, no último andar de um sobrado, na periferia de Curitiba. Este é o cenário daquele que, quando não escreve nem pinta, vive nos porme-

PERI PHYSEOS:

Experimentalismo Semiótico sob o céu de Curitiba

nores. A janela desse quarto tem frente para o norte e listras diagonais de grades, que evitam visitas indesejadas. No lado de fora está pendurado um cata-sonhos, artesanato indígena, da etnia *ojibwa*. Uma mente atenta percebe que o morador da casa se preocupa em aplicar filtros na sua abertura com o mundo, seja com ferro ou com cordinhas trançadas; também a cortina, que impede que o Sol entre, e a nudez saia.

No decorrer do dia, parado em frente à janela, me pego pensando no nada. Um barulho lá fora já é o suficiente para ativar a curiosidade. Às vezes a espiadinha evolui para uma longa olhada, do seja lá o que se apresenta. Vejo quase toda a cidade no horizonte, tendo apenas o centro obstruído pelo mau caráter de um vizinho, que subiu o telhado (para compensar alguma outra coisa). As plantas ficam próximas da janela, por ser a principal fonte de ar e luz. A cama fica de frente para a janela, última coisa que vejo, antes de dormir; e a primeira que vejo, quando insisto em acordar. Este é, portanto, o céu mais particular que já pintei.



A oitava pintura exalta o extraordinário do cotidiano. Com o decorrer de nosso tempo, nossas obras assumem nossa história, mas mesmo assim, são incapazes de inserir o interlocutor no tempo entre as criações, que passa calado, periférico, anônimo. Essas partes *insignificantes* da vida, que não geram linguagens, são silêncios de quem não se envolve. O céu, de azul sensível, mostra a Lua, simples, acompanhada de um pequeno ponto vermelho: é Marte, que passou dias brilhando, visível a olho nu. Evento extraordinário, visto da janela.

Esse é o segredo do meu pintar, que explora as mesmas condições que qualquer não-pintor teria. As artes plásticas precisam aceitar um forasteiro, que mal sabe segurar um pincel e que ousa fazer uma coleção, que já chega na reta final. O forasteiro tem uma mensagem que (segundo ela mesma), não pode ser apenas trabalhada apenas com palavras, e essa potência legítima sua tinta. A autenticidade é garantia da originalidade. Mas ser original, expor o pessoal, o real, é moralizante. São poucos os que se dispõem a sair do honroso grupo dos normais, essa raridade que faz do artista uma joia tão rara.

Descartes conta que num rigoroso inverno na Alemanha ficou isolado em um quartel. Como não tinham diversões no local, nem gente interessante para trocar ideias, passou o inverno “recolhido sozinho em um aposento bem aquecido, onde tinha todo o lazer para me entreter com meus próprios pensamentos”¹⁶⁷. Essas reflexões resultaram no **Discurso Sobre o Método**, de 1637, livro que revolucionou a relação dos humanos com o mundo, por fundar a ciência moderna.

Pensar, além de útil para a vida, pode ser divertido e acabar em novidade. A filosofia é esse jogo, praticado só, em quartos que, aparentemente, contribuem para pensamentos solipistas. A subjetivação só pode ser concretizada num contato íntimo consigo, livre da moral, da pequenez do Homens, da fraqueza social. A solidão é a companheira do mago, em sua torre. Mas a torre só funciona como panóptico quando tem janela.

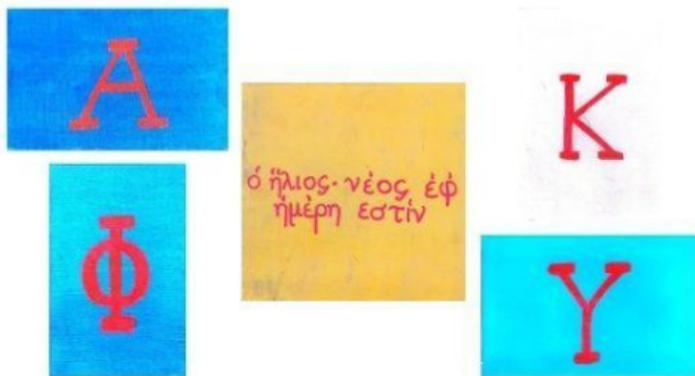
¹⁶⁷ DESCARTES, R. **Discurso Sobre o Método**. Trad. Fábio Creder. Petrópolis, RJ. Vozes, 2018. p. 17;

IX - EXPERIMENTALISMO SEMIÓTICO

PRIMAVERA DE 2020

“Uma tela preparada com tinta acrílica branca, sustentada por uma armação de madeira”. Esta definição não é um quadro. E esta outra constatação não é novidade. Superamos a falsificação pela contradição (obrigado, Magritte!). O nono quadro, a enéada do projeto, quebra a moldura. Está fragmentada em 5 quadros, que formam um só. Revisitam os azuis, e, tal o amarelo-solar do quadro central, expressão uma mensagem retangular e de cores sólidas, que só pode ser apreendida imediatamente. Essas telas são assinadas pelo código filosófico ocidental, o grego.

Os quadros menores ganham uma letra e o do centro uma sentença: Álpha, Phi, Káppa e Ýpsilon, correspondentes a A, F, C e Filho (Υίός); e a frase de Heráclito, nos sinais de Heráclito: *ο ήλιος * νέος έφ ήμέρη έστιν*, sol: novo a cada dia¹⁶⁸. Projetei nos quadros periféricos como os aspectos de produção mais fortes no ser humano, os já mapeados em mim: Adriano (o *daimon* da ciência), Felix (o *daimon* da filosofia), Castro (o *daimon* sócio-político) e Junior (o *daimon* da arte). Todos centralizados pelo ponto de vida solar que mais aparece, o sujeito.



¹⁶⁸ HERÁCLITO apud COSTA, 2012, p. 141;

É preciso admitir, não é um quadro convencional. É um Bicho abstrato que legitima seu espaço ao ser experimental na comunicação de seu conteúdo. É o experimentalismo semiótico e perspectivista sobre si mesma, que tamanha sua força, nomeia este livro. E como a alquimia filosófica acontece em um espaço determinado, surge a segunda parte do subtítulo “sob o céu de Curitiba”.

O título, *Peri Physeos*, Sobre a Natureza, além de ser uma referência às obras de Heráclito, Anaximandro, e outros antigos, sinaliza que, para o autor, a invenção de escrita neste objeto de páginas trata de como a natureza acontece, ao mesmo tempo que se coloca como um dos resultados dessa. Essa visão expande a atuação da filosofia, integra e vai além de seu emblemático discurso dissertativo, lógico e dialético, é estético. O quadro é emoldurado pelo texto, assim como eu sou formado pela estilística que adoto.

A segunda parte, da segunda parte, os Ensaios Estético-coutonais do Livro do Olho Castanho, creio, é um gesto de experimentalismo por não apenas divagar sobre determinada experiência de fruição com a arte, mas por inventar, sem nenhum motivo especial, a contemplação cósmica nos textos e nas pinturas. A construção conceitual e a imagética estão de mãos dadas, horizontalizadas como atividades de definição humana. Ambas falsas. Ambas sublimes. Eis a filosofia de invenção, que mais que analisada é empreendida.

Desde o impressionismo francês a “crítica especializada” não tem propriedade para avaliar aquilo que é novo, ou inovador. O novo, por definição, vai contra a forma. A consciência da fluidez na produção coloca as artes plásticas, pelo menos, 200 anos à frente da filosofia, em aspectos estruturais; e é isso que *Peri Physeos* explora, no seu conteúdo e forma estranha de filosofar.

Os textos e desenhos, meus ícones e indícios, são uma fração do infinito gesto de significar as coisas, mas não passam de equivalência arbitrária; porque, apesar de toda produção ser

fechada em si, não supera a riqueza das possibilidades que antecederam aquilo que foi determinado no fazer. Antes de uma palavra ser escrita ela poderia ser qualquer palavra. Por outro lado, certa concepção de filosofia considera que o pensamento deve visar, sempre, o verdadeiro, o bom, e o belo. Mas nos Céus de Curitiba até o “erro” é exaltado, é objeto, é assertivo, como no quadro VI. O erro faz parte. A escrita truncada, às vezes difusa, cheia de voltas que envolvem o escritor e o leitor num emaranhado sem fim de reflexões inconclusas e ansiosas é *O Senão do Livro*, que deve ser enfrentado.

Não foi fácil emitir a mensagem, por que tem que ser fácil captá-la?

Em respeito ao leitor radical, em defesa das mensagens complicadas, este livro insiste em ir na contramão, como a filosofia sempre foi. E se o leitor insiste na leitura dos significados, seja pelo gosto de decifrar, curiosidade pelo conteúdo (maior virtude humana), ou excesso de tempo livre, recomendo a semiótica, estudo da construção de significado e do significado de comunicação. Entender este escrito é um dom acessível, apenas para os que já conhecem as leis que regem o âmbito da comunicação, mesmo que esses não saibam que possuem tal perícia. Não é um livro de introdução à filosofia, nem manual ou coisa do tipo, é pura prática, *modus vivendi*.

De todo o experimentalismo de 2020, que me formou aprendiz de mago das proparoxítonas, concordo com Paulo: “o sentido, acho, é a entidade mais misteriosa do universo”¹⁶⁹, e dessa concordância nasce todo esse Experimentalismo Semiótico, que compõe o penúltimo quadro da coleção dos Céus de Curitiba.

¹⁶⁹ LEMINSKI, Paulo. **Ensaio e anseios cripticos**. Curitiba, PR. Inventar, 2014, p. 15;

X - SÓ, SOB O CÉU DE CURITIBA PRIMAVERA DE 2020

Só, só solidão. Desconfortáveis, angustiados, ansiosos, depressivos e psicossomáticos. Perdemos o centro, o ponto comum que congrega e reúne. Desde *Copérnico os humanos saíram do centro em direção ao X*. Não há muito o que dizer, pois não ser o objetivo da existência, sua meta evolutiva, objetivamente superior a todos os outros seres é, para uma espécie tão frágil quanto a nossa, frustrante. Nossa vida é pautada pela frustração por não ser o mais esperto, nem o mais bonito. Mas afinal, como se estabelece comparação se estamos todos sós?

O último quadro exige um tom de encerramento, com minhas considerações gerais da experiência que tive com o pincel. Nesse um ano descobri o impulso pela não-técnica, o fazer por fazer. Um sistema de defesa do intelecto, uma dissonância cognitiva, que não quer revelar as cordas e o ventrículo, para garantir a magia do espetáculo. Graças a essa inocência, que suspende a ignorância, foi possível uma atuação livre na configuração da realidade em elementos simbólicos, como estímulos de reflexão; a contemplação mais acurada para certos fenômenos celestiais; o contato mais íntimo com os antepassados, no estudo de suas obras para a composição da minha própria. E principalmente, muitos momentos de solidão e silêncio, para a criação. Eis a graça do pincel.



Meu espírito, agora por fim, se eleva, vê de cima seu céu interior, vai tão alto que consegue ver a Terra. E descobre que no espaço não existe céu. Daí o uso massivo do preto. Fora o quadro V, que tem o preto na silhueta da cidade, a ausência (de cor) não recebeu destaque, porque não existe preto absoluto no céu, apenas no espaço vazio.

Só, só solidão. Me parece que, apesar da ausência absoluta do preto, por sorte das variantes, o universo (com mais espaço do que vida), tem mais vida do que aparece. A solidão, o isolamento da identidade imutável que se diferencia o ser de todo ser-outro, é uma ilusão. Ninguém nunca é realmente só, pois não existe no preto-espaço. O décimo quadro me provou isso, de última hora, quando uma amiga geógrafa, Raquel Rodrigues (RMR), ao me visitar, fez questão de salvar a Flórida. Foi um acontecimento inesperado, que faz lembrar que ainda existem novidades, que se metem na vida. Bolas coloridas presas na gravidade sem cor.

A pintura foi, em cada quadro, uma novidade. Fiz pesquisas desnecessárias. Gastei dinheiro com telas, pinceis e tintas, sem nenhum motivo. Perdi horas na frente do computador, analisando os momentos de criação, da gênese da ideia até sua execução. Tudo trabalho in-útil e sem sentido. Como a comemoração de uma vitória no *video game* ou um churrasco, com os amigos. É a risada num show de humor e a vontade descontrolada de viajar no carnaval. Eventos de saúde, muito menores que os colossais eventos cósmicos, como explosões de estrelas e choques entre planetas. Esses fenômenos acarretam, entre seus intervalos, infinitas variações de acontecimentos; a mais sutil dessas é a vida.

E no jogo de dados, quando sai um 20, a vida se volta para si, filosofando. Filosofar é a atividade mais rara do universo, que parece gostar de *aporias*.

TEXTOS QUENTES PARA NOITES DE INVERNO, POR CASTRO¹⁷⁰

Guernica: Germinam muitas críticas, que ainda não podem florescer. Críticas a ciência, que não sabe pra onde vai; a arte, que não sabe a que veio; a escola pública, que castra; a escola particular, que reproduz; a universidade, que despersonaliza; a filosofia, que quando não cristianiza, faz complexados; aos partidos de esquerda, que preferem a distribuição de pobreza; aos partidos da direita, que não suportam alteridade; ao SUS, que ensina a todos o poder de cura do tempo; a cultura geral, que no fundo, não é cultura nenhuma; aos movimentos de minoria, que preferem se apequenar; aos movimento de maioria, que suprimem e sufocam.

Críticas que ainda não foram feitas, por hora. Na guerra civil sou obrigado a defender a ciência, a arte, a escola pública, a universidade, a filosofia, o SUS e as minorias, porque minhas críticas, em geral, não podem acontecer num solo amaldiçoado, cemitério indígena, do tipo B, com espíritos pequenos que manipulam argumentos para afirmar coisas que o eu não disse. Povinho pequeno que, além de não saber criticar, atrapalha as críticas.

Ratos da Liberdade: Todo evento tem um início. Geralmente não somos capazes de identificá-lo, tamanha a cadeia causal do efeito borboleta. Mas acho que tudo começou com um “não”, na infância. Não é original, mas é real.

¹⁷⁰ De todas as escritas, apenas amo o que uma pessoa escreve com seu próprio sangue. Escreve com sangue e descobrirás que o sangue é espírito. Não é uma tarefa fácil compreender o sangue desconhecido: odeio os ociosos que lêem (...) Aquele que escreve com sangue e em aforismos não deseja ser lido, mas aprendido de cor. Nas montanhas, o caminho mais curto é o de pico a pico, mas para isto é preciso ter pernas longas. Os aforismos devem ser picos, e aqueles para os quais são ditos devem ser altos e fortes. A atmosfera rarefeita e pura, a proximidade do perigo e o espírito pleno de uma maldade alegre são coisas que combinam entre si. NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. Trad. Carlos Duarte e Anna Duarte. São Paulo. Martins Claret, 2012. Do Ler e Escrever, p. 45;

Com 9 anos, uma placa que dizia “ratos topolinos, apenas R\$ 5” despertou em mim uma vontade inexplicável, insaciável, cega, que mata se não é saciada. Em casa, onde todos odiavam ratos, a placa foi insultada, repudiada e a vontade, anulada.

Quando ganhei meu primeiro espaço de liberdade e independência, por volta dos 14, consegui, antes de uma cortina para a janela, um rato Mercol, o Sansão. Depois tive a Minerva, o Rattolfo, a Lua e o Saruman. É muito bom fazer uso da sua liberdade.

Aquele bicho vivo era a prova de que eu podia arcar com as minhas decisões. Desde então, vivo testando os limites de minhas escolhas, e de minha liberdade. Fiz filosofia. Tenho um quarto vermelho. Crio uma gansa. Chamo de canalha. E tudo começou, como todo bom começo, pela revolta de uma criança que não aceitou o “não”.

O Corpo Te Fala: Na verdade, às vezes, o corpo grita. Um amigo (se é que podemos chamar assim) pediu para ficar uns dias em minha casa e, antes de minha boca – por compaixão e piedade – falar o fatídico “sim”, todo meu ser se alinhou e vibrou num hiperbólico “não”. As pessoas mais sábias que conheço me deram, de diferentes maneiras, o mesmo conselho: escute sua voz interior, que entendo como *daemon*.

Consigo me visualizar, parado na cozinha, com o nefando na minha frente, enquanto eu me caía em mim mesmo, ouvindo cada fibra nervosa do meu corpo e cada *daemon*, ensejos de minha vontade, berrando: “não, vai dar merda!”

Quando o incivil pediu abrigo eu sabia a resposta correta, mas preferi ignorar. Permite e, em menos de duas horas, já havia me arrependido profundamente das minhas escolhas, mas pressenti que aquilo poderia ser um aprendizado... foi um mês experimentado os limites da meditação, onde transcendi na paciência, que resultou no meu poema Tem Um Mendigo na Minha Casa e em maquinações obscuras, como a irônica manchete: “pensador nietzschiano mata um com marteladas”, imaginada enquanto colocava pregos na parede.

Tudo pode ter uma mensagem: uma dor no peito pode ser princípio de infarto ou amor não resolvido; um espasmo pode ser desequilíbrio hidroeletrólítico ou estresse. Nos cabe observar e interpretar. Percebo que o hiperbólico alinhamento vibracional de meu ser sinalizava que: se uma pessoa está totalmente isolada e rejeitada é porque ela trabalhou para isso. Pense duas vezes antes de meter a colher. A sapiência exige, para que eu não fique velho e pobre, um terceiro aprendizado: (repassando: 1 - ouvir a si; 2 - não se meter, e 3 -) perdoar.

Incorporação: Fernando Pessoa, quando escreveu Tabacaria, tinha ideia da futura popularização desse segmento comercial? Nietzsche imaginaria que, pouco mais de um século de seu diagnóstico da “civilização em clima hospitalar”, precisaríamos de uma quarentena? Os projetos filosóficos de renovação da humanidade falharam e o niilismo não quer mais esperar. Ele arrombou a porta e sentou à mesa! Estamos dispostos a alimentar o convidado?

“Não sou nada.
Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada”.
Palavras que ecoam em proeminentes que, “à parte isso”,
têm em si
“todos os sonhos do mundo”¹⁷¹.

Mentes jovens, como a minha, que precisam de ansiolíticos para não sucumbirem a ansiedade, depressão, fobias sociais, distúrbios alimentares, e outras tantas “maus do século” que surgem de dentro para fora; sofrem sem perceber que esses distúrbios não são inerentes a eles, mas embutidos para o enfraquecer, o domesticar, matar aos poucos de medo, compaixão e ignorância, senão, insuficiência respiratória.

¹⁷¹ Os versos acima, escritos com o heterônimo de Álvaro de Campos, foram extraídos do poema Tabacaria, disponível no Arquivo Pessoa, em: <<http://arquivopessoa.net/textos/163>>. Acesso em 20/11/2020;

É uma época difícil para estar vivo, mas *voilà*, ainda estamos aqui, não fecharam as cortinas! Correndo o risco de parecer um otimista ingênuo (porque me nego a ser um pessimista chato), me declaro como a favor do mundo, dessa baixaria toda que está aí, desse fim que acontece nas ruas escuras da cidade, e que não deixa ninguém dormir tranquilo.

Essa é nossa obra, ela tem os nossos traços. Agora que reconhecemos a paternidade, devemos assumir a responsabilidade da criação, e educação consciente de um mundo que não precise ser o que esse é. Independente do resultado, o amor será garantido.

O amor deve ser sempre o resultado, e de preferência, também o princípio. Esse sentimento de conexão com outro ser, que está para além do desejo e que não têm relação com posse, é a garantia de que não estamos sozinhos. Em todo o momento a humanidade amou, seja agora ou na pior crise do passado, sempre existiram pessoas à parte, que transbordam amor. Além desses existem também, muito provavelmente, alienígenas que nos observam.

Saber que não está tão sozinho, e que é amado, ajuda um pouco na ansiedade. Mas admito que um certo sentimento de desconforto e solidão no momento da reflexão é essencial para a maturação da ideia. Ademais, além da respiração, nada mais está sob nosso controle; nunca estive, só que agora existe consciência disso. *Carpe diem!*

E se por acaso o pessimismo das Tabacarias e dos hospitais estiver muito difícil de aguentar, ligue para um amigo e coma chocolate, pequena!, compartilhe um pouco de ar fresco ou saboreie, como Pessoa que é,

“no cigarro a libertação de todos os pensamentos”.

Coleções: Antes de ser escritor, fui colecionador. Colecionei moedas antigas, pedras, camisas de bandas, memes dizendo “manda nudes”, fotos de tartarugas, livros, coisas com a cor

vermelha (ainda acontece), marca-páginas, moedas das olimpíadas, cartões de visita, chapéus, canecas, posters de filmes dos anos 80, fantasias, filmes, varinhas de Harry Potter, dados de RPG, conchas, gravatas, bottons, chaveiros, cartas românticas que não foram escritos por ou para mim, chicletes, fotos minhas em tronos, suspensórios, rosários, CDs, ingressos, ursos de pelúcia, bolinhas de gude, relógios, cards de salgadinhos, e canetas. Talvez, no fundo, a grande maioria dessas se tratava, na realidade, de bagunças tematizadas.

Nenhuma dessas foi, é ou será maior ou mais importante que minha coleção de gente. Amo conhecer uma pessoa interessante, com algo para contar. Uma pessoa que sabe do que fala, e que fala sobre qualquer coisa é um pote de ouro no fim do arco íris.

Se essa pessoa fala sobre coisas que eu não sei, então, é um achado raro, que merece ser explorado em todos os aspectos de sua história. O coitado nem percebe que está sendo roubado, mimetizado no que tem de mais íntimo. Talvez colecionar seja o meu traço único, na verdade, eu também coleciono traços. Sou a voz que ouço. Isso só vale a pena ser registrado porque, de uns tempos para cá, comecei a colecionar textos.

Sozinhos: Estamos sós e isso não precisa ser ruim. Me parece que a humanidade, a partir de dado momento de sua história (“humanidade” por elegância, isso trata dos ocidentais), rejeitou conceitos inerentes a vida, como a aparência e a dor, para repousar no pacifismo de ideias. O instinto para negação da dor movimentou a teleologia eudaimônica, dos últimos 3 mil anos; essa antipatia resulta em dois tipos, o pessimista e o niilista, curingas do baralho moderno.

Não precisa ser gênio para notar que nossa civilização está estranha, desconfortável. Algo no mundo está essencialmente corrompido, às vezes nosso coração dispara e nossas mãos esfriam, e nós não temos ação, somos incapazes ou covardes demais.

Surge o pessimismo que, por saber da impossibilidade de completude da vida, conclui o sofrimento. Mas para os pessimistas, apesar da vida ser sofrimento, não deveria; filosofias, religiões, ciências, economia, arte e a jurisprudência surgem como ferramentas que objetivam desvendar do mistério do mundo, que, ao ser decifrado, apazigua as angústias da alma.

O niilismo vem em seguida, quando percebemos que nem mesmo essas ferramentas são capazes de alcançar qualquer conhecimento seguro sobre a realidade, mais que isso, destitui do real qualquer sentido imanente. Por isso, não centralizam seu pensamento em uma verdade. A filosofia se pauta, principalmente, no fortalecimento da própria vida, nossa única certeza.

Uma perspectiva maluca e talvez por isso, deve ser levada a sério: se todos os projetos humanos terminam em uma não-resposta, por que não fazer dá não-resposta nosso ponto de partida? O que de pior pode acontecer?

Sartre quando propôs a “condição humana” como alternativa a ideia de “essência humana” não quis apenas uma troca de palavras, mas uma via contundente do pensar que dê um passo adiante no projeto niilista de nossa época. Um pensamento que responsabiliza o Humano por seus atos valorativos.

É um real com núcleo flutuante, que acompanha o indivíduo e condiciona toda a humanidade. Porque é isso que os filósofos de verdade fazem. Entre angústia, desespero e desamparo, nós: o número de contaminados pelo coronavírus é incerto e perturbador, como o Problema dos Universais, a diferença é que o segundo não ganha os jornais. Muitas pessoas, pela primeira vez, têm acesso a autopercepções emocionais complexas e isso, para nós filósofos, é uma oportunidade de ouro.

A vida explica melhor que os franceses.

Como pensar aquilo que foi pensado como impensável? Se jogando; quando a premissa da vida é o Enigma do Mundo (por sinal, um mundo que não pode ser nem mesmo apreendido),

as situações e emoções da vida tem seus valores redimensionados.

O problema é que não aprendemos; lemos, mas não entendemos, caímos nos mesmos erros do passado. Nos apegamos a qualquer coisa que dá segurança, que nos diz o que fazer, nos faz esquecer da incerteza da solidão e tira a responsabilidade de pensar. Só não renunciamos ao direito a reunião semanal para reclamar, apontar os culpados, xingar mães que nem sabemos o nome.

Nosso desafio agora é maior, o Deus medieval foi substituído por um mais poderoso. "Deus morreu, mas foi ressuscitado no terceiro dia com o nome de Ciência!".

Por isso, se você se sente desorientado e ansioso com o isolamento e com as dúvidas do momento, *sapere aude*. E boa sorte na auto interrogação como indivíduo responsável por atribuir significado a sua própria existência. Porque é isso que os filósofos de verdade fazem.

Mia Gioconda: Com as tetas de fora, a moça do quadro da minha sala olha para a parede branca do lado, sem quadro nenhum. Para o que ela olha?

Não olha para mim. Eu olho para ela, e tenho a sensação que estou na exata perspectiva que tinha, em 1985, o artista que a pintou, um tal de J. A. Freitas Neto. Isso é tudo o que sei: ano, autor e que ela olha para uma parede em branco. O resto vejo. Não entendo, mesmo desenhada, não sei se a entendo...

Nada nela é totalmente definido, exceto os olhos fixos, mas de resto, parece estar prestes a se mover. Seus braços, colados no corpo, contradizem e limitam a movimentação, o que dá a impressão que sua pele contraiu, num reflexo.

Seu cabelo preso mostra suas orelhas, que ouviram, possivelmente, quem estava no lugar da parede branca. Os lábios carnudos estão comprimidos, o que acentua seu sulco nasogeniano (ou bigode chinês), aliás, esse sinal facial transparece que ela, aparentemente, passou dos 30 anos.

As pálpebras escurecidas; o cabelo na nuca, sem corte; o olhar melancólico, indícios de uma mulher comum, que habita o fundo vermelho. Talvez, influência de Fernand Léger. A imagem se dissolve no sem-fundo, se mantém pelo contraste e brilha, tão somente nos olhos amargurados, bem delimitados.

Penso nela, que a diarista apelidou de Monalise, sentada numa cama, escutando o desagradável de alguém que ama. Penso no pintor, e fantasio sua relação com a mulher retratada, com as tetas de fora. Será que ele resolveu ocupar outro espaço do ambiente, para assistir de um novo ângulo a ex-namorada, que por sua vez assistia, em algum lugar do passado, o discurso de término, proferido por ele mesmo? Ou é o olhar da mulher que mira o horizonte, num cais estrangeiro, na espera do pracinha?

São possibilidades imaginativas, mais de Félix que de Freitas. Um vizinho disse ver sensualidade no olhar dela. Eu só vejo a vista cansada, que olha pro tedioso branco, com as tetas de fora.

Da Ficção: Dizem que o pior inimigo do artista é seu público. Quando se trata de arte e entretenimento, a diferença entre consumo e apreciação é fundamental. No primeiro estado (o mais comum), existe uma necessidade de preenchimento, uma fome de diversão que assim que é saciada parte para devorar outra coisa.

São os consumidores ocasionais que olham para as histórias retratadas e acreditam que tratam de ficção e não retratos nublados de tragédias das quais são autores e protagonistas. No segundo a necessidade é outra, a de comunicação.

O autor e o público criam a obra em conjunto, dão sentido a ela em quatro mãos. Numa fala metafórica, como a da ficção, o centro da comunicação não está no argumento, mas naquilo que é entendido e que permite um desenvolvimento do entender.

Pensar com o Estômago: Aprender é um processo digestivo, tudo começa na apreensão, onde a percepção abocanha a realidade, come com os olhos. Depois da faringe simplificar as experiências, o estômago mistura o pedaço com as antigas memórias, para no fim, evacuar novas impressões.

Admito que evacuar não é a melhor palavra, porém é a que melhor descreve a escatologia que vem sendo produzida. Pensar é visceral, disso todo mundo sabe, mas nem todos estão dispostos a ficar de cócoras, atrás da moita.

Estou convencido que não é possível pensar bem, nem aprender bem, se o sujeito não souber ficar agachado. Uma posição tão primordial, que remete ao nosso passado na floresta, deve permanecer com nossa espécie. Mais que isso, vivenciada, com os calcanhares no chão. Porque só quem sabe flexionar os joelhos consegue impulso para grandes saltos. Não é por acaso que Os Sapos, de Manuel Bandeira, é um antiácido para a poesia, que geralmente tem digestão de jiboia-constritora.

Entre a boca e o cu existe muita coisa. Digo, entre a apreensão inicial e a manifestação final da ideia. Mas e se a ordem dos fatores é invertida? O ordinário momento em que a ideia chega antes da apreensão. Seria possível exprimir juízos sobre a existência sem a experiência concreta!?

A humanidade acumula conhecimentos, a partir de símbolos pictóricos (sejam tipográficos ou homens pintados em paredes), que evacua, justamente, ideias. A leitura desses símbolos é a prática de vida que provê possibilidades futuras, habitualmente encontradas no dia a dia, muito rico em proteínas.

Ler sobre o sabor do limão não é apreciar a fruta cítrica. As descrições dadas para a acidez podem ter coerência lógica, contudo, o significado que agrega só chega no momento da experiência, quando o sabor na língua ilumina as palavras que um dia foram lidas, num livro de ciências.

Você, hipotético leitor, termina o texto com a cabeça e a barriga cheia, a comida foi temperada com limão siciliano.

Limão que, por sua vez, é ótimo para a digestão. Faz o fígado produzir enzimas essenciais, melhora a bile e tem substâncias parecidas com a saliva, que ajudam a assimilar proteínas e amidos.

Da mesma forma que a leitura ajuda na apreensão do mundo, incorporando a mente de outros a sua, um ensaio para aprender melhor. Fome é nossa vontade de incorporar o mundo. Por falar nisso, aproveito que estamos aqui para lhe dizer: absolutamente tudo o que você lê é sobre você. Guarde isso no seu bolso de sapo, *croac-croac!*

Arte e Cultura: Cada época deixa, a seu modo, sua marca. Por exemplo, as polainas carregam, em suas dobras de lã, todo o espírito dos anos 80. Isso está além de um processo geracional, é o próprio tempo, que cruza, de maneira oportuna, com a consciência humana, que além de refleti-lo, produz polainas.

A cultura, que surgiu antes das polainas, só é possível de ser interpretada a partir delas. As meias carregam toda a magia oitentista, que pula ao som de *What a Feeling*, na frente de um júri entediado.

A cultura é o apanhado das produções humanas: ciência, indústria, legislação, esportes, Heitor Villa-Lobos, filosofia, skylab, toda a família Suplicy, Bispo do Rosário, religião, cinema, Milton da Costa, Inês Brasil e Einstein, Redes Sociais, Tom Zé, Luan Santana e Fora Bolsonaro, Jennifer Beals e polainas.

Isso significa que tudo que existe na sociedade, como seu reflexo (tal o excelentíssimo leitor), é pura cultura. Mesmo no contracultural. Um bom quadro, uma boa música, um texto bem escrito ou uma série de qualidade na Netflix pode ajudar a contemplar a realidade.

Quando se trata de arte, o assunto é gosto. Felizmente, gosto se discute: não podemos esquecer que Platão expulsou os poetas na República e, por isso, a cultura ocidental sempre considerou as expressões de ordem estéticas como de segunda linha.

A racionalização da realidade imperou no mundo, contaminou a arte, e endureceu no formalismo. As manifestações artísticas foram catalogadas, categorizadas em graus de excitação, formalizadas em métodos e, a partir disso, surgiu o crítico de arte, responsável por identificar quais trabalhos atendiam ou não a determinados critérios pré-estabelecidos.

A métrica parnasiana tirou espaço da variedade para a comunicação artística, em nome da padronização, típico impulso da razão; se alguém perguntasse à Kant o que ele acha do Palácio de Versalhes, símbolo iluminista e obra prima da arquitetura, ele diria, com certeza: “não gosto de coisas como essa, que são feitas meramente para embasbacar” com certeza, censuraria “(...) a vaidade dos grandes, que desperdiçam o suor do povo com coisas tão dispensáveis” e diria, modesto, “(...) se por um mero desejo, pudesse produzir magicamente um tal edifício suntuoso, nem sequer me daria a esse trabalho, se já tivesse uma cabana que fosse suficientemente confortável para mim”.¹⁷²

Me pergunto: o que ele pensaria sobre a Casa da Flor, localizada em São Pedro da Aldeia? Para Kant, a arte era fruto do gosto subjetivo que nascia de uma total falta de interesse, que vê beleza num objeto obsoleto na realidade; mas o que ele, e os críticos de arte, não contavam é o agudo interesse dos artistas.

Na Paris do século XIX, o desenvolvimento tecnológico permitiu a criação da câmara de campo, ou *field*; que era portátil. Além do primeiro passo para o Instagram, foi o fim da responsabilidade do pintor ser fidedigno ao retratado.

Os pintores franceses daquele período, simplesmente Monet, Renoir, Pissarro, Degas, no instinto mais interesseiro, transbordam os limites da forma. Em especial Paul Cézanne, pós-impressionista francês, cujo trabalho forneceu as bases da transição dos paradigmas artísticos do século XIX para a arte contemporânea, do século XX, e que, durante toda a vida, foi renegado pela crítica.

¹⁷² KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura e Outros textos Filosóficos**. Analítica do Belo. Trad. Marilena de Souza Chaui. p. 304;

Sua proposta que “não se contenta em ser um animal cultivado, assume a cultura desde o começo e a funda de novo, fala como o primeiro homem falou e pinta como se nunca se houvesse pintado”.¹⁷³

Cézanne criou o mundo em suas pinturas da visão e do visível, ou seja, do que é e do que aparenta ser, e com isso influenciou o cubismo, surrealismo, fauvismo, modernismo, abstração concretista, pós-modernismo, antropofagia, Júpiter Maçã e, em pouco tempo, provou que a crítica formalista era incompetente.

Não podemos avaliar o trabalho da Dra. Neri Oxman, que usa engenharia genética para criar esculturas; nem as casas projetadas por Madeline Gins, que tentam matar os moradores com suas formas inconstantes ou as animações reflexivas e psicodélicas desenvolvidas por Pendleton Ward.

O mundo mudou desde Kant, a arte também. A analítica do século XVIII, e os críticos do XIX não saberiam lidar com a anarquia do gosto, inaugurada pela estética cultural que colocou polainas em Cézanne.

A pintura transpôs a moldura, a música ficou atonal, a poesia desintegrou a gramática e o olhar apreciativo se espalhou por todos os aspectos da vida; aparece nos produtos da ação humana que, além de realizar funções pragmáticas, comunica um embelezamento; como uma casinha de taipa construída pelo filho de uma índia com um ex-escravo, enfeitada com cacos de vidro e cerâmicas quebradas, na longínqua Região dos Lagos.

Não considero que a arte precise de reconhecimento institucional, para se afirmar como tal; arte é uma criação artificial humana em manifestações que geram contemplação na relação com as belezas do mundo. Sem ceder espaço para ditas expressões que, travestidas de arte, perpetuam violências, como por exemplo, Guillermo Habacuc, que numa Bienal

¹⁷³ MERLEAU-PONTY, Maurice. **A DÚVIDA DE CÉZANNE**. In Os Pensadores, Husserl e Merleau-Ponty, Abril, SA, São Paulo, 1975. p. 310;

da América Central, em 2008, deixou um cão de rua morrer de fome, à vista do público. Uma pessoa do tipo não merece holofote, mas prisão.

Vivemos em conjunto, e produzimos a nossa vida de tal modo que não podemos nos libertar das determinações coletivas; produzimos como cultura aquilo que comunicamos, porque sempre comunicamos algo a alguém.

Cada época deixa, a seu modo, sua marca. Como nossa época marca? Não usamos mais polainas, nem tanto Kant, isso exige construções estéticas radicais. Por isso, convoco todos os artistas para o trabalho de construção da arte de agora, em impulso conjunto e firme que definirá as marcas dos brilhantes anos 20.

Pegue o cinzel, a caneta, o pincel e venha trabalhar, jogue na roda o que você tem feito! Polainas na gaveta não movem o mundo. Sem pretensões de sucesso ou preocupações com fracassos, expresse sua realidade interior que representa constantemente a si mesma, e confie em seu instinto criador.

“O mundo é para quem nasceu para conquistar e não para quem sonha que pode conquistá-lo, ainda que tenha razão”.¹⁷⁴

Cegos com *Headphones*: Estava recluso em meus pensamentos, mas percebia tudo em volta. Estava no terminal, na espera do terceiro ônibus, para, enfim, chegar em casa. Antes dali estava numa aula de Filosofia Medieval. Não, era Filosofia Moderna, sem dúvidas.

Plantado no chão, à espera do ônibus. Me sentia livre, tão livre que abstraía para contemplar a reclusão alheia, mais precisamente, de um cego que estava ao meu lado, com *headphones* no último volume. Ele ouvia uma rádio, era Pão FM. Não, em algum momento o fone gritou: “A RÁDIO DE ATITUDE MUSICAL”.

¹⁷⁴ Os versos acima, escritos com o heterônimo de Álvaro de Campos, foram extraídos do poema Tabacaria, disponível no Arquivo Pessoa, em: <<http://arquivopessoa.net/textos/163>>. Acesso em 20/11/2020;

A outra tem como lema "*panis et circenses*", então, com certeza, era Mundo de Liberdade que tocava, naquele pequeno aposento sem janelas.

Reparei em seus sapatos, roupas, em sua bengala dobrada, sua mochila nas costas e, como sempre faço, criei uma história para o indivíduo, que agora não consigo lembrar. Porque daquela figura, que dividia a espera comigo e que tive que alertar quando o ônibus chegou, só ficou a memória da ignorância. Como alguém, sem um sentido fundamental, prefere obstruir os outros meios da percepção? Mesmo que a rádio seja muito boa, nada é mais prazeroso que o som do ônibus, para te levar pra casa.

Logo que embarquei, preso nos meus pensamentos, vi naquele personagem um tipo caricato de gente bem comum, que prefere não ouvir, não falar, não ver, não pensar. Deixar de perceber, para alguns, é a única forma de ter um Mundo de Liberdade. Lembra qual o pior tipo de cego? É o que usa fones de ouvido.

Curitiba não nos Poupa¹⁷⁵: Com a pandemia, as instituições e o -2°C da noite, de maneira geral, podemos concordar que são tempos difíceis e gelados. Pessoalmente, nesses dias nublados, me sinto um tanto degenerado. Mas me felicito pela autoconsciência do estado de degenerescência, física e emocional; olho para o abismo-eu e não recuo se ele olhar de volta, nem permito que ele me deprima, intimide ou reprima.

Há um tempo passei por uma fase muito grandiosa, grande verão, de muito Sol. Só consigo passar este sombrio momento bem pelo calor que armazenei na temporada passada.

Meu último inverno faz um pouco mais de um ano, veio junto com a estação. Eu, que estava totalmente alienado de mim, me deixei passar. Foi um tempo que a vida foi e eu nem reparei. Aquele é um tempo em que reparo hoje, na atenção nossa de cada dia. Eram dias preenchidos por papeis de tinta sagrada, mas de pouco significado.

¹⁷⁵ Álvaro Posselt;

Os tempos difíceis são difíceis de significar, tudo passa tão devagar e indiferente, enquanto o inverno lasca a pele da gente. Continuo firme, não me deixo passar, consumo a energia guardada do verão, me guardo para florir na primavera. Ontem fez 4 graus, hoje o céu abriu. Um dia de sopa, outro de sorvete. E mesmo eu sendo um degenerado, em Curitiba, o Sol sempre volta a brilhar pros curitibanos.

As Coisas Não Costumam Cair do Céu, Mas As Vezes Acontece: O acaso é um dos meus assuntos preferidos. Afinal, uma coincidência bem vivenciada geralmente é chamada de Deus, *lógos*, sublime, *samatvam*, destino, harmonia, *Tao*, sinal do cosmos, etc.

Minha explicação preferida diz que o acaso é a conexão de dois momentos que não têm relação necessária, mas que são ligados pela mente que os percebe. Por exemplo, recebi a dica de um amigo: “coloque Espadas de São Jorge em seu quarto”.

Respondi: “onde posso arrumar?”.

Ele: “na calada da noite, quando não tiver mais ninguém nas ruas, você socializa as mudinhas de algum lugar que tem”.

Desde então já passaram 3 meses. Esses dias, enquanto passava pela Av. Vicente de Machado com uma amiga, percebi uma árvore quebrada. Ela foi atingida por um objeto grande, que caiu de um dos altos prédios. O objeto que acertou era, por sinal, um vaso com uma tremenda *Dracaena trifasciata*, ou Espada de São Jorge, que sobreviveu à queda e agora está no meu quarto.

Entre a dica e o resgate a Espada sempre esteve em algum espaço da minha mente, na espera de ser conectada a São Jorge. Um momento do passado iluminou, com um significado muito específico, um momento do presente: produziu um símbolo, que agrega todos esses momentos.

E exatamente no momento em que eu limpava o vaso e ajustava a planta, um amigo alquimista passou na rua, e testemunhou o momento. Talvez ele passar lá, hermeticamente

falando, seja uma forma do universo sinalizar que as coisas não caem do céu, pelo menos, não se ninguém estiver de olho.

Ansiedade: Estou encabulado nos últimos dias... devo produzir, por mim e por minha vida acadêmica, um escrito com análises filosóficas dos antigos pensadores gregos, aventura complexa e prazerosa.

E, em meio a isso, tu ressurges mais viva do que nunca, me lembrando de tudo aquilo que eu quero deixar. Te conheço desde sempre, para falar a verdade, nem sei como foi nosso primeiro encontro. Acho que nos aproximamos aos poucos, até que em determinado momento, tu já estavas plenamente em mim e eu em ti. Depois de anos um no outro, de maneiras tão únicas, vale a declaração (ou pelo menos, uma menção honrosa) em agradecimento pela companhia. Principalmente nos momentos de crise.

A memória mais antiga que tenho contigo se mistura com lembranças de vidas que não vivo mais. Porque tudo mudou desde que te conheci, mas tu continuas praticamente a mesma.

Desde meus 11 anos sou acompanhado por ti, que me nota, me busca e me abusa: na noite mal dormida, nas competições da escola, nos jantares de família, no túmulo da minha alma, que ressoa na lápide de minha boca. Abusos tão frequentes que se tornaram para mim, naturais, imperceptíveis. Embora sejam nítidos para qualquer olho atento que percebe a perna martelando o chão.

Por anos acreditei, pela ilusão do ego, que tu já tinhas ido embora, me deixado para sempre. Admito que cheguei a cogitar que tu e eu nunca tivemos elo algum. Daí se vê que, por tanto tempo, estive imerso em ti que confundi tuas características com as minhas, não sabendo distinguir o que era eu do que era tu. Sei que meu ser está ligado com meu fazer, e logo que meu fazer cessar, meu ser morrerá... Sei que morrerei.

Minhas pernas tremem de medo da morte, marcam o ritmo dos pensamentos que unificam a agitada sequência de

movimentos, que é o mundo. Então te contemplo, te chamo pelo nome: tento cotidianamente te domesticar, dominar, subjugar; te pegar pelos chifres e lutar; contudo, a cada confrontação o resultado é incerto e, hora ou outra, sou acertado no peito por seus chifres, que me rasgam, dilaceram, deixam minha respiração rápida e sem ritmo; assim como a vida que passa, ofegante –, usando as armas mais pesadas: músicas, livros, exercícios, meditação, um cigarrinho, de vez em quando, e, de vez em sempre, minha amada Filosofia, sua maior opositora.

Me convenci, depois de observar nossa estranha relação, que tu sempre estarás comigo, Ansiedade; que já somos há tanto um, que não poderíamos ser nada além do que somos agora. E agora eu estou aprendendo a te usar, te traduzir em palavras, em sons, signos. Porque no agora, mais do que nunca, entendo teu instinto mais básico, de sobrevivência. Sua vontade insaciável de querer viver mais um pouco, e com essa vontade estou de pleno acordo. Mas não vou me censurar de fazer a seguinte queixa: pô, Ansiedade, tudo bem ficar aí, mas me deixa trabalhar!

O resto segue no psicólogo.

Ativismo e Verbalismo: Me cansa ouvir que “as coisas só valem na prática, que a teoria nunca se aplica”. É uma frase comum, quase que um senso popular, que eu, particularmente, já tive várias vezes como respostas. Sua base é falaciosa, porque se a teoria não condiz com a realidade, está objetivamente errada. Além de cair num dualismo, pois ignora o corpo daquele que estuda e, também, participa do mundo. Essa é a fala de quem não conhece nem a teoria, nem a realidade.

Por outro lado, também ouvi várias vezes – essas não direcionadas para mim – que “esse povinho não tem condições fisiológicas de abstrair em nível formal”. Que a falta de proteínas fundamentais na infância ou a distribuição irregular da razão dialética faz com que certos grupos não consigam, por exemplo, um diploma de Phd. Outra falácia, porque todos os

seres racionais são da espécie humana. Sendo assim, mesmo que “essa gente” não tenha plena capacidade cognitiva, pode exercitar a mente, para fortalecer seus processos de apreensão e expressão. Essa é a resposta de quem conhece a teoria, a realidade, e faz questão que os pobres não a conheçam.

É fundamental que aquele que saiu da caverna volte para contar suas descobertas. Essas descobertas, chamamos de teorias. Como no mito de Platão, os que voltam para contar que viram a luz do Sol são ignorados, se não ridicularizados. Como a luz ilumina, o conhecível quer se tornar conhecido; se não, não é conhecimento real. Todo saber quer ser difundido, nem que isso machuque os olhos. Por isso que nenhum dos lados filosofa: um erra no começo, outro falha no fim.

Das Mudanças De Alma: Embora alguns amigos discordam, é a primeira vez que estou vivo. Pelo menos como Castro. O problema de acreditar viver pela primeira e única vez é que, sinceramente, não faço ideia do que está acontecendo. Suponho que fui estudar filosofia como impulso de tentar descobrir, efetivamente, as engrenagens do motor que move a vida e a condição humana.

Uma importante estação, seja lá qual for, está chegando ao fim. A cobra está prestes a morder seu rabo e a consciência desse acontecimento me atordoia. O que acontecerá depois? Como será o próximo recomeço? E o meu endereço, vai mudar?

Aprendi a lidar com as mudanças corriqueiras, mas algo tão grande me amedronta. Na última dessas, há uns 6 anos, experimentei o peso da coragem e da responsabilidade. Terei de repetir a dose.

“O sete é um número místico, é um número cíclico dizem que de sete em sete fases todas as coisas se transformam”¹⁷⁶.

¹⁷⁶ Trecho de Doenças da Alma, de Júpiter Apple. Disponível em: <>. Acesso em 20/11/2020;

A filosofia, pelo menos, me faz conhecer (e interpretar) meus erros passados, e alguns presentes, para aprimorar as possibilidades do futuro. Mas que futuro?

O mestre do Uruguai, o biólogo de Manaus, o peregrino das entradas, o recluso do interior paranaense, o bicho-grilo praieiro de SC, o artista promissor de São Paulo e o espiritualista oriental disputam para assumir, todos contra o atual curitibano. Estou agindo de improviso, sou um sujeito em situação. Não me siga, estou perdido! Todos estamos, mas eu admito e aguardo.

POEMAS, ELES, VERÃO, POR JUNIOR¹⁷⁷

O PROBLEMA DOS UNIVERSAIS - 02/04/2020

Objetos são as coisas nomeadas,
não por acaso, o sujeito nomeia a si:
todo Miguel é arcanjo? Todo pronome designa?
Tantos rostos, tantos nomes, tanta gente...

Quantos rostos tem um nome?
Leandro, por exemplo, tem quatro.
O primeiro morou comigo, mas já morreu,
o segundo conheci num abrigo,
o terceiro é meu senhoril
e o quarto um amigo querido.

O mesmo nome pode ter o mesmo rosto
como Letícia, qual sei de uma
como sei do telhado em telhas.
Me falaram que Tiago é nome de gente estressada,
Felix de gente enrolada,
e que toda Maria é composta.

A universalidade do nome
não abarca o particular do sujeito
que por meio de suas próprias características
faz-se um com seus nomes
diferenciando-se de todos
para integrar-se ao todo nominal.

¹⁷⁷ O primeiro volume de poemas que um jovem lança ao mundo na primavera de sua idade viril deveria ser como um botão ou uma flor primaveril, como os abrolhos brancos nas alamedas de Magdalen ou as primulas nos campos de Cumnor. (...) As duas características principais da vida moderna são a complexidade e a relatividade. Para transmitir a primeira, necessitamos de um clima cheio de sutilezas, sugestões e estranhas perspectivas; para transmitir a segunda, precisamos ter experiência WILDE, Oscar. **De Profundis e Outros escritos do cárcere.** L & PM POCKET. p. 39;

SEM NOMES - 08/10/2019

Vou revelar tua cara, moderno vigarista!
Tu, que te escondes com mil máscaras,
maldito pagliacci progressista!

Mentiroso...
cafajeste,
dissimulado.
Pivete perturbado,
puto pervertido
prepotente pedante.
Manipulador!
Egocêntrico,
invejoso,
arrogante,
"aparecido",
cão sarnento e vil que só pode ser
descrito na pena de Pessoa.
E pior, covarde!

Vou arrancar tua máscara:
dar canivetada na cara,
te picar, te cortar inteiro,
para sangrar tua face, explorador de quarteirões!
Expor o que se esconde
por debaixo de tua pele
cheia de poros,
que entre epiderme e hipoderme
tem uma fina camada de:
Eu?

Quando sua monstruosidade for escancarada, metidinho ca-
nalha
todos saberão de tuas falhas

PERI PHYSEOS:

Experimentalismo Semiótico sob o céu de Curitiba

e desse teu jeito:
idealista,
inconformista,
(e até, quem dirá, um pouco) PTista,
ébrio,
ranzinza,
bizarro,
bisonho.
Machista,
enrolado,
fracassado,
tratante,
possessivo,
medroso,
sedentário,
proveitador,
babaca,
irresponsável,
totalmente classe-média...
de ser.

A máscara no chão,
deixa a mostra teu rosto de Cronenberg,
que no terror desperta, o Uivo
teu nome selvagem.
Nome que, civilizadamente chamo:
"Hipócrita leitor, meu igual, meu irmão"

Seu filho da puta!

ENCONTROS NO CAOS - 13/02/2020

Tarantela
Goura, desconhecidos e Gabriela.
Círculo de harmonia:
o que seria tautocronia?
Arquétipos do tempo que
A Superlua, em signos, representaria.

Tarantela,
danço com meias vermelhas
da cor do livro, do sangue, do quarto, do ser
Libra e Aquário
Eros e Psyché.
Há coisas demais para se ler...
mas ainda não explica as sincronias.
Coincidência seria? O acaso nos regeria?
Ou o significado que atribui
se apropria da cena que vivi
fragmentando a improvável realidade
que alucina em sua própria vontade?

Quando uma coisa ilumina
e por outra luz também é iluminada
explode em danças
como destino,
no todo,
por nada.

PERI PHYSEOS:
Experimentalismo Semiótico sob o céu de Curitiba

TEM UM MENDIGO NA MINHA CASA - 10/02/2020
Dedicado ao que morou em minha casa.

Meu caro amigo me perdoe, por favor
a tremenda indiscrição
mas preciso desabafar, não suporto mais a situação.
É algo que não se costuma falar
porém há hábitos que não se pode ignorar:
você tem cheiro de mendigo
e com mendigo não dá pra morar!

O que surpreende
é que tu é mendigo por opção,
tem o banho à disposição
mas não se lava, nem limpa o chão.
Teus dentes, por si só, já são uma questão:
AI, QUE FALTA DE ESCOVAÇÃO!
E quando chego em casa, só decepção...
não tenho aconchego
teu cheiro faz arder a visão.

Seu fedor impregnou no sofá,
nem a faxineira conseguiu limpar,
(terei que descartar)
por isso, não posso deixar como está
logo as paredes vão descascar!

Não me leve a mal
não quero te ofender,
na minha opinião, é normal feder.
O que não é normal
é você não se limpar.
Meu caro amigo, seu animal.

HOMEM INCERTO - 30/07/2020

Não há como se concentrar em duplicidade
num único momento.

Não leio, não assisto, nem quero conversar.
Esqueço como se existe,
como se existir fosse só pensar.

Que sou eu?

Essa voz presa na mente
que controla e é o corpo
e que no agora vê, pensa e escreve;
que vive o desconforto eterno,
trancado num caderno.

Que é esse globo azul,
que vejo castanho no espelho?
Jóias coloridas que se olham
– e me olham –
que os hindus chamam de *maní*,
e que eu não sei nomear.
Olhos que veem as pessoas e o mundo,
e vão, as coisas que dentro estão.

Quando não se está fora de si
há mergulho em si, introspecção.
Fala-língua-mente-corpo-carne-reflexão.
Angústia de ter que ser
e ser tudo, em necessidades vagas, sem determinação.

Estou incerto, como o tempo que foi
e o espaço que virá.
Tão incerto que não consigo, nem mesmo
em mim mesmo
me concentrar.

PERI PHYSEOS:
Experimentalismo Semiótico sob o céu de Curitiba

PEDRA PRETA NA BEIRA DA ESTRADA - 15/08/2020

Pedra preta na beira da estrada,
escondida no bananal
olha os ônibus que passam,
com pequenas explosões controladas.

Poeta preso dentro do ônibus
acomodado na janela, sobre explosões controladas
olha as pedras que ficam
escondidas pela jornada.

A poltrona que era nova e confortável, não é mais.
O assento gasto pelas muitas bundas
não deixa mais ninguém se acomodar.
Os ônibus passam, as pedras ficam.
Nada é igual. Nunca é o mesmo lugar.

HISTÓRIA DO SABER HUMANO - 31/01/2020

Dedicado para Flave Moura.

A Curiosidade era nova na cidade
e por estar cheia de vontade
queria tudo conhecer.

Para não perder tempo,
por sua pouca paciência,
convidou Dona Ciência
para o mundo investigar.
Mas o tempo se fechou,
quando o Sr. Método chegou
para Ciência aprisionar.
Curiosidade fugiu de lá.

Como não terminou a investigação, seguia
conheceu Dona Filosofia
que disse saber por onde ia.
Mas pela lógica, Dona Filosofia tropeçou,
pelo caminho ficou, porque encontrou o Seu Certeza,
daqueles caras que confiantes falam a mesa:
"A é A", "B não-é C".

Que espanto da Curiosidade,
haveria alguma entidade que iria lhe ajudar?
Procurava Mãe-Natureza,
aquela que as outras duas prometeram mostrar.

E buscou...
E buscou...
E buscou...
E a resposta nunca vinha,
mas ao buscar, sorria
no trajeto conheceu a Sra. Poesia

PERI PHYSEOS:

Experimentalismo Semiótico sob o céu de Curitiba

que o mundo desobscurecia.

Curiosidade não estava saciada,
nem jamais estaria.

O enigma não estava revelado,
nem jamais se revelaria.

O que mudou agora é:

Finalmente, Curiosidade ouvia.

Adriano Felix Castro Junior

DIVISÃO DE BENS - 20/12/2020

*Dedicado para minhas irmãs, que participaram ativamente
do consórcio e do poema.*

Troquei minha geladeira
por um livro de Fernando Pessoa.
Não é a segurança do Reino
pela liberdade do cavalo.
É apenas
história da mudança.
O que esperar da herança?

CONCENTRAÇÃO DE RIQUEZAS - 02/05/2020

Com 18 anos meu vizinho comprou uma moto.
Eu, que já passei dos 20,
tenho como propriedade
uma cabeça cheia de ideias
e uma bela poltrona vermelha.

De posses, acumulo vícios e manias
(fumo demais, sempre bato 3x na porta).
Já tive bicicleta, celular e uma corrente de prata,
hoje todos esses bens estão no bolso do ladrão.
Ai de mim, cavalo azarão.

Pedras em mim, todas histórias
que levo, chamo de memórias:
carrego o mundo todo em mim.
Só não tenho uma moto,
isso deixo pro meu vizinho.

Adriano Felix Castro Junior

HORAS NIILISTAS - 05/07/2019

Dia: não sei.

Ano: sei lá...

Tenho um gênio? Talvez...

Adam Sandler deveria ganhar um Oscar.

PERI PHYSEOS:
Experimentalismo Semiótico sob o céu de Curitiba

R. FRANCISCO FREDERICO LEONE - CIC,
CURITIBA - 19/06/2020

A cadeira está na rua, que agora está na cadeira
e ambas, juntas, balançam.
Mas não são placas tectônicas que dançam.
A rua se move como pêndulo
entre o ser e o não-ser:
o balanço das festas afetadas pela bolsa de valores.
No balanço da creche, da cadeira ou da rede
a rua descansa, como uma em mudança
em um de seus muitos moradores que agora, balança.

OUÇO A TI, *LÓGOS* - 18/05/2020

Ouço a ti, *lógos*
no complexo *devir*.

Ouço a ti, *lógos*
entre duas borboletas mortas
e na flauta de Vivaldi.

Ouço a ti, *lógos*
nas fases da vida
numa fase da vida
que eu não sei bem decifrar.

Ouço a ti, *lógos*
no alemão, no hindu,
no grego e no pagão
– considerei até o cristão! –
mas só te encontro em casa, nos ocasos de ocasião.

Ouço a ti, *lógos*
e quando não te percebo
acho teu nome na mente
pensando te descubro
e quando penso *lógos*,
existo.

DIAS - ESQUECI DE DATAR

Dias bons.

Dias ruins.

Dias parados, como Terça
e semanas que são feitas apenas por Terças.

Dias insustentavelmente leves.

Dias de menta pesada.

Dias plenos, como sábado.

Dias tensos, como Quinta.

Dia de pelada,
geralmente Quarta.

Dia das peladas,
geralmente sexta.

Dias que se reúnem
e se amontoam entre
Segundas e Domingos:
labuta e procrastinação.

Dias não medidos pelo calendário,
mas pelas pessoas
que riscam seus números
e se arriscam a marcar
o Tempo que passou.

Adriano Felix Castro Junior

11 DE FEVEREIRO DE 1922 - 26/05/2020

São coisas vivas as dúvidas,
se alimentam da carne e angústias
do coitado que as perguntou.

Algumas dúvidas aparecem,
reaparecem e depois, desaparecem.
Hiperbólicas ou não, Mudam-se os Tempos, Mudam-se as Von-
tades
Mudam-se as dúvidas, mudam-se as verdades.

Hoje eu dúvido com você
como Rilke duvidou com Salomé:
"quando é o presente?"
ou, quando o presente é?

CORRENTE - 10/10/2020

Bradejo: “não mereço nada disso!”,
a vida me parece benevolente demais...
Vivo a mercê de toda sorte, sempre me arrisco
sei que a vida está atrás de cada risco.

Porém há certas pessoas, tipos especiais,
tornam o mundo um tanto agradável.
O humano pode não ser o ser mais amável,
mas não nasceu pra ser sozinho.
Vale mais que ouro ajudar um vizinho!

CORAGEM - 25/11/2020

Dedicado a Munira Gottardello

No tocante a vida,
concordo com Guimarães Rosa:
"O que ela quer da gente é coragem".

O medo aconselha,
a covardia limita.
Não temer é privilégio de quem ri,
se leva, se finge de artista.

É preciso ter coragem, para sentar e esperar.
É preciso ter coragem, e acelerar,
nem que seja para comprovar o teor da gravidade.

É preciso ter coragem, para enfrentar o ladrão
e redescobrir que "sim,
o diálogo ainda é solução".
É preciso ter coragem, beijar a garota
mesmo que ela apareça princesa, e tu, mendigo de roupa.

É preciso ter coragem, para ser abstrato e concretista,
japonês e paulista, como só no Brasil se pode ser.
É preciso ter coragem, dizer o não dito:
"você já foi raso, hoje é prolixo".
As cicatrizes são confissões de Alexandre.
Por isso levante, vá a luta,
mas antes é Raul que Raulzito vai ter que encarar.

Porque é essa a virtude do dominante:
se projeta nos instantes, incapaz de recuar.
No tocante a vida, recomendo coragem,
o impulso vital
de quem quer continuar.

CLIMA CURITIBANO - 23/10/2019

Entre a Serra do Mar
e a Serra de São Luiz do Purunã
a altitude de 945 m acima do nível do mar,
uma cidade de 432 km²,
fundada por portugueses,
capital de um Estado,
sem nenhuma pretensão,
e por um acaso climático,
retém a umidade que é trazida pelo litoral
e as massas de ar seco que dominam o centro-sul do Brasil,
trazendo tempo
frio e seco,
(especialmente no inverno).
O fato da cidade estar no sul do Brasil,
distante do Equador
influência na pacata vida atmosférica curitibana.

Nos anos 70 a neve caiu.
Desde então, tentativa após tentativa
os jornais anunciam o frio,
isso quando não falam da
"República de Curitiba", ou que
"Curitiba não parece Brasil".
Rússia brasileira,
ou Europa tropical,
Como o curitibano tem identidade nacional?
Há um clima regional?

Clima temperado, como os molhos,
que, como muitos curitibanos, não foram produzidos em Curitiba
mas que amontoados em uma pequena cadeira plástica,
servem pessoas;

que num sacro silêncio alimentar,
na soli(d/t)ária madrugada curitibana,
devoram duas vinas
e uma salada duvidosa,
no final da Trajano
– o que não importa –
porque esses cansados curitibanos
logo vão pra casa
depois de um longo rolê
E “que rolê, né, piazada!?”

Em meados do século XVIII
É construído em pedra, com uma bacia de ferro
um bebedouro.
Herança dos tropeiros e fazendeiros
que ainda hoje existente,
no centro do Largo da Ordem.
Espaço de bom gosto,
como casas em estilo déco,
o Palacete Wolf,
e ruas de paralelepipedos
que cercam as ruínas de uma igreja que nunca foi
mas que é
– por acaso do destino –
destino turístico da cidade,
nas escadas que guardam,
os céus de outono.

Tem jeito de italiano,
mas sotaque alemão.
Árabes já representaram 10% da população.
Maior colônia polonesa,
começou dos kaingang.
Dos ucranianos ganhou turquesa.
E o sol nascente japonês

PERI PHYSEOS:

Experimentalismo Semiótico sob o céu de Curitiba

combinou com o toque português.

Céu para todos ver,
há uma só vez.

Céu azul

Céu negro

Céu listrado de araucárias
que se aquece e se resfria,
confundindo os curitibanos,
provocando crises de rinite,
impedindo as roupas de secar,
encantando os olhos de uma professora
parada na janela de uma sala de aula ainda vazia,
e que logo se encherá.

E quando estiver cheia de gente
estará vazio de Céu
porque mais ninguém ali estará contemplando suas cores.

E mesmo se estivesse,
com o tempo veria apenas borrão.
Porque o Céu curitibano,
como as pessoas curitibanas,
se muito observado,
se esconde com nuvens nebulosas.

Nuvens pesadas

que pingam

e que ao pingar, acordam 75 bairros
da maior capital do Sul do país.

Matriz de muita gente que
ninguém sabe quem é.

Que discutem nos ônibus,
por causa dos bancos
(os de dentro e os de fora do coletivo)
que se espalham pela cidade
polinizando a água da chuva

por pontos, tubos e terminais.
Trabalhando como abelhas sindicalizadas,
que em meio a tanto inverno
produzem: primavera.

Como é a primavera de Curitiba?
Assim como todo coração curitibano:
Quente!
(como o *leite*;
famoso pela *dor de dente*)
Quente, como a Av. Cândido Hartmann
que embala, em suas leves curvas,
um curitibano sortudo, sonolento
que de carona num carro amigo
se sente aquecido, confortável.
E a vista do Barigui só pode dizer
o mesmo que a brisa da tarde:
"Afinal, em Curitiba, o clima está bom para poetas"

PARANISMO: PARADIGMA DAS ARAUCÁRIAS¹⁷⁸

SINOPSE

Este poema-ideia, talvez autobiográfico, narra o processo de criação artística e conceitual de Adriano Felix.

Foi escrito em 2021, nas pausas de seu trabalho como garçom. Nos versos performa o espanto, as opções metodológicas, conclusões possíveis e angústias periféricas da questão identitária do Paraná, o paranismo.

A Filosofia, embora abstrata, repara no espaço imediato e nos acontecimentos presentes. O paranismo é coletivo artístico que não se unifica pela abordagem estética, presença de determinada classe social, ou de qualquer categoria humana específica; antes, tem premissa geográfica. Quem produz arte no Paraná, mais que paranaense, é paranista. Contudo, o ufanismo regionalista só se articula na atualidade se, e somente se, aprender a congrega e comemorar suas próprias fragmentações. Pela recorrência de determinados termos (Paraná, Paranismo, Paradigma), o texto brinca com a aliteração, figura de linguagem que repete fonemas.

No que diz respeito às questões identitárias locais, com o tempo, o autor mudou de ideia; mas os versos ainda servem para perguntar: quem somos e como somos enquanto coletivo?

¹⁷⁸ Este projeto foi realizado com recursos do Programa de Apoio e Incentivo à Cultura – Fundação Cultural de Curitiba, da Prefeitura Municipal de Curitiba, da Secretaria Especial de Cultura, do Ministério do Turismo e do Governo Federal.

Passo pacato pela pequena porção do planeta.

Pupilas apreendem a província paranaense.

Passo e penso.

Me pergunto, profundo, pelo paradigma da poesia próxima.

Pouco me aparece. Só há espanto.

Pareço perdido. Preciso pensar.

Ponho o chapéu e projeto o percurso.

Peregrino por propostas de cúmplices.

Pondero possibilidades.

Procuro pistas nos pilares do pessimismo.

Postulo premissas e hipóteses.

Me aproximo do apolíneo para perscrutar a penumbra do prodigioso P.

Aplico *episteme* e publicidade.

Penso e passo lapsos e colapsos, no período do plástico e da poluição.

Passo pesado.

Pêndulo no trapézio.

Me preocupo, os pelos platinam...

Como proletário, performo Péricles, o paladino dos pedidos, espetinhos e prensados.

Penso, providencio e despacho.

Passo pano em copos e no piso.

Transporto pratos ao paladar.

Percebo que Pepsi não é a primeira opção.

Pago o pato, a pena, a COPEL e a Sanepar.

Passo na padaria e pago pães, e no poço despercebido do espírito, pelejo. O espanto não passa. Por pouco não penso o pior, e quase paro de proceder na *pólis* por problematização.

PERI PHYSEOS:

Experimentalismo Semiótico sob o céu de Curitiba

Passo espremido entre partidos políticos, pitagóricos patológicos e dos passivos peixes presos nas preces de Paulo, que policiam patentes, patéticos. Predicam as opressões panacéias: o “não pode”, o pseudo-primeiro-princípio, e protótipos compactos perfeitos.

Me pergunto: *permito opiniões?*

Compactuar com o pedagogo,
com psicólogo,
patrão,
ou pastor,
não compensa.

Primazia pessoal, não podem supor o que penso, pelo múltiplo-personagem.

Pulo as prisões, nunca pago a penitência de Procusto.

Pensador sai de perto para contemplar.

Parto para meu palácio psíquico, campado entre o Piquiri e o Paranapanema.

Pergunto pros pioneiros dos pinheirais: *por que paranismo?*

Inspiro o *pathos*; prático *pranas* na pausa pra passar a paranoia.

Personifico o pirata e pego aspas preciosas de produtores preocupados.

Apreendo. Compreendo. Surpreendo.

Explico primeira pessoa com respostas simpáticas.

Passo perene, na Philosophia.

Com pena pontuda pinto em painéis paisagens
com pontes entre povos.
Palavras puxam palavras
que puxam pessoas.

Paraná.
Paranismo.
Paradigma.
Palavras
são passos
peritos
no espaço
do papel.

Linha
aqui é pinha;
o prolixo é PINHÃO.
Papagaiada do português:
Pipipipopopo antropofágico
(permeado de permissiosos parêntesis).

Passo pistas.
Passo pássaros.
Passo no parque dos Tropeiros.
Reparo o passado.
Aprimoro com perspectiva a ruptura primordial do parto.
O espanto apazigua!
Profuso em parafuso pesquiso piadas e apresento para espe-
cialistas pretos e polacos.
Proponho permuta entre pólos.
Complico o implícito, implico com o público, fico puto e publi-
co o meu pior.
Provoco o prefeito e a pecuária, polemizo a pobreza da perife-
ria, sou duplamente repudiado.

PERI PHYSEOS:

Experimentalismo Semiótico sob o céu de Curitiba

Na prática, perante o palanque da plateia, pareço pro-pagão ou proto-gnostico, em pdf. Entre os prefixos prefiro o pós-pro-meteico e o pré-platônico. Não opto pelo *neo*, porque pode atrapalhar a potência e, pela pantomima do porvir, o *pós* não se aplica. Pelo presente, repudio o pijama positivista e episcopal, e permaneço *paranista*.

Pego no pulo o impulso primitivo.

No peito ele pulsa, impróprio.

Pego no pulso, e passo a me preocupar...

...parece parado...

...precisa poder... palpitar...

Penso o que penso e penso o que posso.

Não pertenço, passo; porém, preciso de espanto, para impedir a deprê.

Pronto.

Adriano Felix
Curitiba, 2021

